



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ALFREDO PLÁCIDO

Etsi Deus daretur: Logos - Verdade - Fé

**Perscrutando um vínculo fundamental
da teologia de Joseph Ratzinger / Bento XVI**

**Dissertação Final
sob orientação de:**

Professor Doutor José Jacinto Ferreira de Farias

**Lisboa
2014**

«Todo aquele que vive da Verdade escuta a minha voz».

Jo 18, 37.

«O cristão possui a grande confiança, mais ainda, a certeza basilar de poder tranquilamente fazer-se ao largo no vasto mar da verdade, sem dever temer pela sua identidade de cristão. Sem dúvida, não somos nós que possuímos a verdade, mas é ela que nos possui a nós: Cristo, que é a Verdade, tomou-nos pela mão e, no caminho da nossa busca apaixonada de conhecimento, sabemos que a sua mão nos sustenta firmemente. O facto de sermos interiormente sustentados pela mão de Cristo torna-nos simultaneamente livres e seguros. *Livres*: se somos sustentados por Ele, podemos, abertamente e sem medo, entrar em qualquer diálogo. *Seguros*, porque Ele não nos deixa, a não ser que sejamos nós mesmos a desligar-nos d'Ele. Unidos a Ele, estamos na luz da verdade».

Papa Bento XVI

INTRODUÇÃO

Logos - Verdade - Fé, vínculo fundamental constitutivo do Cristianismo tais realidades influem não apenas a teologia de Joseph Ratzinger / Bento XVI, como também se revelam cerne de toda a sua antropologia e do seu pensamento político e social, em múltiplas circunstâncias, proposto ao continente europeu e ao mundo como preciosíssimas coordenadas de caminhos *autenticamente humanos* e, por conseguinte, norteados pela procura da *Verdade*, penhor de cultura e do encontro com Deus.

Ciente de que a compreensão e a concretização do vínculo sobredito sucessivamente equaciona renovada indagação, a presente Dissertação, elaborada no contexto da conclusão do Mestrado Integrado em Teologia intenta, pois, perscrutar o lugar do mesmo no pensamento ratzingeriano, atendendo ainda, às suas ilações de âmbito antropológico e político-social. Neste sentido, arquitetou-se um plano de estudo cuja inspiração radica, de forma particular, em doze discursos da autoria de Bento XVI, proferidos diante de distintas assembleias representativas dos altos expoentes políticos e culturais. Debruçando-se sobre os problemas considerados pelo autor como os mais prementes da sociedade contemporânea, dos quais se sobreleva a conciliação entre razão e fé, lei e direito, justiça e liberdade religiosa, estes escritos, seleccionados de entre o seu vasto acervo, constituem um denso e coerente património reflexivo ao qual subjazem as principais intuições teológicas de Ratzinger, tratando-se, em suma, de um tesouro documental legado pelo Pontífice à Igreja e a toda a humanidade.

Integram o mencionado conjunto textual os discursos doravante citados: *Fazer ciência no horizonte de uma racionalidade aberta ao transcendente, a Deus* (sede romana da Universidade do Sagrado Coração - 25 de Novembro de 2005); *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões* (Universidade de Regensburg - 12 de Setembro de 2006); *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade* (discurso preparado para a visita adiada à Universidade de Roma *La Sapienza* - 17 de Janeiro de 2008); *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana* (*Catholic University of America* de Washington - 17 de

Abril de 2008); *Os direitos humanos radicados na justiça* (sede da Organização das Nações Unidas - 18 de Abril de 2008); *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura* (Collège des Bernardins de Paris - 12 de Setembro de 2008); *É hora de indicar novos mundos ao mundo* (Centro Cultural de Belém - 12 de Maio de 2010); *Razão e fé precisam uma da outra* (Parlamento de Londres - 17 de Setembro de 2010); *A consciência, chave para a construção do bem comum* (Teatro Nacional Croata - 4 de Junho de 2011); *A razão que segue a fé responde à sua vocação* (Vaticano - 30 de Junho de 2011); *Uma política ao serviço do direito e da justiça* (Parlamento federal alemão - 22 de Setembro de 2011); *Sem amor a ciência perde a sua humanidade* (sede romana da Universidade do Sagrado Coração - 3 de Maio de 2012).

Atentos os supracitados escritos o presente estudo consta, portanto, de uma exposição do pensamento do autor organizada em três momentos. No Capítulo Primeiro, intitulado «Joseph Ratzinger / Bento XVI: *Cooperador da Verdade*», explanam-se de forma sucinta os princípios da teologia ratzingeriana, bem como, as principais linhas orientadoras do pontificado de Bento XVI, procedendo-se, posteriormente, a uma análise detalhada de cada um dos discursos enunciados.

O Capítulo Segundo, sob a epígrafe «O *Logos* é a *Verdade*», estrutura-se, igualmente, em dois apartados, expondo primeiramente, como *status quaestionis*, o diagnóstico expresso por Joseph Ratzinger / Bento XVI concernente à sociedade actual, segundo entende, profundamente marcada pelo Iluminismo moderno e por um nefasto sentido relativista, considerando-se, do mesmo modo, ulteriormente, a proposta formulada pelo autor – *etsi Deus daretur* – referente ao empreendimento de esforços ordenados a um *Iluminismo pós-moderno*, enquanto âmbito de reconciliação entre a razão e a fé e, por conseguinte, favorável à necessária restauração do *ethos* e ao fomento de uma *ecologia humana*. Ainda neste contexto, em virtude da sua coincidência reflexiva com o pensamento ratzingeriano, alude-se a Marcello Pera, Professor Catedrático de Filosofia da Ciência na Universidade de Pisa e Presidente do Senado Italiano entre os anos 2001 e 2006. Em segundo lugar, partindo do entendimento do teólogo bávaro, procura-se esboçar uma aproximação às noções de *Logos* e de *Verdade* e um aprofundamento da correlação entre razão, liberdade e verdade. Conclui a referida abordagem uma sucinta exposição, ilustrada com o significativo testemunho do Beato John Henry Newman, acerca da *consciência*, tema muito caro ao autor, porquanto a mesma se constitui instância do encontro entre Deus e o homem e, por conseguinte, âmbito primeiro de liberdade e de verdade.

Por seu turno, explanando o capítulo precedente o entendimento ratzingeriano respeitante às noções de *Logos* e de *Verdade*, o Capítulo Terceiro conclui o presente estudo expondo a implicação destas no contexto da fé cristã, dada a perspectiva do autor acerca do Cristianismo enquanto *religião do Logos*. Assim, pautado pela expressão eclesial de fé na *Verdade* – «Acreditamos na *Verdade*» – o último capítulo procura primeiramente aprofundar a razão de credibilidade da fé cristã no *Logos* divino, bem como, o sentido eclesial da mesma fé, demonstrando, por fim, que *religião do Logos* radicada na *Verdade* e no *Amor*, o Cristianismo se constitui fonte do verdadeiro conhecimento e, por este motivo, caminho de *humanidade autêntica* proposto a todos os povos e culturas.

Encontrando-se a Dissertação, de forma singular, fundamentada nos doze discursos anteriormente elencados, a mesma vê-se ainda particularmente complementada pela consideração de três outros conjuntos de escritos de Bento XVI. Desde logo as Encíclicas do Pontífice – *Deus Caritas est* (25 de Dezembro de 2005); *Spe Salvi* (30 de Novembro de 2007); e *Caritas in Veritate* (29 de Junho de 2009) –, assim como a Encíclica *Lumen Fidei* (29 de Junho de 2013), iniciada pelo Papa alemão e concluída pelo seu sucessor, o Papa Francisco, bem como, os discursos pronunciados nos encontros com a Cúria Romana para a apresentação de bons votos de Natal, constando os mesmos de importantes sínteses sobre cada um dos anos do pontificado, e cinco dos textos proferidos nas audiências gerais de Quarta-feira, constitutivos do ciclo iniciado em 17 de Outubro de 2012, dedicado ao Ano da Fé.

Do mesmo modo, de entre as obras do teólogo Joseph Ratzinger, a presente investigação recolheu um especial contributo da célebre *Introdução ao Cristianismo*, publicada no ano de 1968, assim como do Prefácio redigido pelo autor em 2000, para a reedição da mesma obra no referido ano. Igual contribuição foi ainda auferida da colectânea do Cardeal Ratzinger composta por um artigo de 1963 e pelas intervenções realizadas entre os anos de 1992 e 2002, concernentes ao diálogo entre o Cristianismo e as demais religiões e culturas, publicada em 2003, com o título *Fé - Verdade - Tolerância*.

Por fim, também presentes na Bibliografia, as duas conferências do Arcebispo Georg Gänswein, Prefeito da Casa Pontifícia, atinentes às temáticas desenvolvidas por Bento XVI em alguns dos discursos em estudo, assim como, as diversas obras e artigos do Padre Pablo Blanco, Professor Adjunto na Universidade de Navarra, referentes aos mesmos assuntos, representaram um importante contributo na aproximação ao pensamento ratzingeriano, tendo sido particularmente consideradas.

CAPÍTULO PRIMEIRO

JOSEPH RATZINGER / BENTO XVI: *COOPERADOR DA VERDADE*

Principia o presente estudo uma sucinta exposição acerca da teologia e do pontificado de Joseph Ratzinger / Bento XVI. Tal como se indica na Introdução, neste Capítulo Primeiro elencam-se os fundamentos da teologia ratzingeriana, assim como as principais linhas conducentes do pontificado de Bento XVI e, num segundo apartado, analisam-se de forma detalhada cada um dos doze discursos pontifícios, aqui tomados como fontes para o aprofundamento do referido vínculo fundamental *Logos - Verdade - Fé* constitutivo do pensamento do autor. Encerra o mesmo Capítulo uma síntese conclusiva preliminar.

1.1. Joseph Ratzinger, teólogo e Papa

«Só a verdade é o fundamento adequado no qual o ser humano se pode firmar»¹. Desta forma lapidar, o teólogo e Papa *cooperador da verdade*², enunciava no início do seu percurso teológico, a intuição elementar segundo a qual, apenas alicerçado na verdade, o homem pode descobrir o sentido da existência. Com efeito, constata-se que a indagação pela verdade, o seu reconhecimento na Palavra de Deus revelada definitivamente em Jesus Cristo, e o esforço por demonstrar e propor esta mesma e única verdade, sempre se constituíram os pressupostos e os

¹ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o Símbolo Apostólico* (Estoril: Princípia 2005 [Original 1968]) 53; cf. *Fé e Futuro* (Estoril: Princípia 2008 [Original 1970]) 24-26.

² Cf. J. RATZINGER, *Mi vida. Recuerdos (1927-1977)* (Madrid: Encuentro 1997) 130: «Parecia-me, por um lado, encontrar [na referida divisa episcopal] a ligação entre a tarefa anterior de professor e a minha nova missão; o que estava em jogo, e continua a estar – embora com modalidades diferentes –, é seguir a verdade, estar ao seu serviço. E, por outro, escolhi este lema porque, no mundo actual, omite-se quase totalmente o tema da verdade, parecendo algo demasiado grande para o homem; e, todavia, tudo se desmorona se falta a verdade».

objectivos primeiros da busca pessoal e da reflexão do autor³, porquanto esta concerne à essencial perscrutação sobre o ser humano e, por conseguinte, sobre o próprio Deus, pelo que, segundo Ratzinger, «o homem tem de perguntar quem é ele mesmo, e para o fazer necessita também de interrogar se Deus existe, quem é Deus e o que é o mundo, sendo que homem que deixa de colocar estas questões, torna-se um homem sem critérios e sem caminho»⁴. Corrobora ainda tal premissa a profunda convicção do autor, segundo a qual, a grandeza singular do ser humano tem a sua raiz no facto do homem poder e desejar avidamente responder ao anseio inato de conhecer a verdade na sua integridade⁵.

Nascido em Marktl am Inn, em 16 de Abril de 1927, Sábado Santo⁶, o *Cardeal corajoso*, tal como o cognominava von Balthasar, no final da década de 1980, atendendo precisamente ao seu audacioso empreendimento teológico e pastoral ordenado à meta alta da verdade⁷, conheceu e manteve contacto com os vultos mais significativos da teologia centro-europeia do século XX, dos quais se salienta, Romano Guardini (1885-1968), Yves Congar (1904-1995), Karl Rahner (1904-1984), Henri de Lubac (1896-1991), Hans Urs von Balthasar (1905-1988), entre outros⁸.

Tendo, desde os estudos universitários, encontrado em Santo Agostinho, São Boaventura e São Tomás os seus três eminentes mestres, e nutrindo também uma singular deferência por John Henry Newman, o qual veio a beatificar em 19 de Setembro de 2010⁹,

³ Cf. J. RATZINGER, *Deus e o Mundo* (Coimbra: Tenacitas 2005 [Original 2000]) 224-225: «Devo dizer que no decorrer dos dez anos da minha vida como professor, senti fortemente dentro de mim a crise da reivindicação da verdade. Temia que o modo como maneamos o conceito de verdade no Cristianismo fosse arrogante e, inclusivamente, causa de desrespeito pelos demais. A pergunta era a seguinte: *até que ponto é ainda possível utilizar esta linguagem?*. Analisei metodicamente esta questão, e finalmente compreendi que renunciar à verdade supõe renunciar aos fundamentos da fé. [...] O Cristianismo apresenta-se como a pretensão de dizer-nos algo sobre Deus, sobre o mundo e sobre nós mesmos. Algo que é verdade e que nos ilumina. Por isso concluí que, precisamente nesta época de crise em que somos bombardeados com uma infinidade de dados científicos, mas em que somos impelidos para o subjectivismo no que respeita às autênticas indagações referentes ao ser humano, se torna, novamente, imprescindível buscar a verdade, assim como a coragem para a aceitar».

⁴ J. RATZINGER, *Fé, Verdade e Cultura. Reflexões a propósito da Encíclica Fides et Ratio*, in *Communio* 16/5 (1999) 466.

⁵ Cf. BENTO XVI, *Justiça, liberdade, perdão, reconciliação, esperança: compromissos formidáveis para construir a paz na verdade* - Discurso no encontro com o Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé para a apresentação de bons votos de Ano Novo (9 de Janeiro de 2006), in *L'Osservatore Romano* 37/2 (2006) 4; *A secularização na Igreja desnatura a fé e o estilo de vida dos fiéis* - Discurso na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura (8 de Março de 2008), in *L'Osservatore Romano* 39/11 (2008) 5.

⁶ Cf. J. RATZINGER, *Mi vida. Recuerdos (1927-1977)* 22; *La sal de la tierra. Cristianismo e Iglesia Católica ante el nuevo milénio* (Madrid: Palabra 2009 [Original 1996]) 47-48.

⁷ Cf. H. BALTHASAR, *Ratzinger, il Cardinale coraggioso*, in *La realtà e la gloria. Articoli e interviste* (Milão: Editoriale Italiana 1988) 79.

⁸ Cf. J. RATZINGER, *Mi vida. Recuerdos (1927-1977)* 98 e 119-120; P. BLANCO, *Joseph Ratzinger - Benedicto XVI. Un mapa de sus ideas* (Madrid: BAC 2012) 2.

⁹ Cf. BENTO XVI, *No sulco do cardeal Newman* - Mensagem aos fiéis britânicos por ocasião da viagem apostólica ao Reino Unido (8 de Setembro de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/37 (2010) 14.

bem como por Romano Guardini, o pensamento de Ratzinger abarca a história da teologia no seu todo, desde a antiguidade pagã e cristã, aos Padres da Igreja e aos mestres medievais e modernos, numa, igualmente, atenta consideração dos mais recentes autores contemporâneos, assim como dos nomes mais sonantes da história da filosofia¹⁰.

Nomeado Arcebispo de Munique e Freisinga em 1977 e feito Cardeal no mesmo ano, foi Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé desde 1981, e eleito o ducentésimo sexagésimo quinto sucessor de São Pedro em 19 de Abril de 2005, apresentando-se como um «simples e humilde trabalhador na vinha do Senhor»¹¹. Volvidos cerca de oito anos de pontificado, Bento XVI renunciou ao ministério de bispo de Roma em 28 de Fevereiro de 2013¹².

1.1.1. Princípios teológicos

A demanda pela *Verdade* levada a cabo por Ratzinger radica antes de mais na constatação do nexó originário e intrínseco estabelecido entre teologia e filosofia e, de forma paradigmática, entre Cristianismo e razão, âmbitos entre os quais o autor entende dever vigorar um diálogo mutuamente profícuo¹³. Efectivamente, a teologia ratzingeriana consta, antes de mais, de uma expressa reivindicação da razão para a justa consideração da fé cristã, numa afirmação daquela como verdadeiro postulado e condição desta. Por seu turno, o Cristianismo constitui-se garante da própria racionalidade, uma vez que, tal como sustenta o autor, *religião do Logos* radicada na *Verdade* e no *Amor*, este impede a submersão da razão no mero positivismo e, conseqüentemente, a sua redução e degradação em subjectivismo¹⁴.

¹⁰ Cf. J. RATZINGER, *La sal de la tierra. Cristianismo e Iglesia Católica ante el nuevo milénio*, 65-68; P. BLANCO, *Joseph Ratzinger. Vida y teología* (Madrid: Rialp 2006) 23-37; P. BLANCO, *Joseph Ratzinger - Benedicto XVI. Un mapa de sus ideas*, 3-14.

¹¹ BENTO XVI, *Primeira saudação de Bento XVI - Mensagem Urbi et Orbi* (19 de Abril de 2005), in *L'Osservatore Romano* 36/17 (2005) 1; cf. P. BLANCO, *Joseph Ratzinger. Una biografía* (Navarra: Eunsa 2004) 117-142; A. TORNIELLI, *O Papa Bento XVI. O Guardião da Fé* (Lisboa: Presença 2005) 13-14.

¹² Cf. BENTO XVI, *Declaratio* - Discurso por ocasião do anúncio da renúncia ao ministério de bispo de Roma (11 de Fevereiro de 2013), in *L'Osservatore Romano* 44/7 (2013) 1.

¹³ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: ontem, hoje e amanhã* - Prefácio à reedição do ano 2000, in *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o Símbolo Apostólico* (Estoril: Princípiã 2005 [Original 1968]) 17-19; *Teoría de los Principios Teológicos. Materiales para una teología fundamental* (Madrid: Herder 2005 [Original 1982]) 15-29 e 388-399; A. BELLANDI, *Considerazioni sullo statuto epistemologico della teologia negli scritti di Joseph Ratzinger*, in *Vivens homo* 6 (1995) 50-55.

¹⁴ Cf. J. RATZINGER, *Dogma e Anúncio* (São Paulo: Loyola 2008 [Original 1973]) 98-99; *Fé, Verdade e Tolerância. O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo* (Lisboa: Universidade Católica Editora 2007 [Original 2003]) 68-74; E. MOROS, *La importancia de la verdad. Análisis de siete obras recientes sobre la verdad*, in *Scripta Theologica* 39/3 (2007) 908-910; A. SABETTA, *Rivelazione Cristiana e Ragione*, in

Neste sentido, porque reveladora do *Logos*, da *Razão Criadora*, o teólogo alemão considera a fé cristã como opção pela prioridade da razão e do racional, não num sentido estritamente matemático, como acima se atestou, mas como decisão pela razão na sua autenticidade, ou seja, enquanto dimensionada pela incomensurável medida do *Amor*, que é Deus mesmo¹⁵.

Entendido como *Ágape*, o *Logos*, a *Razão Criadora*, encerra, portanto, o sentido e a verdade de todas as coisas, inclusivamente, da própria razão humana e, por conseguinte, da consciência moral¹⁶. Compreende-se, assim, ser precisamente a partir do pressuposto da íntima convergência entre Cristianismo e razão que se torna possível perscrutar o vínculo fundamental da teologia ratzingeriana em estudo, sendo que a constatação, por parte do autor, de tais inter-relações – Deus-criação, *Logos/Verdade-Amor*, razão-fé – resulta do profundo amadurecimento reflexivo empreendido pelo teólogo Joseph Ratzinger durante toda a sua vida, o qual, enquanto Pontífice, veio a assumir como orientação do seu ministério petrino, tal como se deduz dos discursos seguidamente analisados¹⁷.

Rassegna di Teologia 50 (2009) 144-146; P. BLANCO, *La Razón en el Cristianismo. Una reivindicación de Joseph Ratzinger*, in *Scripta Theologica* 37/2 (2005) 643-642, 654-659.

¹⁵ Cf. BENTO XVI, *Fazer com que Deus esteja presente na vida de toda a humanidade* - Discurso no encontro com os jovens de Roma e do Lácio, em preparação para a XXI Jornada Mundial da Juventude (6 de Abril de 2006), in *L'Osservatore Romano* 37/15 (2006) 7: «Deus ou existe ou não existe. Há apenas duas opções. Ou se reconhece a prioridade da razão, da *Razão Criadora* que está na origem de tudo e é o princípio de tudo [...] ou se defende a prioridade do irracional, segundo o qual [...] a razão seria um produto da irracionalidade [...]. Mas a grande opção do Cristianismo é a opção pela racionalidade e pela prioridade da razão [...]. E aqui temos realmente necessidade do Deus que se fez carne e que nos mostra como Ele não seja apenas uma razão matemática, mas que esta razão originária também é *Amor* [...]. Por isso, podemos elaborar com confiança uma filosofia, uma visão do mundo que esteja baseada nesta prioridade da razão, nesta confiança de que a *Razão Criadora* é *Amor*, e que este *Amor* é Deus»; J. RATZINGER, *Teoría de los Principios Teológicos. Materiales para una teología fundamental*, 404-412; J. RATZINGER - P. d'ARCAIS, *Existe Deus? Um confronto sobre verdade, fé e ateísmo* (Lisboa: Pedra Angular 2009 [Original 2000]) 19-20; A. VIGO, *Cristianismo y opción por el Logos*, in *Scripta Theologica* 39/3 (2007) 854-855.

¹⁶ Cf. J. RATZINGER, *El elogio de la conciencia. La Verdad interroga al corazón* (Madrid: Palabra 2010), 85; R. FISICHELLA, *Verità, fede e ragione in Joseph Ratzinger*, in *PATH* 6/1 (2007) 27-34; P. BLANCO, *Logos. Joseph Ratzinger y la historia de una palabra*, in *Revista de Filosofía y Psicología* 14/1 (2006) 77-79; R. TREMBLAY, *Deus Caritas est: per una teologia ed etica dell'amore*, in *Rivista di Teologia Morale* 178 (2013) 178-181.

¹⁷ Cf. U. CASALE, *La teología de Ratzinger*, in U. CASALE (coordenador), *Fe y ciencia. Un diálogo necesario* (Cantabria: Sal Terrae 2011 [Original 2010]) 43-59; D. WALSH, *La Persona como núcleo de la Nueva Evangelización*, in P. BLANCO - R. GARCÍA (coordenadores), *Benedicto XVI habla sobre Cultura y Sociedad* (Madrid: Palabra 2013) 149; G. VIGINI, *Guia para a leitura da obra de Joseph Ratzinger - Bento XVI* (Cascais: Lucerna 2012) 7-10.

1.1.2. Linhas orientadoras do pontificado

Na manhã seguinte à sua eleição pontifícia, Bento XVI explanou na Capela Sistina o programa por si delineado para o desempenho do seu ministério de sucessor de São Pedro. Em tal ocasião o Pontífice afirmou pautar-se pela vontade decidida de prosseguir o compromisso do Concílio Vaticano II em continuidade com os seus Predecessores enunciando, então, para o efeito, o retomar do labor levado a cabo no âmbito da nova evangelização, assim como, o empreendimento de esforços nas tarefas fundamentais da educação, da renovação da Igreja e do fomento do diálogo inter-religioso. Ainda na mesma circunstância o Papa transpôs a esfera religiosa, e dirigiu-se a todos os que procuram uma resposta para os interrogativos fundamentais da existência, garantindo que a Igreja quer tecer com os mesmos um diálogo aberto e sincero, ordenado à busca do verdadeiro bem do homem e da sociedade. Tais intuições vieram, posteriormente, a ser reiteradas e expostas com maior desenvoltura no primeiro encontro de Bento XVI com a Cúria Romana para a apresentação de bons votos de Natal¹⁸.

Atentos os sobreditos princípios teológicos e as primeiras orientações programáticas do ministério petrino do autor, considera-se agora a estreita relação dos mesmos com alguns dos seus documentos pontifícios e feitos particulares do pontificado. Desde logo as três Encíclicas de Bento XVI, assim como a Encíclica *Lumen Fidei*, constituindo-se partes de um todo, expressam de forma singular o vínculo teológico em estudo¹⁹.

¹⁸ Cf. BENTO XVI, *Desejo afirmar com vigor a vontade decidida de prosseguir o compromisso do Concílio Vaticano II em continuidade com os meus Predecessores* - Primeira mensagem pontifícia (20 de Abril de 2005), in *L'Osservatore Romano* 36/17 (2005) 6-7; *Uma justa hermenêutica para ler e receber o Concílio como uma grande força de renovação da Igreja* - Discurso no encontro com a Cúria Romana para a apresentação de bons votos de Natal (22 de Dezembro de 2005), in *L'Osservatore Romano* 36/52 (2008) 6-8; G. VIGINI, *Guia para a leitura da obra de Joseph Ratzinger - Bento XVI*, 79-120; C. ALEJOS, *Educar en la fe*, in P. BLANCO (coordenador), *Benedicto XVI habla sobre Fe y Nueva Evangelización* (Madrid: Palabra 2012) 145-151.

¹⁹ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas est* (25 de Dezembro de 2005), in *Acta Apostolicae Sedis* 98/3 (2006) 217-252; Carta Encíclica *Spe Salvi* (30 de Novembro de 2007), in *Acta Apostolicae Sedis* 99/12 (2007) 985-1027; Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de Junho de 2009), in *Acta Apostolicae Sedis* 101/8 (2009) 641-709; FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei* (29 de Junho de 2013), in *Acta Apostolicae Sedis* 105/7 (2013) 555-596, 7 (nas referências seguintes de cada uma das Cartas Encíclicas não serão indicadas as páginas correspondentes da *Acta Apostolicae Sedis*, mas o número respectivo do texto pontifício citado): «Estas considerações sobre a fé [...] pretendem juntar-se a tudo aquilo que Bento XVI escreveu nas encíclicas sobre a caridade e a esperança. Ele já tinha quase concluído uma primeira redacção desta encíclica sobre a fé. Estou-lhe profundamente agradecido e, na fraternidade de Cristo, assumo o seu precioso trabalho, limitando-me a acrescentar ao texto qualquer nova contribuição»; G. MÜLLER, *Um remédio eficaz contra a tristeza de Babel* - Apresentação da Carta Encíclica *Lumen Fidei*, in *L'Osservatore Romano* 44/27 (2013) 4: «Trata-se de uma feliz circunstância que este texto tenha sido escrito, por assim dizer, com a mão de dois Pontífices. Quem a lê pode notar imediatamente – além das diferenças de estilo, de sensibilidade e de características – a substancial continuidade da mensagem do Papa Francisco com o magistério de Bento XVI»; J. ALONSO, *La belleza de creer*, in P. BLANCO (coordenador), *Benedicto XVI habla sobre Fe y Nueva Evangelización* (Madrid: Palabra 2012) 134-137.

No mesmo sentido o Ano Paulino e o Ano da Fé, proclamados pelo Pontífice, revelaram-se ocasiões proeminentes para a proposta e o aprofundamento de uma fé radicada na razão, enquanto caminho de *verdade autêntica*²⁰. E, de igual modo, se considera a instituição do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, assim como a realização da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos convocada por Bento XVI para a reflexão sobre «a nova evangelização para a transmissão da fé»²¹.

1.2. Propondo ao mundo caminhos de *Verdade*

Já antes de ocupar a Cátedra de Roma e, particularmente, no decorrer do seu pontificado, Bento XVI dialogou com inúmeros líderes políticos e com representantes culturais de vários países europeus e das principais instituições internacionais. Em tais contextos, como se mencionou anteriormente, o autor procurou expor, entre demais temáticas, a sua análise acerca das problemáticas por si tidas como mormente preponderantes, sejam de ordem político-social sejam de âmbito cultural, apresentando para as mesmas ousadas propostas de resolução, alicerçadas sempre na firme convicção de que o homem pode e quer conhecer a *Verdade*, pelo que a razão humana deve procurar ser verdadeiramente razão²².

Singularmente pautado pela sua própria experiência pessoal de uma juventude transcorrida num Estado de injustiça nazi – realidade esta recorrentemente ilustrativa do seu entendimento de que um determinado direito vigente pode configurar-se como injustiça –, o

²⁰ Cf. BENTO XVI, *São Pedro e São Paulo consumaram a sua existência pelo dom da unidade* - Homilia na celebração das Primeiras Vésperas da Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo (28 de Junho de 2007), in *L'Osservatore Romano* 38/27 (2007) 4; Carta Apostólica *Porta Fidei* (11 de Outubro de 2011), in *L'Osservatore Romano* 42/43 (2011) 4-7; P. BLANCO, *La alegría de la fe*, in P. BLANCO (coordenador), *Benedicto XVI habla sobre Fe y Nueva Evangelización* (Madrid: Palabra 2012) 7-16; P. SARTOR, *La proposta della fede nelle omelie di Benedetto XVI*, in *La Scuola Cattolica* 141/1 (2013) 12-15.

²¹ Cf. BENTO XVI, *A Igreja é uma imensa força renovadora* - Homilia na celebração das Primeiras Vésperas da Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo (28 de Junho de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/27 (2010) 6; Carta Apostólica *Ubicumque et semper* (21 de Setembro de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/42 (2010) 20-21; XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *O Evangelho no mundo* - Mensagem do Sínodo ao Povo de Deus (26 de Outubro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/44 (2012) 6-9; R. FISICHELLA, *A Nova Evangelização. Um desafio para sair da indiferença* (Lisboa: Paulus 2012) 5-20.

²² Cf. BENTO XVI, *Justiça, liberdade, perdão, reconciliação, esperança: compromissos formidáveis para construir a paz na verdade*, 4; G. GÄNSWEIN, *Diritto naturale, Religione e Stato di diritto. I discorsi di Benedetto XVI a Berlino e Londra alla luce del suo pensiero teologico* - Intervenção na apresentação da obra *La legge di Re Salomone. Ragione e diritto nei discorsi di Benedetto XVI* (30 de Janeiro de 2014), in www.fondazioneratzinger.va/content/fondazioneratzinger/it/news.html (consultado à data de 17 de Junho de 2014) 2; E. ESLAVA, *La razón mutilada. Ciencia, razón y fe en el pensamiento de Joseph Ratzinger*, in *Scripta Theologica* 39/3 (2007) 842-847.

pensamento do Papa Ratzinger concernente ao direito natural, à liberdade religiosa e ao Estado de direito compreende-se, enfim, mediante a referida perspectiva original acerca do Cristianismo enquanto *religião universal*, dirigida a todos os povos e pela confiança na possibilidade da razão se transcender a si mesma, inferindo-se, pois, da posição ratzingeriana, o entendimento de que o fundamento da norma jurídica não é a revelação divina, mas antes a razão e a natureza compreendidas na sua inter-relação²³.

Deste argumento, o Pontífice deduz a consciência de que a um direito autêntico são inerentes verdadeiras e justas normas morais, cuja aferição não se realiza segundo um qualquer sistema de maiorias ou por conveniência técnica, tratando-se antes da séria perscrutação do verdadeiro direito, assim como, da fonte donde dimana a veracidade em causa. Neste sentido, depreende-se das intervenções do autor, de seguida analisadas, um reiterado convite a que a teologia, emancipada do relativismo e em diálogo com a filosofia, mostre ao mundo a *Verdade* revelada, bem como, a que todas as instâncias políticas e sociais se interroguem acerca da verdade do direito, impelindo as mesmas a um diálogo público e democrático orientado pelos princípios universais acessíveis a todos, em ordem ao aprofundamento da mútua correlação estabelecida entre natureza e razão²⁴.

1.2.1. Um peculiar conjunto de escritos

Das sobreditas circunstâncias em que o Papa Ratzinger dialogou com líderes políticos, agentes culturais e comunidades académicas, resultou um vasto legado documental, constitutivo de um denso acervo reflexivo concernente às questões destacadas pelo Pontífice como as fundamentais da sociedade contemporânea, das quais ressaltam, como anteriormente

²³ Cf. J. RATZINGER, *Fé, Verdade e Tolerância. O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo*, 68-74; G. GÄNSWEIN, *Diritto naturale, Religione e Stato di diritto. I discorsi di Benedetto XVI a Berlino e Londra alla luce del suo pensiero teologico*, 1-2: «Trata-se da aferição dos critérios objectivos da moralidade que não são subordináveis ao poder humano. O direito natural constitui uma exigência ética ao direito, o qual não é direito vigente, mas moralmente direito normativo, que demonstra como apenas o aspecto ético-jurídico pode ser legitimante direito vigente»; J. ASENSI, *Ética da Fé na obra de Joseph Ratzinger* (Lisboa: Paulus 2007) 48.

²⁴ Cf. J. RATZINGER, *Verdade - Valores - Poder. Pedras-de-toque da sociedade pluralista* (Braga: Editorial Franciscana 2006 [Original 1993]) 21-22; G. GÄNSWEIN, *I discorsi politici di Benedetto XVI nei suoi viaggi apostolici all'estero*, - Intervenção nas Jornadas de Estudo *I viaggi dei Papi tra diplomazia e comunicazione* (5 de Junho de 2014), in www.fondazioneratzinger.va/content/fondazioneratzinger/it.html (consultado à data de 17 de Junho de 2014) 3-4: «Nesta perspectiva falar de religião no espaço público não equivale, como erroneamente se presume, a introduzir um princípio fideísta no diálogo democrático, nem implica atingir mecanicamente os preceitos religiosos como fonte para a regularização dos problemas sociais, políticos e jurídicos. O primeiro e fundamental contributo de Bento XVI consta, portanto, da sua advertência para o facto de que a fundamentação última do direito radica na busca da razão e na compreensão da natureza [...]».

se observou, a relação entre razão e fé, lei e direito, justiça e liberdade religiosa²⁵. Do referido legado seleccionou-se o conjunto de escritos, inicialmente apresentado, o qual reúne intervenções de Bento XVI realizadas entre os anos de 2005 e 2012, numa abrangência integral do seu pontificado. Destinados a instituições ou a contextos radicados em âmbito democrático ou que, pelo menos, partilham a seu modo, na base da própria existência, dos princípios de civilização jurídico-política de tradição ocidental, os discursos seleccionados, paradigmáticos ainda pela admirável versatilidade e adequação formal à especificidade do auditório para o qual foram redigidos, constituem, portanto, um peculiar conjunto de escritos que, na sua intrínseca interligação, expõem ideias-chave projectadas, desenvolvidas e propostas pelo pensamento ratzingeriano, de forma orgânica e coerente, subjacente às quais se evidenciam os supramencionados princípios teológicos do autor²⁶.

**1.2.1.1. Discurso na visita à sede romana
da Universidade do Sagrado Coração
por ocasião da inauguração do Ano Académico
(25 de Novembro de 2005)²⁷**

O discurso proferido por Bento XVI no dia 25 de Novembro de 2005, aquando da sua visita à sede romana da Universidade do Sagrado Coração para a inauguração do Ano Académico, consta do primeiro escrito analisado neste estudo, o qual toma como mote de reflexão a premente indagação concernente à cultura encontrada, assimilada e elaborada pelos alunos da referida instituição. Atento tal ponto de partida, posteriormente, o Pontífice desenvolve o seu pensamento acerca do confronto estimulante entre fé e razão, sustentando que o grande desafio das universidades católicas consiste em «fazer ciência no horizonte de uma racionalidade verdadeira [...], segundo uma razão aberta à questão da verdade e aos grandes valores inscritos no próprio ser, por conseguinte, aberta ao transcendente, a Deus»²⁸. Segundo o autor, este eminente repto sabe-se exequível «precisamente à luz da revelação de Cristo, que uniu em si Deus e homem, eternidade e tempo, espírito e matéria»²⁹. É, pois, apoiado nesta verdade fundamental de fé e ao mesmo tempo de razão que o Papa Ratzinger

²⁵ Cf. P. BLANCO, *Modernidad y posmodernidad*, in P. BLANCO - R. GARCÍA (coordenadores), *Benedicto XVI habla sobre Cultura y Sociedad* (Madrid: Palabra 2013) 5-25.

²⁶ Cf. G. GÄNSWEIN, *I discorsi politici di Benedetto XVI nei suoi viaggi apostolici all'estero*, 1-2.

²⁷ BENTO XVI, *Fazer ciência no horizonte de uma racionalidade aberta ao transcendente, a Deus* - Discurso na visita à sede romana da Universidade do Sagrado Coração por ocasião da inauguração do Ano Académico (25 de Novembro de 2005), in *L'Osservatore Romano* 36/49 (2005) 7, 9.

²⁸ BENTO XVI, *Fazer ciência no horizonte de uma racionalidade aberta ao transcendente, a Deus*, 7.

²⁹ BENTO XVI, *Fazer ciência no horizonte de uma racionalidade aberta ao transcendente, a Deus*, 7.

argumenta não apenas a possibilidade, mas aliás a necessidade de, novamente, conjugar fé e ciência³⁰.

Como se indicou em momentos anteriores, e tal como se verifica em cada um dos discursos adiante dissecados, as propostas de Bento XVI, atinentes ao que em outros lugares denomina de *Iluminismo pós-moderno* e sumariamente elencadas neste primeiro texto em estudo, têm por fim responder às contestações levantadas por várias correntes da filosofia moderna contrárias à harmoniosa síntese entre fé e razão alcançada por São Tomás de Aquino e por demais vultos do pensamento cristão, bem como à vilipendiada noção de racionalidade que o autor entende ser hoje dominante, e cujo resultado último se concretiza no abandono da busca pelo verdadeiro e pelo bem, fins substituídos pelo estrito sentido do utilitarismo e do concretizável³¹.

Por seu turno, e constatando-se este aspecto um hábito literário do autor, as suas considerações finais reportam o leitor para a temática inicialmente enunciada, a qual neste escrito se prende com a responsabilidade confiada às universidades católicas no fomento e na transmissão de uma cultura autêntica, âmbito no qual o mesmo exalta a síntese entre *verdade* e *amor* como centro vital da cultura católica³².

1.2.1.2. Discurso no encontro com os representantes do mundo científico e cultural da Baviera na Aula Magna da Universidade de Regensburg (12 de Setembro de 2006)³³

A célebre *lição* proferida a 12 de Setembro de 2006 na Aula Magna da Universidade de Regensburg, em estreita ligação com o discurso redigido para a visita à sede romana da Universidade do Sagrado Coração, anteriormente analisado, desenvolveu-se igualmente num

³⁰ Cf. BENTO XVI, *Fazer ciência no horizonte de uma racionalidade aberta ao transcendente, a Deus*, 7; J. RATZINGER, *Fé, Verdade e Tolerância. O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo*, 30.

³¹ Cf. BENTO XVI, *Fazer ciência no horizonte de uma racionalidade aberta ao transcendente, a Deus*, 7: «A consequência desta contestação foi que como critério de racionalidade foi-se afirmando de modo cada vez mais exclusivo o da demonstrabilidade mediante a experiência. As questões fundamentais do homem como viver e como morrer são assim excluídas do âmbito da racionalidade e são deixadas na esfera da subjectividade. Por conseguinte desaparece, no final, [...] a questão do verdadeiro e do bem, a qual é substituída pela questão do concretizável»; J. RATZINGER, *Fé e Futuro*, 24-26.

³² Cf. BENTO XVI, *Fazer ciência no horizonte de uma racionalidade aberta ao transcendente, a Deus*, 9; J. RATZINGER, *Ser cristiano* (Bilbao: Desclée de Brouwer 2009 [Original 1965]) 67-70.

³³ BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões* - Discurso no encontro com os representantes do mundo científico e cultural da Baviera na Aula Magna da Universidade de Regensburg (12 de Setembro de 2006), in *L'Osservatore Romano* 37/38 (2006) 8-9.

quadro académico e colocou, do mesmo modo, no centro da reflexão a relação entre fé e razão, ancorando-se conceptualmente aqui, de forma particular, na correlação destas à luz do encontro entre o espírito grego e o espírito cristão e, portanto, em referência ao Deus revelado como *Logos* e que como *Logos* age desde sempre³⁴.

A alusão à parte publicada por Theodore Khoury do diálogo estabelecido, provavelmente no decurso do Inverno de 1391 em Ankara, entre o douto Imperador Manuel II, Paleólogo, e um persa culto sobre o Cristianismo e o Islão, e a verdade de ambos, constitui-se como pano de fundo para a exposição da tese transversal a toda a *lição*: «não agir segundo a razão é contrário à natureza de Deus»³⁵. A partir desta premissa, o antigo professor de Ratisbona aprofundou ainda as suas considerações, ao inquirir se a convicção de que agir contra a razão está em contradição com a natureza de Deus faz parte apenas do pensamento grego ou é válida sempre e por si mesma, sendo que o corolário acerca de tal problemática influirá o justo entendimento de Deus e conseqüentemente a realização concreta da religião, desafio hoje assaz vigente³⁶.

Por seu turno, e neste sentido, o autor reitera a intuição explanada – «não agir segundo a razão é contrário à natureza de Deus» – argumentando que a mesma manifesta a profunda concordância entre o que é grego na sua parte melhor e o que é a fé em Deus baseada na Bíblia, atendendo, precisamente à modificação do primeiro versículo do *Génese* levada a cabo por São João ao iniciar o prólogo do seu Evangelho com as palavras: «No princípio era o *Logos* (Jo 1,1)». Atenta a etimologia do termo – *Logos* significa conjuntamente *razão* e *palavra* – Bento XVI afirma tratar-se «da *Razão Criadora* que é capaz de se comunicar, mas precisamente enquanto *razão*»³⁷. Por tal motivo, mediante a premissa enunciada o autor intenta, em suma, demonstrar como o Deus verdadeiramente divino é aquele Deus que se revelou como *Logos* e que, como *Logos*, agiu e age cheio de amor em favor da humanidade e de toda a criação³⁸.

³⁴ Cf. G. GÄNSWEIN, *I discorsi politici di Benedetto XVI nei suoi viaggi apostolici all'estero*, 1; P. BLANCO, *Fe, Razón y Amor. Los discursos de Ratisbona*, in *Scripta Theologica* 39/3 (2007) 767-768; P. BLANCO, *Razón, Islam y Cristianismo. El debate suscitado por Benedicto XVI*, in *Scripta Theologica* 41/1 (2009) 199-206.

³⁵ BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 8.

³⁶ Cf. BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 8; J. RATZINGER, *Fé, Verdade e Tolerância. O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo*, 63.

³⁷ Cf. BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 8; P. CODA, *Rileggendo la lectio magistralis di Benedetto XVI a Ragensburg*, in *Rassegna di Teologia* 50 (2009) 431-435.

³⁸ Cf. BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9: «Entre Deus e nós, entre o seu eterno Espírito criador e a nossa razão criada, existe uma verdadeira analogia, na qual por certo [...] as diferenças são infinitamente maiores que as semelhanças, contudo não até ao ponto de abolir a analogia e a sua linguagem. Deus não se torna mais divino pelo facto de O afastarmos para longe de nós num voluntarismo puro e impenetrável, mas o Deus verdadeiramente divino é aquele Deus que se mostrou como *Logos* e, como *Logos*,

Como no discurso pronunciado na sede romana da Universidade do Sagrado Coração em Novembro de 2005, nesta *lição* o autor debruçou-se também, e com maior desenvoltura, sobre o entendimento da noção de razão nas centúrias mais recentes³⁹. Na abordagem deste ponto o Papa alemão enuncia sistematicamente diversos aspectos cadenciados pela constatação de que, segundo os ditames modernos, apenas a certeza que deriva da sinergia entre matemática e experiência nos permite falar de cientificidade, pelo que, só mediante este crivo, se reconhece às ciências respeitantes à realidade humana – história, sociologia, filosofia, psicologia, entre outras – semelhante valor. Todavia, desde logo, tal método exclui em absoluto o problema de Deus, numa apreciação logicamente acientífica ou pré-científica do mesmo, facto classificado pelo Pontífice como «redução do espaço próprio da ciência e da razão»⁴⁰, cuja resolução, adverte ainda, somente ocorrerá «se razão e fé voltarem a estar unidas numa forma nova, se se superar a limitação auto-decretada da razão ao que é verificável na experiência, e lhe for aberta de novo toda a sua amplitude»⁴¹. Num tal enquadramento «a teologia não só enquanto disciplina histórica e humano-científica, mas

agiu e age cheio de amor em nosso favor»; J. CAÑIZARES, *Razón y fe en la fundación del comprender. Reflexiones desde el Magisterio de Benedicto XVI*, in *Scripta Theologica* 40/3 (2008) 871-873.

³⁹ Cf. BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9: «O conceito moderno da razão baseia-se numa síntese entre platonismo (cartesianismo) e empirismo, que o sucesso técnico confirmou. Por um lado, pressupõe-se a estrutura matemática da matéria, por assim dizer a sua racionalidade intrínseca, que torna possível compreendê-la e usá-la na sua eficácia operacional: este pressuposto básico é, por assim dizer, o elemento platónico no conceito moderno da natureza. Por outro lado, trata-se da utilização funcional da natureza para as nossas finalidades, onde só a possibilidade de controlar verdade ou falsidade através da experiência é que fornece a certeza decisiva. O peso entre os dois pólos pode, segundo as circunstâncias, oscilar para um lado ou outro».

⁴⁰ Cf. BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9: «Se a ciência no seu conjunto é apenas *científica*, então o próprio homem sofre uma redução. Porque nesse caso as questões propriamente humanas, isto é, *donde venho e para onde vou*, as questões da religião e do *ethos* não podem ter lugar no espaço da razão comum, tal como a descreve uma *ciência* assim entendida, devendo ser transferidas para o âmbito do subjectivo. O sujeito decide, com base nas suas experiências, o que lhe parece religiosamente sustentável, e a consciência subjectiva torna-se em última análise a única instância ética. Desta forma, porém, o *ethos* e a religião perdem a sua força de criar uma comunidade e caem no âmbito da discricionarietà pessoal. Trata-se numa condição perigosa para a humanidade: constatamo-lo nas *patologias* que ameaçam a religião e a razão – patologias que devem necessariamente eclodir quando a razão fica a tal ponto limitada que as questões da religião e do *ethos* deixam de lhe dizer respeito. O que resta das tentativas de construir uma ética partindo das regras da evolução ou da psicologia e da sociologia, é simplesmente insuficiente».

⁴¹ BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9; cf. BENTO XVI, *A razão da paz vença a irracionalidade da violência!* - Discurso no encontro com a Cúria Romana para a apresentação de bons votos de Natal (22 de Dezembro de 2006), in *L'Osservatore Romano* 37/52 (2006) 8: «A razão totalmente orientada para se apoderar do mundo já não aceita limites. Ela já chegou ao ponto de tratar o próprio homem como simples matéria do seu produzir e do seu poder. O nosso conhecimento aumenta, mas ao mesmo tempo verifica-se um progressivo ofuscamento da razão acerca dos próprios fundamentos; acerca dos critérios que lhe conferem orientação e sentido. A fé naquele Deus que é em pessoa a *Razão Criadora* do universo deve ser aceite pela ciência de modo novo como desafio e oportunidade. Reciprocamente, esta fé deve reconhecer de novo a sua amplitude intrínseca e o seu próprio bom senso. A razão precisa do *Logos* que está no início e é a nossa luz; a fé, por seu lado, tem necessidade do diálogo com a razão moderna, para se dar conta da própria grandeza e corresponder às próprias responsabilidades [...]. É uma questão que não é absolutamente apenas de natureza académica; nela trata-se do futuro de todos nós»; P. BLANCO, *Fe, Razón y Amor. Los discursos de Ratisbona*, 771-778.

como verdadeira e própria teologia, ou seja, como indagadora da razão da fé, deve ter o seu lugar na universidade e no amplo diálogo das ciências»⁴².

Conclui-se, desde logo, dado o seu reconhecimento do *ethos* da cientificidade como «vontade de obediência à verdade e, conseqüentemente, expressão duma atitude que faz parte das decisões essenciais do espírito cristão»⁴³, que Bento XVI não procura um retrocesso ao período anterior ao Iluminismo, numa rejeição das convicções modernas, mas antes, formula o audacioso convite para o encetar do alargamento do conceito de razão e do seu uso⁴⁴.

1.2.1.3. Discurso preparado para a visita à Universidade de Roma *La Sapienza* (17 de Janeiro de 2008)⁴⁵

Transcorrido pouco mais de um ano após a *lição* de Ratisbona, assim como do esforço empreendido em diversos âmbitos para a sua justa clarificação e hermenêutica, o Sumo Pontífice volta a elaborar uma reflexão destinada a um auditório académico, a Universidade de Roma *La Sapienza*, distinguida pela sua fundação pontifícia efectuada pelo Papa Bonifácio VIII nos alvares do Século XIV. Contudo, veio a considerar-se pertinente adiar a visita de Bento XVI à referida instituição verificando-se a falta de pressupostos para um acolhimento digno, atentas as manifestações realizadas por um grupo decididamente minoritário de professores e alunos⁴⁶.

Dadas tais circunstâncias, particularmente paradigmático se revelou o texto que o autor havia previamente preparado para a ocasião. Consciente de que contrariamente a tempos passados em que a *Sapienza* fora a universidade do Papa, desde logo Bento XVI afirmou que

⁴² Cf. BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9: «Uma razão, que diante do divino é surda e repele a religião para o âmbito das subculturas, é incapaz de inserir-se no diálogo das culturas. E no entanto a razão moderna, própria das ciências naturais, com a sua dimensão platónica intrínseca traz consigo [...] uma questão que a transcende a ela juntamente com as suas possibilidades metódicas. Ela própria tem simplesmente de aceitar a estrutura racional da matéria e a correspondência entre o nosso espírito e as estruturas racionais operativas na natureza como um dado de facto, sobre o qual se baseia o seu percurso metódico. Mas, a pergunta sobre o porquê deste dado de facto existe e deve ser confiada pelas ciências naturais a outros níveis e modos do pensar – à filosofia e à teologia».

⁴³ BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9.

⁴⁴ Cf. BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9; J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: ontem, hoje e amanhã*, 17-19.

⁴⁵ BENTO XVI, *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade* - Discurso preparado para a visita à Universidade de Roma *La Sapienza* (17 de Janeiro de 2008), in *L'Osservatore Romano* 39/3 (2008) 6-7.

⁴⁶ Cf. T. BERTONE, *Faltaram os pressupostos para um acolhimento digno* - Carta do Secretário de Estado ao Reitor da Universidade de Roma *La Sapienza* (16 de Janeiro de 2008), in *L'Osservatore Romano* 39/3 (2008) 6; P. BLANCO, *Razón, Islam y Cristianismo. El debate suscitado por Benedicto XVI*, 206-215.

inscrevendo-se actualmente num quadro laico, a mesma instituição salvaguarda «aquela autonomia que, na base do seu próprio conceito constituinte, sempre fez parte da natureza da universidade, que deve estar vinculada exclusivamente à autoridade da verdade»⁴⁷. Neste sentido, como expressa a epígrafe do discurso em análise, o Pontífice não pretendia dirigir-se à referida comunidade académica para impor a fé, mas antes solicitar a coragem pela verdade⁴⁸. Prosseguindo o seu pensamento Bento XVI equaciona a questão absolutamente fundamental acerca da razão, e de como uma afirmação e, sobretudo, uma norma moral pode demonstrar-se razoável. Sabendo que o homem «quer saber o que é tudo aquilo que o circunda, quer a verdade»⁴⁹, o Papa Ratzinger reporta-se à fé dos cristãos dos primeiros séculos para sustentar que por verdade se depreende algo muito mais lato que o simples saber, tendo o conhecimento da verdade, em última instância, como finalidade, o conhecimento do Bem⁵⁰.

Tal como nos dois discursos anteriormente estudados, o autor volta aqui a expressar regozijo pelos caminhos abertos à humanidade mediante as novas dimensões do saber, encontradas nos últimos séculos, as quais alcançaram não apenas uma medida imensa de conhecimento e poder, tendo aumentado também o reconhecimento dos direitos e da dignidade do homem. No entanto, Bento XVI diagnostica, do mesmo modo, que «o caminho do homem jamais pode dizer-se completo, visto que o perigo de cair na desumanidade nunca está de todo dissipado, como se vê no panorama da história actual!»⁵¹. Assim, as palavras preparadas para a Universidade *La Sapienza* constando de um encorajamento à busca da

⁴⁷ BENTO XVI, *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade*, 6.

⁴⁸ Cf. BENTO XVI, *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade*, 7: «O que é que o Papa tem a fazer ou a dizer na universidade? Seguramente, não deve procurar impor de modo autoritário aos outros a fé, a qual pode ser dada somente em liberdade. Para além do seu ministério de Pastor na Igreja e com base na natureza intrínseca deste ministério pastoral, é sua missão manter desperta a sensibilidade pela verdade; convidar sempre de novo a razão a pôr-se à procura da verdade, do bem, de Deus e, neste caminho, estimulá-la a entrever as luzes úteis que foram surgindo ao longo da história da fé cristã e, assim, sentir Jesus Cristo como a Luz que ilumina a história e ajuda a encontrar o caminho rumo ao futuro»; P. BLANCO, *Modernid y posmodernidad*, in P. BLANCO - R. GARCÍA (coordenadores), *Benedicto XVI habla sobre Cultura y Sociedad* (Madrid: Palabra 2013) 5-25.

⁴⁹ Cf. BENTO XVI, *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade*, 6.

⁵⁰ Cf. BENTO XVI, *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade*, 6: «[Os cristãos dos primeiros séculos] acolheram a sua fé não de forma positivista, ou como a via de fuga de desejos não realizados; compreenderam-na como uma diluição da neblina da religião mitológica para deixar espaço à descoberta daquele Deus que é *Razão Criadora* e, ao mesmo tempo, *Razão-Amor*. Por isso, o interrogar-se da razão sobre o Deus maior e também sobre a verdadeira natureza e o autêntico sentido do ser humano era, para eles, não uma forma problemática de falta de religiosidade, mas fazia parte da essência do seu modo de ser religiosos. Por conseguinte, eles não tinham necessidade de diluir ou abandonar o questionar-se socrático, mas podiam, aliás deviam, acolhê-lo e reconhecer como parte da sua própria identidade a árdua busca da razão para alcançar o conhecimento da verdade inteira».

⁵¹ Cf. BENTO XVI, *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade*, 7: «O perigo do mundo ocidental para falar somente dele é que o homem hoje, precisamente à vista da grandeza do seu saber e do seu poder, desista diante da questão da verdade; significando isto ao mesmo tempo que, no fim de contas, a razão cede face à pressão dos interesses e à atracção da utilidade, obrigada a reconhecê-la como critério derradeiro».

verdade constituem-se, igualmente, como uma advertência concernente ao perigo de que a razão uma vez ciosa da sua presumida pureza se torne surda à grande mensagem que lhe chega da fé cristã e da sua sabedoria, e assim, seque como uma árvore cujas raízes já não chegam às águas que lhes dão vida e, numa perda da coragem pela verdade, não se torne maior, mas menor⁵².

1.2.1.4. Discurso na visita à *Catholic University of America* de Washington (17 de Abril de 2008)⁵³

Juntamente com o discurso proferido na sede da Organização das Nações Unidas, as palavras dirigidas ao *corpus* académico da *Catholic University of America* constituem, entre o conjunto dos doze escritos analisados no presente estudo, o pequeno grupo de textos proferidos pelo Papa Ratzinger em solo não europeu.

Nesta universidade católica o Pontífice retomou a *Verdade* como mote da sua reflexão, argumentando desde logo que «a revelação de Deus oferece a cada geração a possibilidade de descobrir a verdade última sobre a própria vida e sobre o fim da história»⁵⁴. Assim é «quando a verdade de Deus permeia todas as realidades e a Boa-Nova de Cristo pode agir, guiando os homens para uma verdade objectiva que, transcendendo o particular e o subjectivo, remete para o universal e o absoluto»⁵⁵. Partindo deste pressuposto o autor explana a intrínseca relação por si vislumbrada entre as contemporâneas *crise de fé* e *crise de verdade*⁵⁶. Cõnscio acerca do desejo de Deus de se fazer conhecer e do desejo inato de cada ser humano de conhecer a verdade e perscrutar o significado da vida, o autor adianta que mediante tal demanda, sempre apoiada e sustentada pela *diaconia da verdade* exercida pela Igreja no seio

⁵² Cf. BENTO XVI, *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade*, 7; J. RATZINGER, *El elogio de la conciencia. La Verdad interroga al corazón*, 76-83.

⁵³ BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana* - Discurso na visita à *Catholic University of America* de Washington (17 de Abril de 2008), in *L'Osservatore Romano* 39/17 (2008) 4-5.

⁵⁴ BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 4.

⁵⁵ BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 4.

⁵⁶ Cf. BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 4: «Pode reconhecer-se que a contemporânea *crise de verdade* está radicada numa *crise de fé*. Só mediante a fé podemos dar livremente o nosso consentimento ao testemunho de Deus e reconhecê-lo como o garante transcendente da verdade que ele revela»; *Com Maria encontramos o caminho justo que conduz à luz e à alegria do Amor eterno* - Homília na Santa Missa celebrada no Santuário de Mariazzell (8 de Setembro de 2007), in *L'Osservatore Romano* 38/37 (2007) 5.

da humanidade, aquele que procura a verdade torna-se alguém que vive da fé⁵⁷. Neste sentido compreende-se a intuição fundamental do Pontífice expressa neste texto: «só na fé a verdade se pode encarnar e a razão tornar-se verdadeiramente humana, capaz de orientar a vontade pelo caminho da liberdade»⁵⁸.

À semelhança dos textos já abordados, Bento XVI recorda aqui que «a verdade da fé e a verdade da razão nunca se contradizem entre si» e que, precisamente porque imbuída por tal certeza, a Igreja entende como sua missão envolver-se na luta que a humanidade enfrenta para alcançar a verdade⁵⁹. Por tal motivo, o Sumo Pontífice sustenta que a Igreja, ao anunciar a verdade revelada, serve todos os membros da sociedade com os seus esforços empreendidos em ordem à purificação da razão, única forma pela qual esta pode permanecer aberta à consideração das verdades últimas, e inspirada na sabedoria divina, iluminar a fundação da moralidade e da ética humana, lembrando todos os grupos na sociedade que não é a prática que cria a verdade mas é a verdade que deve servir como base da prática. Deste modo o autor sublinha o singular significado reconhecido à verdade em sociedades onde se encontram erigidas barreiras ao transcendente, cujo resultado consta da já referida «mentalidade positivista que, rejeitando a metafísica, nega os fundamentos da fé e recusa a necessidade de uma visão moral»⁶⁰.

O discurso dirigido à *Catholic University of America* reitera assim a perspectiva optimista da fé cristã acerca da *Verdade*, precisamente porque conhecida e alicerçada na visão do *Logos*, que na Encarnação se revelou, como Divindade⁶¹.

⁵⁷ Cf. BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 4-5; J. CAÑIZARES, *Razón y fe en la fundación del comprender. Reflexiones desde el Magisterio de Benedicto XVI*, 869-871.

⁵⁸ Cf. BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 5: «Observamos com ansiedade que a noção de liberdade [segundo o entendimento comum] é deturpada. A liberdade não é faculdade de *libertar-se de uma obrigação*; é faculdade de *empenhar-se por* uma participação no próprio Ser. Por conseguinte, a autêntica liberdade nunca pode ser alcançada no afastamento de Deus. Uma semelhante opção significaria por último descuidar a verdade genuína de que precisamos para nos compreendermos a nós próprios. [...] [Por isso, só alicerçada num acto de fé eclesial] a liberdade alcança a certeza da verdade»; M. TOSATTI, *Dicionário do Papa Ratzinger. Guia para o Pontificado* (Lisboa: Paulus 2006 [Original 2005]) 50-51.

⁵⁹ Cf. BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 5.

⁶⁰ Cf. BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 5; J. RATZINGER, *Fé e Futuro*, 57-59.

⁶¹ Cf. BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 5: «Verdade significa mais do que conhecimento: conhecer a verdade leva-nos a descobrir o Bem. A verdade fala ao indivíduo na sua integridade, convidando-nos a responder com todo o nosso ser. Esta visão optimista funda-se na nossa fé cristã, porque nesta fé é doada a visão do *Logos*, a *Razão Criadora* de Deus, que na Encarnação se revelou, ela mesma, como Divindade».

1.2.1.5. Discurso na visita à sede da Organização das Nações Unidas (18 de Abril de 2008)⁶²

Num tom de cariz político e, por conseguinte, particularmente distinto dos textos precedentes, a intervenção de Bento XVI na sede da ONU, em 18 de Abril de 2008, teve por fim valorizar o projecto dos direitos humanos, especialmente desenvolvido no pós Segunda Grande Guerra com a aprovação, em 1948, da *Declaração Universal dos Direitos do Homem*⁶³. Deste facto resultam essencialmente dois elementos que o autor tomou como mote para a sua reflexão, o reconhecimento da unidade da família humana e a atenção pela dignidade inata de cada pessoa, realidades concretamente traduzidas no respeito pelos direitos baseados na lei natural inscrita no coração do homem e presente nas diversas culturas e civilizações, bem como o direito de liberdade religiosa, enquanto expressão de uma realidade simultaneamente individual e comunitária, pela qual é permitido ao homem, cidadão e crente, participar justamente na sociedade⁶⁴.

Reconhecendo na época presente «o óbvio paradoxo de um consenso multilateral que continua a estar em crise devido à sua subordinação às decisões de poucos, enquanto os problemas do mundo exigem intervenções em forma de acção colectiva por parte da comunidade internacional»⁶⁵, o Pontífice expressou o seu pesar pelas circunstâncias representativas de «uma clara violação da ordem da criação, em que não só é contrastado o carácter sagrado da vida, mas a própria pessoa humana e a família são privadas da sua

⁶² BENTO XVI, *Os direitos humanos radicados na justiça* - Discurso na visita à sede da Organização das Nações Unidas (18 de Abril de 2008), in *L'Osservatore Romano* 39/17 (2008) 8-9.

⁶³ Cf. P. BLANCO - E. SÁNCHEZ, *Creación y medio ambiente*, in P. BLANCO - E. SÁNCHEZ (coordenadores), *Benedicto XVI habla sobre Vida Humana y Ecología* (Madrid: Palabra 2013) 5-15; G. GÄNSWEIN, *I discorsi politici di Benedetto XVI nei suoi viaggi apostolici all'estero*, 1.

⁶⁴ Cf. BENTO XVI, *Os direitos humanos radicados na justiça*, 8-9: «É evidente que os direitos reconhecidos e traçados na *Declaração* se aplicam a todos em virtude da comum origem da pessoa, a qual permanece o ponto de referência mais alto do desígnio criador de Deus para o mundo e para a história. Tais direitos estão baseados na lei natural inscrita no coração do homem e presente nas diversas culturas e civilizações. Remover os direitos humanos deste contexto significaria limitar o seu âmbito e ceder a uma concepção relativista, segundo a qual o significado e a interpretação dos direitos poderia variar e a sua universalidade seria negada em nome de contextos culturais, políticos, sociais e até religiosos diferentes. Contudo não se deve permitir que esta ampla variedade de pontos de vista obscureça o facto de que não só os direitos são universais, mas também o é a pessoa humana, sujeito destes direitos [...].

Obviamente os direitos humanos devem incluir o direito de liberdade religiosa [...]. Por isso é inconcebível que crentes devam suprimir uma parte de si mesmos – a sua fé – para serem cidadãos activos [...]. Não se pode limitar a plena garantia da liberdade religiosa à prática livre de culto; ao contrário, deve ser tida em justa consideração a dimensão pública da religião e portanto a possibilidade dos crentes desempenharem a sua parte na construção da ordem social»; *Uma justa hermenêutica para ler e receber o Concílio como uma grande força de renovação da Igreja*, 8.

⁶⁵ BENTO XVI, *Os direitos humanos radicados na justiça*, 8.

identidade natural»⁶⁶. Neste contexto o autor indica o princípio da «responsabilidade de proteger», presente no antigo *ius gentium* como fundamento de qualquer acção empreendida pelos governantes em relação aos governados, afirmando que hoje, como outrora, tal prerrogativa deve invocar a ideia da pessoa como imagem do Criador, e nutrir no homem o desejo de uma liberdade absoluta e essencial⁶⁷.

Neste texto sustenta-se, portanto, como o abandono de uma referência à transcendência e à razão natural resultam na grave violação da liberdade e da dignidade do homem, constituindo tal facto uma trágica ameaça aos fundamentos objectivos dos valores e princípios improrrogáveis já formulados e consolidados pelas Nações Unidas, sendo que, além deste facto, quando apresentados simplesmente em termos de legalidade, os direitos correm o risco de se tornarem débeis proposições separadas da dimensão ética e racional, que é o seu fundamento e finalidade, uma vez, pois, submersos no referido sentido exclusivamente legalista.

Procurando corrigir tal lacuna, Bento XVI indica uma visão da vida firmemente ancorada na dimensão religiosa como ajuda no solucionar dos referidos problemas, dado que o reconhecimento do valor transcendente de cada homem e mulher favorece a conversão do coração, que leva depois a um compromisso por resistir à violência, ao terrorismo e à guerra, assim como à promoção da justiça e da paz, mediante, pois, a concretização desta proposta não em termos de intolerância, de discriminação e de conflito, mas na senda do respeito total da verdade, da coexistência, dos direitos e da reconciliação⁶⁸. Assim, o diálogo, singularmente no âmbito inter-religioso, «deve ser reconhecido como meio mediante o qual as várias componentes da sociedade podem articular o próprio ponto de vista e construir o consenso em

⁶⁶ BENTO XVI, *Os direitos humanos radicados na justiça*, 8: «A acção internacional destinada a preservar o ambiente e a proteger as várias formas de vida sobre a terra não deve garantir apenas um uso racional da tecnologia e da ciência, mas deve também redescobrir a imagem autêntica da criação. Isto nunca exige uma opção a ser feita entre ciência e ética: antes, trata-se de adoptar um método científico que seja verdadeiramente respeitador dos imperativos éticos»; E. SÁNCHEZ, *Fundamentación ético-antropológica*, in P. BLANCO - E. SÁNCHEZ (coordenadores), *Benedicto XVI habla sobre Vida Humana y Ecología* (Madrid: Palabra 2013) 160-172.

⁶⁷ Cf. BENTO XVI, *Os direitos humanos radicados na justiça*, 8; J. RATZINGER - J. HABERMAS, *Entre razón y la religión. Dialéctica de la secularización* (Madrid: Centzontle 2006 [Original 2005]) 44-48; A. MARTÍNEZ-CARBONELL, *Fundamentación teológica y jurídica de la dignidade humana*, in P. BLANCO - E. SÁNCHEZ (coordenadores), *Benedicto XVI habla sobre Vida Humana y Ecología* (Madrid: Palabra 2013) 186-190.

⁶⁸ Cf. BENTO XVI, *Os direitos humanos radicados na justiça*, 9: «O confiar de modo exclusivo aos Estados individualmente [...] a responsabilidade última de ir ao encontro das aspirações de pessoas [...] por vezes pode ter consequências que excluem a possibilidade de uma ordem social respeitadora da dignidade e dos direitos da pessoa. Por outro lado, uma visão da vida firmemente ancorada na dimensão religiosa pode ajudar a obter tais finalidades, dado que o reconhecimento do valor transcendente de cada homem e mulher favorece a conversão do coração, que leva depois a um compromisso de resistir à violência, ao terrorismo e à guerra e de promover a justiça e a paz»; J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana* (Madrid: Encuentro 2008 [Original 1995]) 186-189.

volta da verdade relativa aos valores e objectivos particulares», num fortalecimento da esperança da humanidade por um mundo melhor, pela criação das condições para a paz, pelo desenvolvimento, pela cooperação e pela garantia dos direitos das gerações futuras, podendo o homem, deste modo, percorrer o seu caminho de fé e a sua busca de Deus neste mundo ⁶⁹.

**1.2.1.6. Discurso no encontro com o mundo da cultura
no Collège des Bernardins de Paris
(12 de Setembro de 2008)⁷⁰**

O discurso proferido a 12 de Setembro de 2008, no *Collège des Bernardins*, novamente consta de um texto destinado a uma assembleia diversa das precedentemente elencadas. Nesta circunstância Bento XVI reuniu-se com os mais altos representantes franceses do mundo da cultura e das artes e, reiterando, grosso modo, as temáticas atinentes aos discursos anteriormente abordados, a sua reflexão contextualiza-se de forma particular no quadro europeu e assume aspectos formais distintos daqueles registados nos âmbitos académicos e político, já perscrutados.

Envolto pela atmosfera de um dos mais nobres mosteiros medievais o Pontífice discorreu sobre as origens da teologia ocidental e sobre as raízes da cultura europeia. Evocando o papel preponderante do monaquismo no Ocidente o autor sublinhou que, em tempos de grande viragem cultural, como os de então, os mosteiros asseguraram a custódia dos tesouros da velha cultura e, simultaneamente, de forma gradual, vieram também a constituir uma nova cultura⁷¹. Neste sentido, aprofundado as suas considerações acerca do

⁶⁹ BENTO XVI, *Os direitos humanos radicados na justiça*, 9; J. RATZINGER, *Fé, Verdade e Tolerância. O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo*, 11-13.

⁷⁰ BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura* - Discurso no encontro com o mundo da cultura no *Collège des Bernardins* de Paris (12 de Setembro de 2008), in *L'Osservatore Romano* 39/38 (2008) 4-5.

⁷¹ Cf. BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 4: «De acordo com a história dos efeitos do monaquismo, podemos dizer que [...] os mosteiros eram os lugares onde sobreviviam os tesouros da velha cultura e onde, a partir dos mesmos, se vinha formando gradualmente uma nova cultura [...]. Em primeiro lugar e antes de mais nada há que dizer, com muito realismo, que não era intenção deles [dos monges] criar uma cultura e nem mesmo conservar uma cultura do passado [...]. O seu objectivo era: *quaerere Deum*, buscar Deus. Na confusão dos tempos em que nada parecia resistir, eles queriam fazer o essencial: empenhar-se por encontrar aquilo que vale e sempre permanece, encontrar a mesma Vida. Andavam à procura de Deus. Queriam passar das coisas secundárias às essenciais, ao único que é verdadeiramente importante e fiável. Diz-se que estavam orientados de forma *escatológica*. Mas isto não deve ser entendido em sentido cronológico, como se olhassem para o fim do mundo ou para a própria morte, mas em sentido existencial: por detrás das coisas provisórias buscavam o definitivo. *Quaerere Deum*: visto que eram cristãos, não se tratava de uma expedição num deserto sem estradas, de uma busca rumo à absoluta escuridão. O mesmo Deus tinha estabelecido sinais de percurso, mais, tinha aberto um caminho, e a tarefa consistia em achá-lo e segui-lo. Este caminho era a

monaquismo enquanto quadro fundante da teologia ocidental e da cultura europeia, o Papa Ratzinger adiantou que a *cultura da palavra* e a *cultura do trabalho*, em tal contexto tão largamente desenvolvidas e pelo mesmo inculcadas, se constituem «como realidades sem as quais o progresso da Europa, o seu *ethos* e a própria concepção do mundo seriam impensáveis»⁷². Com efeito, atendendo a que o Cristianismo sempre procurou perceber nas palavras a *Palavra*, o *Logos*, e que a fé no Deus cristão significa acreditar que Deus é o Criador do mundo, um Deus que trabalha e continua a trabalhar na e sobre a história dos homens, tendo em Cristo entrado como Pessoa no trabalho cansativo da mesma história, o autor sustenta dever deduzir-se que o trabalho do homem consta, portanto, de uma singular expressão da sua semelhança com Deus, pela qual lhe é concedida, deste modo, a faculdade de participar no agir de Deus na criação do mundo⁷³. Assim, conclui, o *ethos* gerado no seio do monaquismo e por ele transmitido à cultura europeia deveria também incutir no homem a vontade de fazer com que o seu trabalho e a sua determinação da história sejam uma verdadeira colaboração com o Criador, haurindo daqui a medida para todas as coisas. Contrariamente, como atestou Bento XVI, «onde falta esta medida e o homem se eleva a si mesmo a criador deificado, a transformação do mundo pode facilmente desembocar na sua destruição»⁷⁴.

Contudo, movido pelo intuito de que o homem, no íntimo do seu pensamento sabe, de algum modo, que Deus deve existir, que na origem de todas as coisas deve estar não a irracionalidade, mas a razão criativa, não o ocaso cego, mas a liberdade⁷⁵, o Pontífice sustenta que uma cultura meramente positivista que relega para o âmbito subjectivo, como não

sua Palavra que, nos livros das Sagradas Escrituras, se abria diante dos homens»; J. RATZINGER, *A Europa de Bento na crise de culturas* (Braga: Alêtheia 2005) 40-41; *Europa. Uma herança responsabilizante para os cristãos*, in *Communio* 3/2 (1986) 107-111; M. PERA, *Por qué debemos considerarnos cristianos. Un alegato liberal* (Madrid: Encuentro 2010 [Original 2009]) 116-123.

⁷² BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 5; cf. S. WIEDENHOFER, *Igreja e Europa na teologia de Joseph Ratzinger*, in *Communio* 26/4 (2009) 495-498.

⁷³ Cf. BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 5: «A Palavra do próprio Deus nunca se apresenta na simples literalidade do texto. Para alcançá-la, é preciso transcender a literalidade num processo de compreensão, que se deixa guiar pelo movimento interior do conjunto e, portanto, deve tornar-se também um processo de vida. Sempre e só na unidade dinâmica do conjunto é que os muitos livros [da Bíblia] formam *um* Livro, se revelam na palavra e na história humana a Palavra de Deus e o agir de Deus no mundo».

⁷⁴ Cf. BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 5: «A tensão entre vínculo e liberdade [...] determinou o pensamento e a obra do monaquismo e plasmou profundamente a cultura ocidental. Esta tensão apresenta-se novamente também à nossa geração como desafio perante os pólos do arbítrio subjectivo, por um lado, e do fanatismo fundamentalista, por outro. Seria fatal, se a cultura europeia actual conseguisse entender praticamente a liberdade só como a ausência total de vínculos, favorecendo assim inevitavelmente o fanatismo e o arbítrio. A ausência de vínculos e o arbítrio não são a liberdade, mas a sua destruição»; J. RATZINGER, *No Princípio Deus criou o Céu e a Terra* (Cascais: Príncípia 2009 [Original 1985]) 41-42.

⁷⁵ Cf. BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 5.

científica, a pergunta acerca de Deus, causa a capitulação da razão, numa renúncia das suas possibilidades mais elevadas, resultando, portanto, no descalabro do humanismo, cujas consequências são de grave dimensão. Assim, Bento XVI adverte que a procura de Deus e a disponibilidade para o escutar, enquanto dado fundante da cultura da Europa, não menos necessárias que em tempos passados, permanecem também hoje o fundamento de toda a verdadeira cultura⁷⁶.

1.2.1.7. Discurso no encontro com o mundo da cultura de Portugal no Centro Cultural de Belém (12 de Maio de 2010)⁷⁷

Como em Paris, na sua visita a Portugal, Bento XVI voltou a reuniu-se com o mundo representativo da cultura e, enaltecendo a egrégia tradição cultural lusa, desde logo, reconheceu, no entanto, que «a cultura reflecte hoje uma *tensão*, que por vezes toma mesmo formas de *conflito*, entre o presente e a tradição, numa dinâmica que absolutiza o presente, isolando-o do património cultural do passado, sem a intenção de delinear um futuro»⁷⁸. Retomando a expressão utilizada em 2008 no discurso dirigido à comunidade académica da *Catholic University of America*, o Papa refere que o enunciado conflito entre o presente e a tradição resulta numa *crise de verdade*⁷⁹, quadro social pernicioso para a orientação de uma existência realizada, como indivíduo e como povo⁸⁰. Por tal motivo, e com um título claramente perpassado pelo imaginário específico dos Descobrimentos portugueses – *É hora de indicar novos mundos ao mundo* – a reflexão do Pontífice destaca-se como um convite expresso a «manter desperta a busca da verdade e, conseqüentemente, de Deus, levando as pessoas a olharem para além das coisas penúltimas e a porem-se à procura das últimas»⁸¹.

⁷⁶ Cf. BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 5; P. BLANCO, *Rapto y resgate. La Europa de Joseph Ratzinger*, in *Nuestro Tiempo* 624/6 (2006) 105-108.

⁷⁷ BENTO XVI, *É hora de indicar novos mundos ao mundo* - Discurso no encontro com o mundo da cultura de Portugal no Centro Cultural de Belém (12 de Maio de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/20 (2010) 5.

⁷⁸ BENTO XVI, *É hora de indicar novos mundos ao mundo*, 5.

⁷⁹ BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 4.

⁸⁰ Cf. BENTO XVI, *É hora de indicar novos mundos ao mundo*, 5: «De facto, um povo, que deixa de saber qual é a sua verdade, fica perdido nos labirintos do tempo e da história, sem valores claramente definidos, sem objetivos grandiosos claramente enunciados»; *Uma crise não só económica, mas também cultural e espiritual* - Discurso na Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana (27 de Maio de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/23 (2010) 3.

⁸¹ BENTO XVI, *É hora de indicar novos mundos ao mundo*, 5.

Neste sentido, o Papa Ratzinger referiu que «a Igreja tem uma aprendizagem a fazer quanto à sua forma de estar no mundo, levando a sociedade a perceber que, proclamando a verdade, é um serviço que a mesma presta ao mundo, abrindo horizontes novos de futuro, de grandeza e dignidade»⁸², bem como que «a convivência da Igreja, na sua adesão firme ao carácter perene da verdade, com o respeito por *outras verdades* ou pela *verdade dos outros*, consta de parte da referida aprendizagem que a mesma realiza mediante um respeito dialogante, no qual se podem abrir novas portas para a comunicação da *verdade*»⁸³. Atento tal pressuposto, e certo de que Deus se revelou em Cristo para a total realização do homem, Bento XVI sustentou lapidariamente que para os cristãos, com efeito, «a verdade é divina, é o *Logos* eterno, que ganhou expressão humana em Jesus Cristo, que pôde afirmar com objectividade: “Eu sou a verdade” (*Jo* 14, 6)»⁸⁴.

1.2.1.8. Discurso no encontro com o mundo político, económico e cultural britânico na Sala Westminster do Palácio do Parlamento de Londres (17 de Setembro de 2010)⁸⁵

No Parlamento mais antigo da democracia ocidental, local onde foi condenado à morte cruel São Thomas More, em nome de dissensões religiosas, o Pontífice expressou palavras de vivo apressamento pela tradição democrática liberal, e solicitou esforços ordenados ao fomento de uma autêntica liberdade religiosa, manifestando a sua preocupação pelo facto de, também hoje, no Ocidente, esta se encontrar subtilmente ameaçada, constituindo-se tal ocasião, em suma, contexto para uma admoestação concernente à necessidade de um sentido de

⁸² BENTO XVI, *É hora de indicar novos mundos ao mundo*, 5; *Não podemos deixar de nos preocupar com o que é bom para o homem* - Discurso na Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana (24 de Maio de 2007), in *L'Osservatore Romano* 38/22 (2007) 7.

⁸³ BENTO XVI, *É hora de indicar novos mundos ao mundo*, 5; *A Igreja, espaço de diálogo e de oração para todos* - Discurso no encontro com a Cúria Romana para a apresentação de bons votos de Natal (21 de Dezembro de 2009), in *L'Osservatore Romano* 40/52 (2009) 8-10.

⁸⁴ Cf. BENTO XVI, *É hora de indicar novos mundos ao mundo*, 5; J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o Símbolo Apostólico*, 55-56.

⁸⁵ BENTO XVI, *Razão e fé precisam uma da outra* - Discurso no encontro com o mundo político, económico e cultural britânico na Sala Westminster do Palácio do Parlamento de Londres (17 de Setembro de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/39 (2010) 6-7.

responsabilidade comum, advertência particularmente concentrada na questão da verdade e da própria fé⁸⁶.

Neste sentido, Bento XVI colocou à consideração dos presentes a indagação fulcral respeitante ao reconhecimento do fundamento ético das escolhas políticas, afirmando que a tradição católica, por seu turno, sustenta que as normas objectivas que governam o recto agir são acessíveis à razão, prescindindo as mesmas do conteúdo da Revelação⁸⁷. Por tal motivo, o Pontífice atesta que «o papel da religião no debate político não consiste tanto em oferecer tais normas, como se elas não pudessem ser conhecidas pelos não-crentes, mas sobretudo em ajudar a purificar e lançar luz sobre a aplicação da razão na descoberta dos princípios morais objectivos»⁸⁸. Deste modo, porque o contributo da religião muito menos consiste em propor soluções políticas concretas – o que está totalmente fora da sua competência – o autor assegura antes que «sem a correcção oferecida pela religião, até a razão pode tornar-se vítima de ambiguidades, como acontece quando ela é manipulada pela ideologia, ou então aplicada de uma maneira parcial, sem ter em consideração plenamente a dignidade da pessoa humana»⁸⁹. Atentas as premissas enunciadas, o Papa Ratzinger reitera assim a sua profunda convicção de que «o mundo da razão e o mundo da fé, o mundo da secularidade racional e o mundo do credo religioso, precisam um do outro, não devendo temer por um diálogo profundo e contínuo, para o bem da civilização»⁹⁰.

Com pesar, no entanto, Bento XVI verifica também o fenómeno de uma crescente marginalização da religião, de modo particular do Cristianismo, a qual se consolida em diversos ambientes, inclusivamente em nações que tradicionalmente salvaguardam os valores da tolerância, considerando o autor tais sinais como preocupantes e reveladores da incapacidade de justamente ponderar não apenas os direitos dos crentes à liberdade de consciência e de religião, mas também o papel legítimo da religião na esfera pública,

⁸⁶ Cf. BENTO XVI, *Determinados na fé e no bem* - Discurso no encontro com a Cúria Romana para a apresentação de bons votos de Natal (20 de Dezembro de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/52 (2010) 10; G. GÄNSWEIN, *I discorsi politici di Benedetto XVI nei suoi viaggi apostolici all'estero*, 1.

⁸⁷ Cf. BENTO XVI, *Razão e fé precisam uma da outra*, 6; M. TOSATTI, *Dicionário do Papa Ratzinger. Guia para o Pontificado*, 40-42.

⁸⁸ BENTO XVI, *Razão e fé precisam uma da outra*, 6: «Este papel *correctivo* da religião em relação à razão nem sempre é bem acolhido, em parte porque determinadas formas ambíguas de religião, como o sectarismo e o fundamentalismo, podem mostrar-se elas mesmas como uma causa de sérios problemas sociais. E, por sua vez, estas ambiguidades da religião sobressaem quando não se presta uma atenção suficiente ao papel purificador e estruturador da razão, no interior da religião. Trata-se de um processo que funciona em duplo sentido».

⁸⁹ BENTO XVI, *Razão e fé precisam uma da outra*, 6: «Foi precisamente este uso ambíguo da razão que deu origem ao comércio dos escravos e, sucessivamente, a muitos outros males sociais, não menos grave as ideologias totalitárias do século XX»; J. RATZINGER - J. HABERMAS, *Entre razón y la religión. Dialéctica de la secularización*, 37-40.

⁹⁰ BENTO XVI, *Razão e fé precisam uma da outra*, 6: «Por outras palavras, para os legisladores a religião não representa um problema a resolver, mas um factor que contribui de forma vital para o debate público na nação».

problemática, como argumenta, apenas ultrapassada mediante «uma crescente aceitação da necessidade do diálogo e do respeito, a todos os níveis da sociedade, entre o mundo da razão e o mundo da fé»⁹¹.

1.2.1.9. Discurso no encontro com os representantes da sociedade civil no Teatro Nacional Croata (4 de Junho de 2011)⁹²

Acolhido por entre a linguagem universal da música, Bento XVI evocou inicialmente a presença dos representantes de outras Igrejas cristãs e das religiões hebraica e muçulmana como eloquente sinal de que a religião não é uma realidade contraposta à sociedade, mas «uma sua componente conatural, constantemente evocativa da dimensão vertical da escuta de Deus, condição para a busca do bem comum, da justiça e da reconciliação na verdade»⁹³.

Concluídas as saudações iniciais, o Pontífice anunciou a *consciência* como o tema central da sua reflexão, descrevendo-a, desde logo, como dado transversal aos diferentes campos do saber e do agir e, atendendo de forma particular ao presente da Europa, apontou aquela como elemento fundamental para a edificação e subsistência de uma sociedade livre e justa, tanto a nível nacional como supranacional⁹⁴. No mesmo sentido, o autor referiu que, constituindo-se as grandes conquistas da modernidade, o reconhecimento e a garantia da liberdade de consciência, dos direitos humanos, da liberdade da ciência e, conseqüentemente, de uma sociedade livre, devem as mesmas ser confirmadas e desenvolvidas, mediante uma racionalidade e uma liberdade abertas ao seu fundamento transcendente, a fim de evitar a sua

⁹¹ Cf. BENTO XVI, *Razão e fé precisam uma da outra*, 6-7; *Determinados na fé e no bem*, 10: «Só se houver consenso acerca do essencial é que podem funcionar as constituições e o direito. Este consenso de fundo proveniente do património cristão está em perigo sempre que no seu lugar, no lugar da razão moral, entra a mera racionalidade dos fins [...]. Combater contra esta cegueira da razão e manter-lhe a capacidade de ver o essencial, de ver Deus e o homem, aquilo que é bom e o que é verdadeiro, é o interesse comum que deve unir todos os homens de boa vontade. Está em jogo o futuro do mundo»; *Quem defende Deus defende o homem* - Discurso no encontro com a Cúria Romana para a apresentação de bons votos de Natal (21 de Dezembro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/51 (2012) 9 e 16; U. CASALE, *La teología de Ratzinger*, 46-59.

⁹² BENTO XVI, *A consciência, chave para a construção do bem comum* - Discurso no encontro com os representantes da sociedade civil no Teatro Nacional Croata (4 de Junho de 2011), in *L'Osservatore Romano* 42/24 (2011) 4.

⁹³ Cf. BENTO XVI, *A consciência, chave para a construção do bem comum*, 4: «A religião coloca o homem em relação com Deus, Criador e Pai de todos, e, por conseguinte, deve ser uma força de paz. As religiões sempre se devem purificar segundo esta sua verdadeira essência, para corresponderem à sua genuína missão»; *A Igreja, espaço de diálogo e de oração para todos*, 8-10; J. RATZINGER, *Fé, Verdade e Tolerância. O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo*, 53-54.

⁹⁴ Cf. BENTO XVI, *A consciência, chave para a construção do bem comum*, 4; J. RATZINGER, *A Europa de Bento na crise de culturas*, 21-28.

autodestruição, como infelizmente se constata em não poucos casos⁹⁵. Por tal motivo, o Papa Ratzinger, enunciou, enfim, a premente necessidade de voltar a descobrir a consciência «como lugar da escuta da verdade e do bem, lugar da responsabilidade diante de Deus e dos irmãos em humanidade», sendo esta a única forma pela qual a mesma pode ser tida, justamente, como «chave mestra para a elaboração cultural e para a construção do bem comum»⁹⁶.

O Pontífice terminou a sua intervenção reconhecendo na dedicação para como a educação da consciência a contribuição mais específica e preciosa prestada pela Igreja à sociedade, realizada, sobremaneira pela transmissão dos princípios do dom, da gratuidade e do amor⁹⁷, mediante os quais se procura levar a cabo a construção de uma *polis* acolhedora, e realmente rica em conteúdos humanos e de forte consistência ética⁹⁸.

1.2.1.10. Discurso por ocasião da primeira edição do *Prémio Ratzinger* (30 de Junho de 2011)⁹⁹

A reflexão agora em análise encerra uma certa particularidade entre o conjunto dos doze textos em estudo, visto constar de uma intervenção substancialmente teológica, não se debruçando amplamente, portanto, sobre as temáticas político-sociais e culturais abordadas

⁹⁵ Cf. BENTO XVI, *A consciência, chave para a construção do bem comum*, 4; M. GABICAGOGEASCOA, *Comentarios a los discursos de Benedicto XVI a la Pontificia Academia de la Vida (2006-2012)*, in P. BLANCO - E. SÁNCHEZ (coordenadores), *Benedicto XVI habla sobre Vida Humana y Ecología* (Madrid: Palabra 2013) 201-208.

⁹⁶ Cf. BENTO XVI, *A consciência, chave para a construção do bem comum*, 4: «A qualidade da vida social e civil, a qualidade da democracia dependem em grande parte deste ponto crítico que é a consciência, de como a mesma é entendida e de quanto se investe na sua formação. Se a consciência se reduz, segundo o pensamento moderno predominante, ao âmbito da subjectividade, para o qual se relegam a religião e a moral, a crise do Ocidente não tem remédio e a Europa está destinada à involução. Pelo contrário, se a consciência é descoberta novamente como lugar da escuta da verdade e do bem, lugar da responsabilidade diante de Deus e dos irmãos em humanidade – que é a força contra toda a ditadura – então há esperança para o futuro»; J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, 37-42; P. GUTIÉRREZ, *Conciencia y objeción de conciencia* (Madrid: Palabra 2010) 45-49.

⁹⁷ Cf. BENTO XVI, *A consciência, chave para a construção do bem comum*, 4: «É na formação das consciências que a Igreja oferece à sociedade a sua contribuição mais específica e preciosa. Uma contribuição que começa na família e que encontra um reforço importante na paróquia, onde as crianças e adolescentes e, depois, os jovens aprendem a aprofundar as Sagradas Escrituras, que são o *grande código* da cultura europeia e, ao mesmo tempo, aprendem o sentido da comunidade fundada no dom: não no interesse económico ou na ideologia, mas no amor [...]»; *Formação das consciências para não perder o sentido do pecado* - Mensagem aos participantes no Curso para o Foro interno promovido pela Penitenciária Apostólica (12 de Março de 2009), in *L'Osservatore Romano* 40/12 (2009) 14; C. ALEJOS, *Educar en la fe*, 155-163.

⁹⁸ Cf. BENTO XVI, *A consciência, chave para a construção do bem comum*, 4; J. ASENSI, *Ética da Fé na obra de Joseph Ratzinger*, 84-87.

⁹⁹ BENTO XVI, *A razão que segue a fé responde à sua vocação* - Discurso por ocasião da primeira edição do *Prémio Ratzinger* (30 de Junho de 2011), in *L'Osservatore Romano* 42/28 (2011) 7 e 11.

nos demais escritos. Trata-se do discurso proferido pelo Pontífice aquando da primeira cerimónia realizada pela Fundação Vaticana Joseph Ratzinger - Bento XVI para a atribuição do prémio concedido pela mesma instituição. Das palavras do autor sobressai o seu agradecimento aos premiados pelo facto de mostrarem nas suas obras que «a razão, seguindo o caminho delineado pela fé, não se torna uma razão alienada, constituindo-se, na verdade, razão que responde à sua altíssima vocação»¹⁰⁰.

Em tal contexto, o Papa Ratzinger, propôs uma reflexão sobre a natureza e a tarefa da teologia, argumentando que, perpassada pela densa equação entre fé e razão, por si realizada, nela «está em jogo a questão acerca da verdade, enquanto seu fundamento último e essencial»¹⁰¹. Partindo desta premissa, e apoiado no pensamento de Tertuliano e de São Boaventura, o autor dissertou sobre a relação do Cristianismo com a razão e sobre o que se possa entender como uma correcta atitude racional.

Assim, desde logo, Bento XVI enunciou que o aspecto revolucionário do Cristianismo na antiguidade respeita precisamente à sua renúncia, por amor à *Verdade*, de tudo aquilo que, vigente na sociedade de então, não se coadunava com a mesma. Neste sentido, o autor sustentou que tal facto se prende com a interpretação fundamental da fé cristã, baseada no Evangelho de São João, a partir da qual Cristo é tido como *Logos*¹⁰². Corroborando o referido argumento, o Pontífice declarou que «se Cristo é o *Logos*, a *Verdade*, o homem deve corresponder-lhe com o seu próprio *logos*, com a sua razão», sendo que «para chegar a Cristo, ele deve estar no caminho da verdade, deve abrir-se ao *Logos*, à *Razão Criadora*, da qual deriva a sua própria razão e para a qual ela o remete»¹⁰³.

Por este motivo, e reconhecendo que «por mais claro que se apresente no Cristianismo o vínculo fundamental entre *logos*, verdade e fé a forma concreta da sua realização sempre

¹⁰⁰ BENTO XVI, *A razão que segue a fé responde à sua vocação*, 11.

¹⁰¹ Cf. BENTO XVI, *A razão que segue a fé responde à sua vocação*, 7: «A teologia é ciência da fé, diz-nos a tradição. Mas aqui surge imediatamente a pergunta: isto é de veras possível? Ou não é em si uma contradição? Porventura ciência não é o contrário de fé? Não deixa a fé de ser fé, quando se torna ciência? E não deixa a ciência de ser ciência quando está ordenada ou até subordinada à fé? [...] Se o fundamento da teologia, a fé, não se torna contemporaneamente objecto do pensamento, se a prática for referida só a si mesma [...] então a prática torna-se vazia e desprovida de fundamento. Por conseguinte, estes caminhos não são suficientes. Por mais úteis e importantes que sejam, eles tornar-se-iam subterfúgios, se a verdadeira pergunta permanecesse sem resposta. Ela reza: é verdade aquilo em que cremos, ou não? Na teologia está em jogo a questão acerca da verdade; ela é o seu fundamento último e essencial»; J. RATZINGER - P. d'ARCAIS, *Existe Deus? Um confronto sobre verdade, fé e ateísmo*, 80-85.

¹⁰² Cf. BENTO XVI, *A razão que segue a fé responde à sua vocação*, 7; R. PASCUAL, *La pretensión de verdad del cristianismo a la luz del pensamiento de Joseph Ratzinger*, in *Alpha Omega* 13/3 (2010) 384-387.

¹⁰³ BENTO XVI, *A razão que segue a fé responde à sua vocação*, 7: «Daqui compreende-se que a fé cristã, pela sua própria natureza, devia suscitar a teologia, interrogar-se sobre o bom senso da fé, mesmo se naturalmente o conceito de razão e de ciência abraçam muitas dimensões, e assim a natureza concreta no nexo entre fé e razão devia e deve ser sempre de novo investigada»; cf. P. BLANCO, *La teología de Joseph Ratzinger. Temas centrales*, in *Revista Catalana de Teología* 36/1 (2011) 275-277.

suscitará novas perguntas», o Papa Ratzinger, afirmou peremptoriamente que «a fé recta orienta a razão para a abertura ao divino, para que ela, guiada pelo amor à verdade, possa conhecer Deus mais de perto»¹⁰⁴. Contrariamente, como argumenta em múltiplos contextos, quando a razão se circunscreve ao positivismo, então «as grandes questões da humanidade são postas fora do âmbito da razão e deixadas à irracionalidade», pelo que se torna premente, conclui o autor, evidenciar que Deus não é um objecto da experimentação humana, mas antes sujeito que se manifesta unicamente na relação de pessoa a pessoa, enquanto dado constitutivo da própria essência humana, restando, deste modo, à teologia, «por um lado a humildade que se deixa *tocar* por Deus, por outro a disciplina que se liga à ordem da razão, que preserva o amor da cegueira e que ajuda a desenvolver a sua força visiva»¹⁰⁵.

1.2.1.11. Discurso na visita ao Parlamento federal alemão (22 de Setembro de 2011)¹⁰⁶

O discurso proferido por Bento XVI no *Bundestag* de Berlim constitui-se indubitavelmente como a sua *carta magna* concernente aos temas em estudo. Enquanto Bispo de Roma, «que carrega a responsabilidade suprema da Igreja Católica» e, por conseguinte, um encargo de âmbito internacional, o Papa propôs aos presentes «algumas considerações sobre os fundamentos do Estado liberal de direito», vindo a concluir, como temática transversal de toda a sua reflexão que «onde vigora o domínio exclusivo da razão positivista – e tal é, em grande parte, o caso da [...] consciência pública –, as fontes clássicas de conhecimento da ética e do direito são postas fora de jogo». Por tal razão, o Pontífice advertiu tratar-se esta «de uma situação dramática que interessa a todos e sobre a qual é necessário um debate público»,

¹⁰⁴ BENTO XVI, *A razão que segue a fé responde à sua vocação*, 7 e 11: «Nesta perspectiva [...] toca-se um uso da razão, que é válido para o âmbito *pessoal*, para as grandes questões do próprio ser homens. O amor quer conhecer melhor aquele que ama. O amor, o amor verdadeiro, não torna cegos, mas videntes. Dele faz parte precisamente a sede de conhecimento, de um verdadeiro conhecimento do outro. Por isso, os Padres da Igreja encontraram os precursores e os mensageiros do cristianismo – fora do mundo da revelação de Israel – não no âmbito da religião habitual, mas nos homens em busca de Deus, em busca da verdade, nos *filósofos*: em pessoas que estavam sequiosas da verdade e por conseguinte estavam no caminho rumo a Deus. [...] A iniciativa para este caminho encontra-se junto de Deus, que colocou no coração do homem a busca do seu Rosto»; J. RATZINGER, *El Dios de la fe y el Dios de los filósofos* (Madrid: Encuentro 2005 [Original 1960]) 26-30.

¹⁰⁵ BENTO XVI, *A razão que segue a fé responde à sua vocação*, 11; J. RATZINGER, *Deus e o Mundo*, 46-48.

¹⁰⁶ BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça* - Discurso na visita ao Parlamento federal alemão (22 de Setembro de 2011), in *L'Osservatore Romano* 42/39 (2011) 4-5.

sustentando ser «intenção essencial do seu discurso constituir um urgente convite para o efeito»¹⁰⁷.

Tomando como mote da sua intervenção o episódio bíblico narrado no Primeiro Livro dos Reis, em que Deus concedeu ao jovem rei Salomão fazer um pedido por ocasião da sua entronização, tendo o mesmo requerido «um coração dócil, para saber administrar a justiça e discernir o bem e o mal» (*I Rs* 3, 9), o Papa Ratzinger afirmou que «servir o direito e combater o domínio da injustiça é e permanece a tarefa fundamental do político», a qual se revela verdadeiramente premente no actual momento histórico, em que o homem adquiriu um poder até agora impensável¹⁰⁸. Efectivamente, admoestou o autor, «o homem é capaz de destruir o mundo», podendo o mesmo «manipular-se a si próprio e, por assim dizer, criar seres humanos e excluir outros seres humanos de serem homens»¹⁰⁹.

Num tal contexto, o Pontífice indagou acerca do que pode ser reconhecido como realmente justo e sobre como distinguir entre o bem e o mal, entre o verdadeiro direito e o direito apenas aparente, argumentando, por seu turno, que se grande parte da matéria regulada juridicamente pode ter como critério suficiente o da maioria, o mesmo não se verifica quanto às questões fundamentais do direito em que está em jogo a dignidade do homem e da humanidade, pelo que neste âmbito, o princípio maioritário não basta, devendo, com efeito, cada pessoa responsável no processo de formação do direito procurar, pessoalmente, os critérios da própria orientação¹¹⁰.

¹⁰⁷ BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 4-5.

¹⁰⁸ Cf. BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 4: «A política deve ser um compromisso em prol da justiça e, assim, criar as condições de fundo para a paz. Naturalmente um político procurará o sucesso, sem o qual não poderia jamais ter a possibilidade de uma acção política efectiva; mas o sucesso há-de estar subordinado ao critério da justiça, à vontade de actuar o direito e à inteligência do direito. É que o sucesso pode tornar-se também um aliciamento, abrindo assim a estrada à falsificação do direito, à destruição da justiça [...]. Nós, alemães, sabemos pela nossa experiência que estas palavras não são um fútil dado. Experimentámos a separação entre o poder e o direito, o poder colocar-se contra o direito, o seu espezinhar o direito, de tal modo que o Estado se tornara o instrumento para a destruição do direito: tornara-se uma banda de salteadores muito bem organizada, que podia ameaçar o mundo inteiro e impeli-lo até à beira do precipício»; J. RATZINGER, *A Igreja e a nova Europa* (Lisboa: Verbo 1994 [Original 1991]) 88-90; J. RATZINGER - J. HABERMAS, *Entre razón y la religión. Dialéctica de la secularización*, 37-40; R. GARCÍA, *Conciencia, Naturaleza y Derechos: discurso en el Bundestag*, in P. BLANCO - R. GARCÍA (coordenadores), *Benedicto XVI habla sobre Cultura y Sociedad* (Madrid: Palabra 2013) 175-181.

¹⁰⁹ Cf. BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 4; E. SÁNCHEZ, *El ocaso de la teleología en la naturaleza humana: una clave de la crisis bioética según Ratzinger*, in *Scripta Theologica* 45 (2013) 668-676.

¹¹⁰ Cf. BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 4: «Nas decisões de um político democrático, a pergunta sobre o que corresponda agora à lei da verdade, o que seja verdadeiramente justo e possa tornar-se lei não é [...] óbvio. Hoje, de facto, não é de *per se* evidente aquilo que seja justo e possa tornar-se direito vigente relativamente às questões antropológicas fundamentais. À questão de saber como se possa reconhecer aquilo que verdadeiramente é justo e, deste modo, servir a justiça na legislação, nunca foi fácil encontrar resposta e hoje, na abundância dos nossos conhecimentos e das nossas capacidades, uma tal

Atentos estes pressupostos, o Papa alemão declarou, como cerne do seu pensamento sobre o contributo que a religião oferece ao debate público e, em particular, à construção da ordem jurídica, que «contrariamente a outras grandes religiões, o Cristianismo nunca impôs ao Estado ou à sociedade um direito revelado, nem um ordenamento jurídico derivado duma revelação, tendo antes, sempre apelado para a natureza e para a razão como verdadeiras fontes do direito, assim como para a harmonia entre razão objectiva e subjectiva, na pressuposição de ambas as esferas se encontrarem fundadas na razão criadora de Deus»¹¹¹.

Reconhece-se, deste modo, que a reflexão de Bento XVI, explanada diante da Câmara Alta da Alemanha, concernente aos fundamentos do Estado liberal de direito, se constitui uma apaixonada defesa da consciência humana e do retorno ao direito natural¹¹², facto ao qual subjaz, pois, a singular intuição do autor referente à mencionada originalidade do Cristianismo em relação às demais religiões, radicada na convicção cristã de que não é a Revelação, mas a natureza e a razão, em mútua correlação, que constituem a fonte jurídica universalmente válida¹¹³.

interrogação tornou-se ainda muito mais difícil»; J. RATZINGER, *Verdade - Valores - Poder. Pedras-de-toque da sociedade pluralista*, 21-22.

¹¹¹ Cf. BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 4-5: «Na história, os ordenamentos jurídicos foram quase sempre religiosamente motivados: com base numa referência à Divindade, decide-se aquilo que é justo entre os homens. Ao contrário doutras grandes religiões, o Cristianismo nunca impôs ao Estado e à sociedade um direito revelado, nunca impôs um ordenamento jurídico derivado duma revelação. Mas apelou para a natureza e a razão como verdadeiras fontes do direito [...]. Deste modo, os teólogos cristãos associaram-se a um movimento filosófico e jurídico que estava formado já desde o Século II (a.C.). De facto, na primeira metade do Século II pré-cristão, deu-se um encontro entre o direito natural social, desenvolvido pelos filósofos estoicos, e autorizados mestres do direito romano [...]. Neste contacto nasceu a cultura jurídica ocidental, que foi, e é ainda agora, de importância decisiva para a cultura jurídica da humanidade. Desta ligação pré-cristã entre direito e filosofia parte o caminho que leva, através da Idade Média cristã, ao desenvolvimento jurídico do Iluminismo até à Declaração dos Direitos Humanos e depois à nossa Lei Fundamental alemã [...].

Foi decisivo para o desenvolvimento do direito e o progresso da humanidade que os teólogos cristãos tivessem tomado posição contra o direito religioso, requerido pela fé nas divindades, e se tivessem colocado da parte da filosofia, reconhecendo como fonte jurídica válida para todos a razão e a natureza na sua correlação. Esta opção realizara-a já São Paulo, quando afirma na *Carta aos Romanos*: “Quando os gentios que não têm a Lei (a *Torah* de Israel), por natureza agem segundo a Lei, eles são lei para si próprios. Esses mostram que o que a Lei manda praticar está escrito nos seus corações, como resulta do testemunho da sua consciência” (*Rm* 2, 14-15). Aqui aparecem os dois conceitos fundamentais de natureza e de consciência, sendo aqui a *consciência* o mesmo que o *coração dócil* de Salomão, a razão aberta à linguagem do ser. Deste modo se até à época do Iluminismo, da Declaração dos Direitos Humanos depois da II Guerra Mundial e até à formação da nossa Lei Fundamental, a questão acerca dos fundamentos da legislação parecia esclarecida, no último meio século verificou-se uma dramática mudança da situação»; J. RATZINGER, *Verdade - Valores - Poder. Pedras-de-toque da sociedade pluralista*, 62-64; R. GARCÍA, *Conciencia, Naturaleza y Derechos: discurso en el Bundestag*, 181-189; G. GÄNSWEIN, *I discorsi politici di Benedetto XVI nei suoi viaggi apostolici all'estero*, 2.

¹¹² Cf. J. RATZINGER, *Verdade - Valores - Poder. Pedras-de-toque da sociedade pluralista*, 59; G. GÄNSWEIN, *Diritto naturale, Religione e Stato di diritto. I discorsi di Benedetto XVI a Berlino e Londra alla luce del suo pensiero teologico*, 3.

¹¹³ Cf. J. RATZINGER - J. HABERMAS, *Entre razón y la religión. Dialéctica de la secularización*, 44-48; J. RATZINGER, *Verdade - Valores - Poder. Pedras-de-toque da sociedade pluralista*, 59; G. GÄNSWEIN, *I discorsi politici di Benedetto XVI nei suoi viaggi apostolici all'estero*, 2-3: «Esta afirmação de Bento XVI [o Cristianismo nunca impôs ao Estado ou à sociedade um direito revelado] dissipada o equívoco persistente na cultura contemporânea, que tem condicionado e condiciona todo o debate entre religião e razão. Equívoco

Por este motivo, e debruçando-se de forma particular sobre o direito natural¹¹⁴, Bento XVI reitera a sua perspectiva de que «uma concepção positivista de natureza, que compreende a mesma de modo puramente funcional, tal como a conhecem as ciências naturais, não pode criar qualquer ponte para a ética e para o direito, mas suscitar de novo respostas apenas funcionais», advertindo ainda o autor, que «o mesmo vale para a razão exclusivamente positivista», sendo que os dois conceitos, o de natureza e o de razão, bem como uma visão do mundo, considerados somente a partir do prisma científico, representando, por certo, «uma parcela grandiosa do conhecimento humano e da capacidade humana, à qual não se deve de modo algum renunciar», não constituem, todavia, no seu conjunto, «uma cultura que corresponda e seja suficiente ao ser humano em toda a sua amplitude»¹¹⁵.

Neste sentido, o Pontífice ilustrou o seu pensamento referindo sugestivamente que «a razão positivista, que se apresenta de modo estrito e não é capaz de perceber algo para além do que é funcional», se assemelha «a edifícios de cimento armado sem janelas, nos quais nos damos o clima e a luz por nós mesmos e já não queremos receber estes dois elementos do amplo mundo de Deus», sendo que, contudo, sublinha o autor, «não podemos iludir-nos, pois em tal mundo autoconstruído bebemos em segredo, igualmente, nos *recursos* de Deus, que

radicado na ideia de que o Cristianismo e, de forma particular, a Igreja Católica, intervêm no debate público concernente às decisões jurídicas e políticas apoiados num *princípio de autoridade*, facto em democracia tido como inaceitável, e pelo que se julga, erroneamente, que o discurso religioso enquanto tal – assim baseado num suposto *princípio de autoridade* em matéria jurídica e política – exclui toda a tentativa de diálogo».

¹¹⁴ Cf. BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 5: «Hoje considera-se a ideia do direito natural uma doutrina católica bastante singular, sobre a qual não valeria a pena discutir fora do âmbito católico, de tal modo que quase se tem vergonha mesmo só de mencionar o termo. Queria brevemente indicar como se veio a criar esta situação. Antes de mais nada é fundamental a tese segundo a qual haveria entre o ser e o dever ser um abismo intransponível: do ser não poderia derivar um dever, porque se trataria de dois âmbitos absolutamente diversos. A base de tal opinião é a concepção positivista, quase geralmente adoptada hoje, de natureza. Se se considera a natureza – no dizer de Hans Kelsen – “um agregado de dados objectivos, unidos uns aos outros como causas e efeitos”, então realmente dela não pode derivar qualquer indicação que seja de algum modo de carácter ético [...]».

[No entanto], o mesmo grande teórico do positivismo jurídico, em 1965 [...], abandonou o dualismo entre ser e dever ser. Antes, ele tinha dito que as normas só podem derivar da vontade. Consequentemente – acrescenta ele – a natureza só poderia conter em si mesma normas, se uma vontade tivesse colocado nela estas normas. Mas isto – diz ele – pressuporia um Deus criador, cuja vontade se inseriu na natureza. “Discutir sobre a verdade desta fé é absolutamente vão” – observa ele a tal propósito [...]. Mas sê-lo-á verdadeiramente? – apetece-me perguntar. É verdadeiramente desprovido de sentido reflectir se a razão objectiva que se manifesta na natureza não pressuponha uma razão criadora, um *Creator Spiritus*?».

¹¹⁵ Cf. BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 5: «Para a razão numa visão positivista [...], o que não é verificável ou falsificável não entra no âmbito da razão em sentido estrito. Por isso, a ética e a religião devem ser atribuídas ao âmbito subjectivo, caindo fora do âmbito da razão no sentido estrito do termo [...] Onde a razão positivista se considera como a única cultura suficiente, relegando todas as outras realidades culturais para o estado de subculturas, aquela diminui o homem, antes, ameaça a sua humanidade»; E. SÁNCHEZ, *El ocaso de la teleología en la naturaleza humana: una clave de la crisis bioética según Ratzinger*, 680-691.

transformamos em produtos nossos, pelo que é preciso tornar a abrir as janelas e olhar de novo a vastidão do mundo, o céu e a terra, aprendendo a usar tudo isto de modo justo»¹¹⁶.

Assim sendo, o Papa Ratzinger, interrogando-se sobre o modo de realização das propostas por si indicadas, ou seja, sobre como levar «a razão a reencontrar a sua grandeza sem escorregar no irracional e a natureza a aparecer novamente na sua verdadeira profundidade, nas suas exigências e com as suas indicações», adianta ainda que «a matéria não é apenas um material para nossa feitura, mas que a própria terra traz em si a sua dignidade, devendo-se seguir as suas indicações», pelo que, atesta o Pontífice, «a importância da ecologia é agora indiscutível, para ouvir a linguagem da natureza e responder-lhe coerentemente»¹¹⁷.

Deste modo, reportando-se à cultura europeia¹¹⁸, Bento XVI concluiu a sua reflexão afirmando que existe uma ecologia do homem, o qual possui igualmente uma natureza, que deve respeitar e não pode manipular inadvertidamente, visto que o mesmo não é apenas uma liberdade que se cria de forma autónoma. Com efeito, declara o autor, que sendo o homem espírito e vontade, é também natureza, pelo que a sua vontade é justa quando respeita a natureza e a escuta, e quando se aceita a si mesmo por aquilo que é e que não se criou por si próprio. O respeito por esta verdade essencial, infere por fim, «é o único modo pelo qual se realiza a autêntica liberdade humana», facto para o qual se revela imprescindível um governo regido pelos princípios do direito verdadeiro e do serviço da justiça e da paz, que nortearam o reinado do monarca Salomão¹¹⁹.

¹¹⁶ BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 5; *A dignidade natural de cada pessoa: raiz da inviolabilidade dos direitos humanos* - Discurso ao gabinete da Assembleia parlamentar do conselho da Europa (8 de Setembro de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/37 (2010) 14.

¹¹⁷ Cf. BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 5; *A escuta da linguagem da criação salva o homem da destruição* - Discurso no encontro com a Cúria Romana para a apresentação de bons votos de Natal (22 de Dezembro de 2008), in *L'Osservatore Romano* 39/52 (2008) 7.

¹¹⁸ Cf. BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 5: «Aqui deveria vir em nossa ajuda o património cultural da Europa. Foi na base da convicção sobre a existência de um Deus Criador que se desenvolveram a ideia dos direitos humanos, a ideia da igualdade de todos os homens perante a lei, o conhecimento da inviolabilidade da dignidade humana em cada pessoa e a consciência da responsabilidade dos homens pelo seu agir. Estes conhecimentos da razão constituem a nossa memória cultural. Ignorá-la ou considerá-la como mero passado seria uma amputação da nossa cultura no seu todo e privá-la da sua integralidade. A cultura da Europa nasceu do encontro entre Jerusalém, Atenas e Roma, do encontro entre a fé no Deus de Israel, a razão filosófica dos gregos e o pensamento jurídico de Roma. Este tríplice encontro forma a identidade íntima da Europa. Na consciência da responsabilidade do homem diante de Deus e no reconhecimento da dignidade inviolável do homem, de cada homem, este encontro fixou critérios do direito, cuja defesa é nossa tarefa neste momento histórico»; J. RATZINGER, *A Igreja e a nova Europa*, 92-97.

¹¹⁹ Cf. BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 5; J. RATZINGER, *Iglesia, ecumenismo y política* (Madrid: BAC 2005 [Original 1987]) 213-218.

**1.2.1.12. Discurso na visita à sede romana
da Universidade do Sagrado Coração
por ocasião do cinquentenário de fundação da faculdade
de medicina e cirurgia da policlínica Agostino Gemelli
(3 de Maio de 2012)¹²⁰**

Transcorridos cerca de sete anos sobre a sua primeira visita pontifícia à sede romana da Universidade do Sagrado Coração, em Novembro de 2005, para a qual foi elaborado o primeiro escrito aqui explanado, Bento XVI voltou a dirigir-se à mesma instituição em Maio de 2012, contexto no qual proferiu o texto que de seguida se apresenta, sendo este o último constitutivo do rol dos discursos analisados neste estudo.

Pautado pela intuição de que «sem amor a ciência perde a sua humanidade», o Pontífice iniciou a sua intervenção sustentando que «por detrás do optimismo difundido do saber científico se estende a sombra de uma crise do pensamento», subjacente à qual, «rico de meios, mas não igualmente de fins, o homem do nosso tempo vive frequentemente condicionado pelo reducionismo e relativismo, que levam a perder o significado das coisas», pelo que, «quase deslumbrado pela eficácia técnica, o mesmo se esquece do horizonte fundamental da exigência de sentido, relegando assim à irrelevância a dimensão transcendente», cenário no qual, portanto, «o pensamento se torna frágil e ganha terreno também uma depauperação ética, que ofusca as referências normativas de valor»¹²¹.

Lamentando o facto de parecer esquecida a busca de Deus, «que foi a fecunda raiz europeia de cultura e de progresso», o autor reiterou a sua convicção segundo a qual «a investigação científica e a exigência de sentido, apesar da fisionomia epistemológica e metodológica específica, jorram de uma única nascente, aquele *Logos* que preside à obra da criação e guia a inteligência da história», sendo que, por conseguinte, «uma mentalidade fundamentalmente tecno-prática gera um desequilíbrio arriscado entre o que é tecnicamente possível e o que é moralmente bom, com consequências imprevisíveis», pelo que «é importante que a cultura redescubra o vigor do significado e do dinamismo da transcendência, em síntese, que abra com decisão o horizonte do *quaerere Deum*»¹²².

¹²⁰ BENTO XVI, *Sem amor a ciência perde a sua humanidade* - Discurso na visita à sede romana da Universidade do Sagrado Coração por ocasião do cinquentenário de fundação da faculdade de medicina e cirurgia da policlínica Agostino Gemelli (3 de Maio de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/18 (2012) 5 e 16.

¹²¹ BENTO XVI, *Sem amor a ciência perde a sua humanidade*, 5; J. RATZINGER, *Diálogos sobre a fé* (Lisboa: Verbo 2005 [Original 1985]) 73-75; J. RATZINGER, *No Princípio Deus criou o Céu e a Terra*, 81-83; E. SÁNCHEZ, *Fundamentación ético-antropológica*, 164-176.

¹²² BENTO XVI, *Sem amor a ciência perde a sua humanidade*, 5; BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 4-5; J. RATZINGER - M. PERA, *Sin Raíces. Europa – Relativismo*

Neste sentido, Bento XVI afirmou que, «*religião do logos*, o Cristianismo não relega a fé para o âmbito do irracional, mas atribui a origem e o sentido da realidade à *Razão Criadora*, que no Deus crucificado se manifestou como amor e que convida a percorrer o caminho do *quaerere Deum*», necessitando, deste modo, toda a investigação científica, para ser integral, de se «encontrar iluminada pela ciência e pela fé, *asas* das quais haure impulso e estímulo, sem jamais perder a justa humildade, o sentido do próprio limite, mediante o qual a busca de Deus se torna fecunda para a inteligência, fermento de cultura, promotora de verdadeiro humanismo, busca que não se detém à superfície»¹²³.

Atentas as referidas premissas, o autor argumentou, por fim, ser «o amor de Deus, que resplandece em Cristo, que torna perspicaz e penetrante o olhar da investigação, captando aquilo que nenhuma outra perscrutação é capaz de o fazer», motivo pelo qual, concluiu o Papa Ratzinger, «só o amor garante a humanidade da pesquisa científica»¹²⁴.

1.2.2. Conclusões preliminares

Dos discursos explanados infere-se como temática transversal a denúncia acerca da restrição da razão ao âmbito positivo, pelo que em tais circunstâncias Bento XVI procurou propor aos diversos públicos a quem se dirigiu o grande desafio de voltar a dilatar a razão àquela justa amplitude, pela qual apenas, sem limites e sem prejuízos para a sua autenticidade, a mesma pode considerar a realidade natural e o próprio homem na sua integralidade¹²⁵.

Efectivamente, convicto da profunda amizade estabelecida entre fé e razão, dado atestado pelo autor com o facto de, no decurso dos séculos a fé não só ter desempenhado um

- *Cristianismo - Islam* (Barcelona: Península 2006 [Original 2004]) 37-41; M. TOSATTI, *Dicionário do Papa Ratzinger. Guia para o Pontificado*, 26-28.

¹²³ Cf. BENTO XVI, *Sem amor a ciência perde a sua humanidade*, 5: «Para restituir à razão a sua dimensão nativa, integral, é necessário voltar a descobrir o lugar de nascente, que a investigação científica compartilha com a busca da fé, *fides quaerens intellectum* [...]. Ciência e fé têm uma reciprocidade fecunda, quase uma exigência complementar da compreensão do real. Mas de modo paradoxal, precisamente a cultura positivista, excluindo do debate científico a pergunta sobre Deus, determina o declínio do pensamento e o depauperamento da capacidade de compreensão do real. Porém, o *quaerere Deum* do homem perder-se-ia num enredo de caminhos, se não viesse ao seu encontro uma senda de iluminação e de orientação segura, que é aquela do próprio Deus que se faz próximo do homem com um amor imenso [...]; J. RATZINGER - P. d'ARCAIS, *Existe Deus? Um confronto sobre verdade, fé e ateísmo*, 23-25; U. CASALE, *La teología de Ratzinger*, 46-59.

¹²⁴ Cf. BENTO XVI, *Sem amor a ciência perde a sua humanidade*, 16; J. RATZINGER, *Fé e Futuro*, 11-13.

¹²⁵ Cf. BENTO XVI, *Fazer ciência no horizonte de uma racionalidade aberta ao transcendente, a Deus*, 7, 9; *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 8-9; *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade*, 6-7; *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 4-5; *Razão e fé precisam uma da outra*, 6-7; *A razão que segue a fé responde à sua vocação*, 7 e 11; *Sem amor a ciência perde a sua humanidade*, 5 e 16.

papel decisivo na defesa da razão em relação ao poder que tende a mantê-la cega, mas, inclusivamente, tenha favorecido o seu crescimento e maturação, o Papa Ratzinger apela a que se atenda à referida inter-relação entre fé e razão no empreendimento da reconquista da cultura filosófico-jurídica que constituiu a Europa, a qual se fundamenta na busca de Deus e no conseqüente reconhecimento da dignidade inviolável da pessoa humana¹²⁶.

Neste sentido, verifica-se que a preocupação do autor pela consideração da razão e da natureza na sua autenticidade, e da inter-relação de ambas, radica na consciência de que o destino do homem e a capacidade das instituições democráticas proporcionarem o bem-comum depende, precisamente, da realização da imprescindível obra de buscar os valores fundamentais, contra os quais atenta de forma particular o referido reducionismo da razão e da natureza dada a hodierna apropriação positivista de ambos os conceitos. Cômico, pois, de que a razão positiva tem o seu âmbito de validade, o Papa Ratzinger adverte, no entanto, como se constatou, que esta não pode explicar a realidade na sua totalidade, inferência de amplas ressonâncias, desde logo, constitutiva de uma clarificação acerca dos limites do reducionismo materialista, pela qual o Pontífice coloca o mundo científico, onde originariamente o racionalismo estrito encontrou o seu próprio terreno, diante do paradoxo da insuficiência da sua explicação meramente reducionista da natureza e do cosmos¹²⁷.

Juntamente com tais conclusões, deduz-se ainda a singularidade do Cristianismo, reiteradamente sublinhada pelo autor, pelo facto do mesmo nunca ter imposto ao Estado ou à sociedade um direito revelado ou um ordenamento jurídico derivado da Revelação, tendo antes reconhecido na razão e na natureza os fundamentos e a garantia do direito enquanto tal. Verificando-se, com efeito, subjacente a esta argumentação a doutrina católica e a herança europeia que na história do Ocidente sempre se denominou de direito natural o qual, de igual modo, Ratzinger, vincula não consistir numa preposição derivada da revelação, mas na conceptualização de dados específicos da razão natural que, por conseguinte, devem ser evidentes para crentes e não crentes¹²⁸.

¹²⁶ Cf. BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 4-5; *É hora de indicar novos mundos ao mundo*, 5; *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 4-5; *Sem amor a ciência perde a sua humanidade*, 5. 16; G. GÄNSWEIN, *I discorsi politici di Benedetto XVI nei suoi viaggi apostolici all'estero*, 6-7; S. ZAMBONI, *Il magistero di Benedetto XVI. Alcune linee teologico-morali*, in *Rivista di Teologia Morale* 178 (2013) 171-175.

¹²⁷ Cf. BENTO XVI, *Os direitos humanos radicados na justiça*, 8-9; *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 4-5; G. GÄNSWEIN, *I discorsi politici di Benedetto XVI nei suoi viaggi apostolici all'estero*, 4.

¹²⁸ Cf. BENTO XVI, *Os direitos humanos radicados na justiça*, 8-9; *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 4-5; G. GÄNSWEIN, *Diritto naturale, Religione e Stato di diritto. I discorsi di Benedetto XVI a Berlino e Londra alla luce del suo pensiero teologico*, 3-4; S. ZAMBONI, *Il magistero di Benedetto XVI. Alcune linee teologico-morali*, 173-175.

Decorrente do sobredito, e atento o entendimento do autor de que um determinado direito vigente se pode configurar como injustiça, sobressai ainda das intervenções analisadas o reconhecimento da *consciência* como uma das mais importantes fontes do conhecimento moral, a qual, sendo instância da manifestação de Deus ao homem, facto constitutivo, do seu carácter sagrado e inviolável, não pode deliberar correctamente se estiver à mercê do subjectivismo e apoiada em normas abstractas¹²⁹.

Assim, infere-se que os doze discursos de Bento XVI dissertam, em suma, sobre a *verdade* e a *fé*, reflexão para a qual o Pontífice indicou a urgente necessidade de uma consciência de responsabilidade comum ordenada à salvaguarda do sentido do transcendente e do próprio homem, elementos determinantes do presente e do futuro do mundo, sobre os quais se debruça o Capítulo Segundo, numa continuação da exposição do pensamento ratzingeriano.

¹²⁹ Cf. BENTO XVI, *A consciência, chave para a construção do bem comum*, 4; *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 4-5; P. GUTIÉRREZ, *Conciencia y objeción de conciencia*, 45-49.

CAPÍTULO SEGUNDO

O LOGOS É A VERDADE

Uma vez expressos os princípios teológicos ratzingerianos, bem como, sucintamente, explanado o conjunto dos doze discursos pontifícios, o Capítulo Segundo do presente estudo intenta expor a identificação vislumbrada pelo autor entre as noções de *Logos* e de *Verdade*. Neste sentido, realiza-se em primeiro lugar uma abordagem ao pensamento de Ratzinger / Bento XVI concernente à *renúncia da verdade*, e às consequências derivadas de tal facto, procedendo-se, posteriormente, a uma exposição sobre *razão, verdade e liberdade* numa constatação do relevante papel da consciência na demanda pelas referidas realidades.

2.1. A recusa do *Logos* como recusa da *Verdade*

Segundo o Papa Ratzinger, o homem contemporâneo deixou de buscar o fundamento da própria razão, ou seja, desistiu de procurar a verdade manifestada na natureza e na estrutura racional do ser humano, encontrando-se, deste modo, mergulhado num sentido de *resignação* e *renúncia* perante a mesma, e pautando, apenas, pela indagação positivista e pelo progresso técnico, cujo único ditame é o critério utilitário¹³⁰.

¹³⁰ Cf. BENTO XVI, *Com Maria encontramos o caminho justo que conduz à luz e à alegria do Amor eterno*, 5: «De facto, a nossa fé opõe-se decididamente à resignação que considera o homem incapaz da verdade como se ela fosse demasiado grande para ele. Esta resignação perante a verdade é, segundo a minha convicção, o âmago da crise do Ocidente, da Europa. Se não existe para o homem uma verdade, ele, no fundo, não pode sequer distinguir entre o bem e o mal. E então os grandiosos e maravilhosos conhecimentos da ciência tornam-se ambíguos: podem abrir perspectivas importantes para o bem, para a salvação do homem, mas também e vemo-lo tornar-se uma terrível ameaça, a destruição do homem e do mundo»; J. RATZINGER, *Dogma e Anúncio*, 79; A. FERRERAS, *Fe cristiana y Nueva Evangelización*, in *Burgense* 53 (2012) 352-357; J. BURGGRAF, *¿Qué*

Como se verificou, os escritos anteriormente analisados expressam com clareza a sobredita perspectiva do autor. Desde de logo, nos discursos pronunciados na sede romana da Universidade do Sagrado Coração, em 2005 e em 2012, o Pontífice indicou que «como critério de racionalidade se foi afirmando de modo cada vez mais exclusivo o da demonstrabilidade mediante a experiência», pelo que «as questões fundamentais do homem como viver e morrer são assim excluídas do âmbito da racionalidade e deixadas na esfera da subjectividade»¹³¹, do que resulta o desaparecimento da interrogação concernente ao verdadeiro e ao bem, em lugar da qual se exalta o dado estritamente concretizável e uma mentalidade fundamentalmente tecnocrática que legitima toda a realidade tecnicamente possível, sem a justa consideração ética¹³².

De igual modo, no ano de 2008, no texto preparado para a visita à Universidade de Roma *La Sapienza*, Bento XVI sustentou que, tendo a modernidade proporcionando à humanidade não apenas uma medida imensa de saber e poder, como igualmente, a garantia do conhecimento e do reconhecimento dos direitos e da dignidade do homem, o caminho deste, no entanto, «jamais pode dizer-se completo, visto que o perigo de cair na desumanidade nunca está de todo dissipado», uma vez que «o homem, hoje, precisamente à vista da grandeza do seu saber e do seu poder, pode desistir diante da questão da verdade, constatando-se, no fim de contas, que a razão cede face à pressão dos interesses e à atracção da utilidade, obrigada a reconhecê-la como critério derradeiro»¹³³.

No mesmo sentido, os discursos dirigidos à comunidade académica da *Catholic University of America* e aos representantes culturais portugueses sublinham a *crise de verdade* enquanto elemento determinante da vigente problemática sociocultural, em virtude da qual se olvida a identidade pessoal e comunitária, e se coloca em risco a orientação de uma existência realmente realizada¹³⁴.

Por fim, o discurso pronunciado no Parlamento federal do *Reichstag* de Berlim, eminentemente adverte para o facto de no presente momento histórico, em que se adquiriu um

Europa queremos? ¿Una sociedad postmoderna, multicultural o fiel a sus raíces?, in *Scripta Theologica* 40/3 (2008) 841-843.

¹³¹ BENTO XVI, *Fazer ciência no horizonte de uma racionalidade aberta ao transcendente, a Deus*, 7; cf. E. SÁNCHEZ, *Fundamentación ético-antropológica*, 164-172.

¹³² Cf. BENTO XVI, *Sem amor a ciência perde a sua humanidade*, 5; *Recomecemos a partir de Deus - Discurso na Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana* (24 de Maio de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/22 (2012) 10; S. ZAMBONI, *Il magistero di Benedetto XVI. Alcune linee teologico-morali*, 171-173.

¹³³ BENTO XVI, *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade*, 7; cf. J. CORRAL, *El declive del aprecio por la vida humana: claves culturales*, in *Scripta Theologica* 44 (2012) 98-101.

¹³⁴ Cf. BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 4-5; *É hora de indicar novos mundos ao mundo*, 5.

poder até agora impensável, o homem ser capaz de destruir o mundo, entendendo ser desprovido de sentido reflectir acerca da pressuposição de uma *Razão Criadora* a partir da razão objectiva patenteada na natureza ¹³⁵.

Atentas as supracitadas premissas, as quais reiteram a intuição do Papa Ratzinger de que a busca pela verdade última sobre o homem e a existência encerra a fundamental questão antropológica concernente à compreensão do sentido da vida ¹³⁶, infere-se, portanto, que «a desistência da verdade em si mesma retirada para o constatável que se pode comprovar, e a exactidão dos métodos fazem parte das características dominantes da atitude científica moderna», que, «não levou o homem a libertar-se mais e a progredir no sentido do fundamento das coisas, mas, pelo contrário, o tornou prisioneiro dos seus métodos e prisioneiro de si mesmo» ¹³⁷. Todavia, tal como argumenta o autor, o homem não pode pagar o seu progresso e o seu bem-estar com uma traição à verdade conhecida, sendo este, com efeito, o ponto verdadeiramente crítico da modernidade: «a ideia de verdade foi eliminada na prática e substituída pela de progresso, entendendo-se que o progresso mesmo é a verdade» ¹³⁸.

Da referida *recusa da verdade* e da incúria para com as questões relativas ao sentido do viver decorre, pois, a deformação e, por vezes, a corrupção, da ideia e da experiência de liberdade, problemáticas derivadas, em suma, do eclipse de Deus no horizonte humano ¹³⁹.

¹³⁵ Cf. BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 4-5; S. ZAMBONI, *Il magistero di Benedetto XVI. Alcune linee teologico-morali*, 173-174; R. GARCÍA, *Conciencia, Naturaleza y Derechos: discurso en el Bundestag*, 173-174.

¹³⁶ Cf. J. RATZINGER, *El elogio de la conciencia. La Verdad interroga al corazón*, 91: «A demanda pela verdade é inerente ao homem, enquanto a ignorância o mantém numa condição de escravidão, não lhe sendo possível ser verdadeiramente livre se não se encontra iluminado quanto às questões centrais da sua existência, particularmente, no que respeita ao saber de onde vem e para onde vai»; *Fé, Verdade e Cultura. Reflexões a propósito da Encíclica Fides et Ratio*, 466-467; R. FISICHELLA, *Gesù Cristo rivelatore di Dio*, in *Lateranum* 75/1 (2009) 15: «A busca da verdade encontra-se ligada ao sentido que o homem deve dar à sua vida [...]. A renúncia a seguir esta estrada comporta, de facto, um obscurecimento da própria dignidade»; *A fé como resposta de sentido. Abandonar-se ao Mistério* (Prior Velho: Paulinas 2006 [Original 2005]) 21-28.

¹³⁷ J. RATZINGER, *Fé e Futuro*, 24; cf. *Dogma e Anúncio*, 79-84

¹³⁸ J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, 40.

¹³⁹ Cf. BENTO XVI, *A razão da paz vence a irracionalidade da violência!*, 7; J. RATZINGER, *Iglesia, ecumenismo y política*, 199-200: «O homem moderno fez tábua rasa dos vínculos tradicionais, vínculos que, nas sociedades estavelmente organizadas, fixavam e prescreviam desde tempos imemoriais e de múltiplas maneiras as possibilidades de realização da sua existência [...]. Ante esta situação, torna-se necessário perguntar se a modernidade conduziu realmente um maior grau de liberdade ou se, pelo contrário, não consistiu antes na troca de espaços livres por outros restritivos [...]»; Á. LUNO, *Relativismo, Verdad y Fe*, in *Romana – Boletín de la Prelatura de la Santa Cruz y Opus Dei* 42 (2006) 157.

2.1.1. O Iluminismo moderno e o relativismo contemporâneo

A *lectio magistralis* de Regensburg, como se demonstrou anteriormente, constitui-se uma singular explanação sobre o Iluminismo moderno e o relativismo contemporâneo, e, por conseguinte, acerca quer das causas conducentes à hodierna relação entre razão e fé, quer dos esforços a empreender em ordem ao «alargamento do conceito de razão e do seu uso»¹⁴⁰. Com efeito, em continuidade com o que acima se sustentou, neste texto dirigido aos seus compatriotas, o Pontífice refere que a partir da noção iluminista, de que só o tipo de certeza que deriva da sinergia entre matemática e experiência permite falar de cientificidade, resultou a exclusão do problema de Deus do plano das considerações científicas e filosófico-antropológicas e, conseqüentemente, a redução do espaço próprio da ciência e da razão, pelo que, apenas mediante a redescoberta de que seguindo o percurso traçado pela fé, a razão não se torna alienada, mas antes responde à sua altíssima vocação, será de novo possível ao homem abrir-se corajosamente à grandeza do *Logos* e à vastidão da razão¹⁴¹.

Esta compreensão radica, segundo a perspectiva ratzingeriana, na constatação de que o Iluminismo moderno inscreveu a noção de razão numa síntese entre platonismo cartesiano e empirismo, feito, ulteriormente confirmado pela evolução técnica das últimas décadas. Tal concepção, pois, pressupõe a estrutura matemática da matéria, isto é, a sua racionalidade intrínseca, a qual possibilita a compreensão e a utilização da mesma na sua eficiência operacional, correspondendo este pressuposto básico, como atesta o autor, ao elemento platónico do conceito moderno da natureza. Por outro lado, o Papa Ratzinger indica ainda que a referida inscrição moderna de razão, resulta também no aproveitamento funcional da natureza para as finalidades humanas, aferindo-se a verdade ou falsidade de algo apenas através do dado experimental, neste contexto tomado como garantia decisiva¹⁴².

Atento o sobredito, constata-se, segundo Bento XVI, que o Iluminismo, almejando uma *razão pura*, procurou para a metafísica um pressuposto derivado de outra fonte que não a fé, facto fundante de um radicalismo racional, posteriormente, agudizado pelo cientismo natural,

¹⁴⁰ BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9; cf. P. BLANCO, *Razón, Cristianismo y Modernidad: ecos de Ratisbona*, in P. BLANCO - R. GARCÍA (coordenadores), *Benedicto XVI habla sobre Cultura y Sociedad* (Madrid: Palabra 2013) 115-122; P. CODA, *Rileggendo la lectio magistralis di Benedetto XVI a Regensburg*, 431-435; J. CAÑIZARES, *Razón y fe en la fundación del comprender. Reflexiones desde el Magisterio de Benedicto XVI*, 862-864.

¹⁴¹ Cf. BENTO XVI, *A razão que segue a fé responde à sua vocação*, 11; *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9; P. CODA, *Rileggendo la lectio magistralis di Benedetto XVI a Regensburg*, 451-454.

¹⁴² Cf. BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9; A. BELLO, *La questione di Dio fra religione, filosofia e fede*, in *Rassegna di Teologia* 49 (2008) 163-165; E. SÁNCHEZ, *El ocaso de la teleología en la naturaleza humana: una clave de la crisis bioética según Ratzinger*, in *Scripta Theologica* 45 (2013) 683-685.

cuja consequência primeira resultou na ancoragem da fé no exclusivo âmbito da razão prática, numa negação do seu acesso ao conjunto integral da realidade¹⁴³. Por este motivo, refutando as premissas iluministas, o autor advertiu em múltiplas circunstâncias que «a investigação científica e a exigência de sentido, apesar da fisionomia epistemológica e metodológica específica, jorram de uma única nascente, aquele *Logos* que preside à obra da criação e guia a inteligência da história»¹⁴⁴. Tal perspectiva contradiz, portanto, a posição moderna, alicerçada na intrepidez de um pensamento supostamente insusceptível de qualquer constrangimento, consubstanciado no *sapere aude* kantiano, formulação na qual o Pontífice encontra traduzida a soberba de uma razão auto-suficiente e irreverente perante todo o limite¹⁴⁵.

Da sua ampla reflexão referente ao *reduccionismo da razão* e à *recusa da verdade* na sua integridade, por parte do espírito moderno, subjacente à qual se constata, pois, a noção de Deus enquanto hipótese despicienda, Ratzinger identifica o relativismo resultante do Iluminismo como a problemática proeminente de uma crise social sem precedentes, cujas proporções o levaram a defini-lo, na célebre homilia proferida na véspera da sua eleição pontifícia, enquanto ditadura «que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades»¹⁴⁶.

Com efeito, tal constatação, reiteradamente desenvolvida pelo autor em diversas intervenções¹⁴⁷, não se circunscreve à esfera moral, aludindo antes ao supramencionado

¹⁴³ Cf. E. ESLAVA, *La razón mutilada. Ciencia, razón y fe en el pensamiento de Joseph Ratzinger*, 838-841; R. CANTALAMESSA, *Horizontes para uma Nova Evangelização* (Lisboa: Paulus 2012) 63-69.

¹⁴⁴ BENTO XVI, *Sem amor a ciência perde a sua humanidade*, 5.

¹⁴⁵ Cf. BENTO XVI, *A razão da paz vença a irracionalidade da violência!*, 8; J. RATZINGER, *Iglesia, ecumenismo y política*, 201-202; P. BLANCO, *Razón, Cristianismo y Modernidad: ecos de Ratisbona*, 130-131; *Modernidad y posmodernidad*, 6-10; A. BELLO, *La questione di Dio fra religione, filosofia e fede*, 165-167.

¹⁴⁶ J. RATZINGER, *Pedimos com insistência ao Senhor para que nos dê um novo Pastor segundo o seu coração* - Homilia na Santa Missa *Pro eligendo Romano Pontifice* celebrada na Basílica Vaticana (18 de Abril de 2005), in *L'Osservatore Romano* 36/17 (2005) 2: «Quantos ventos de doutrina conhecemos nestes últimos decénios, quantas correntes ideológicas, quantas modas do pensamento... A pequena barca do pensamento de muitos cristãos foi muitas vezes agitada por estas ondas, lançada de um extremo ao outro: do marxismo ao liberalismo, até à libertinagem, ao colectivismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo e por aí adiante. Cada dia surgem novas seitas e realiza-se quanto diz São Paulo acerca do engano dos homens, da astúcia que tende a levar ao erro (cf. *Ef* 4, 14). Ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, muitas vezes é classificado como fundamentalismo. Enquanto o relativismo, isto é, deixar-se levar *aqui e além por qualquer vento de doutrina*, aparece como a única atitude à altura dos tempos hodiernos. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades»; cf. J. RATZINGER - M. PERA, *Sin Raíces. Europa - Relativismo - Cristianismo - Islam*, 19-32; M. PERA, *Por qué debemos considerarnos cristianos. Un alegato liberal*, 131-137; J. BURGGRAF, *¿Qué Europa queremos? ¿Una sociedad postmoderna, multicultural o fiel a sus raíces?*, 847-850.

¹⁴⁷ Cf. J. RATZINGER, *A Europa de Bento na crise de culturas*, 34: «A verdadeira contraposição que caracteriza o mundo actual é a radical emancipação do homem em relação a Deus, às raízes da vida [...]. Trata-se da expressão de uma consciência que pretende ver Deus definitivamente apagado da vida pública da humanidade e atirado para a esfera subjectiva de culturas residuais do passado. O relativismo, que constitui o ponto de partida de tudo isto, torna-se assim um dogmatismo que se julga em poder do conhecimento definitivo

problema, muito mais profundo e geral, primariamente respeitante ao âmbito filosófico e religioso, atinente à atitude da consciência contemporânea face à interrogação pela verdade, posição esta de todo contrária à convicção ratzingeriana de que o homem é, realmente, *capaz da verdade*, devendo, por isso, reaprender a dimensionar a sua existência por este critério fundamental¹⁴⁸.

2.1.1.1. Dois eclipses inevitáveis

Tendo em conta o quadro iluminista anteriormente descrito, o Papa Ratzinger entende, enfim, que por detrás do optimismo difundido pelo saber científico se estende a sombra de uma crise do pensamento, que levou o homem, deslumbrado pela eficácia técnica, a esquecer-se do horizonte fundamental da exigência de sentido, relegando à irrelevância a dimensão transcendente, cujo resultado consiste na vigente depauperação ética, que ofusca as referências normativas de valor¹⁴⁹. Deste modo, verifica-se, na sequência da metafísica

da razão e no direito de considerar tudo o resto um mero estádio ultrapassado da humanidade e que pode ser adequadamente relativizado. Na realidade, isto significa que temos necessidade de raízes para sobreviver, e que não devemos perder Deus de vista se queremos que a dignidade humana não desapareça»; J. RATZINGER, *A Igreja e a nova Europa*, 70-76.

¹⁴⁸ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: ontem, hoje e amanhã*, 13: «Uma certeza fundamental do homem moderno [...] consiste na convicção de que não somos capazes de conhecer mesmo Deus, de que tudo o que se afirma a respeito d'Ele só pode ser simbólico»; BENTO XVI, *Luz do Mundo – O Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos. Uma conversa com Peter Seewald* (Cascais: Lucerna 2010) 58: «Temos de ter a audácia de dizer: *sim, o homem tem de procurar a verdade; ele é capaz da verdade*. É evidente que a verdade necessita de critérios de verificação e de falsificação. E deve andar sempre de mãos dadas com a tolerância. Mas a verdade mostra-nos também valores constantes que fizeram grande a humanidade. Por isso devemos reaprender e voltar a praticar a humildade de reconhecer a verdade e deixar que ela nos sirva de bitola»; M. TOSATTI, *Dicionário do Papa Ratzinger. Guia para o Pontificado*, 104-106; Á. LUNO, *Relativismo, Verdad y Fe*, in *Romana – Boletín de la Prelatura de la Santa Cruz y Opus Dei*, 150; M. MONGE, *Fe y nueva evangelización* (Madrid: BAC 2013) 145-146.

¹⁴⁹ Cf. BENTO XVI, *Sem amor a ciência perde a sua humanidade*, 5; J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: ontem, hoje e amanhã*, 11-12: «Quando Deus é posto de lado, inicialmente, tudo parece continuar como dantes. As opções fundamentais arreigadas e as formas básicas de vida continuam em vigor, apesar de terem perdido a sua fundamentação. Mas tudo muda no momento em que a mensagem de que Deus está morto passa a ser realmente percebida [...]. Hoje verificamos isso na maneira como a ciência lida com a vida humana, fazendo com que o ser humano se torne automaticamente um objecto da tecnologia, de modo que desaparece cada vez mais como ser humano. Quando são *criados* embriões nos laboratórios com a finalidade de ter à disposição *material de investigação* e de constituir bancos de órgãos que possam ser úteis a outros seres humanos, já não se ouve quase nenhum grito de espanto. Afinal, é o progresso que exige tudo isso, e os objectivos são tão nobres: melhorar a qualidade de vida dos seres humanos, ou seja, pelo menos dos que têm condições para aceder a esses serviços. Mas quando o ser humano se torna, para si mesmo, apenas num objecto na sua origem e nas suas raízes, quando é *produzido* e seleccionado no decurso de um processo segundo desejos e utilidades, o que pode ainda o ser humano pensar acerca do ser humano? Que comportamento deve adoptar em relação a ele? Como há-de o ser humano encarar o ser humano quando não encontra mais nada do mistério divino no outro, mas apenas a sua própria capacidade para fazer? O que aí se manifesta nas *altas* esferas da ciência encontra o seu reflexo em toda a parte onde se conseguiu, em larga escala, arrancar Deus do coração dos homens»; E. SÁNCHEZ, *El ocaso de la teleología en la naturaleza humana: una clave de la crisis bioética*

moderna, que o drama do homem contemporâneo radica no não reconhecimento de uma verdade inscrita no seu coração, isto é, de um fundamento objectivo para o seu pensar e o seu agir, encontrando-se, assim, obscurecido pelo crepúsculo de Deus e de si mesmo¹⁵⁰. Tal facto, segundo Bento XVI, consiste na grande problemática da sociedade ocidental, marcada, portanto, por um esquecimento de Deus que se difunde, provocado, por sua vez, pela secularização que assola as culturas com um delineamento do mundo e da humanidade sem referência à transcendência, impregnando todos os aspectos da vida quotidiana e fomentando a sobredita mentalidade em que Deus se tornou total ou parcialmente ausente da existência e da consciência do homem¹⁵¹.

Neste sentido, compreende-se a intuição do Pontífice segundo a qual a recusa de uma *Razão Criadora* torva a visão do homem, não apenas sobre Deus, mas, desde logo, acerca si mesmo, pelo que, como se indicou no início, alheado relativamente ao sentido da existência e à interrogação pela verdade e por Deus, o homem ignora, também, a sua identidade, e a fonte a partir da qual pode haurir os seus critérios e pautar o seu caminho¹⁵². Trata-se, sucintamente, da constatação, de alguma forma já enunciada, de que «se o mundo e o ser humano não provêm de uma *Razão Criadora* que traz em si a sua medida e a insere no homem, nada mais resta a não ser regras de trânsito para o comportamento humano que devem ser projectadas e justificadas de acordo com a sua utilidade», isto é, em conformidade com «o cômputo dos seus efeitos, aquilo que se entende teleologicamente por ética ou proporcionalismo»¹⁵³. Isto mesmo expressou o autor na sua referência ao jurista e filósofo positivista Hans Kelsen (1881-1973), presente no texto proferido no Parlamento alemão, por meio da qual sustenta que, tida simplesmente enquanto agregado de dados objectivos, unidos mutuamente como causas e efeitos, não se pode deduzir da natureza qualquer indicação que seja de algum modo de carácter ético, pelo que, o homem necessita de voltar a *abrir as janelas* do seu

según Ratzinger, 668-676; A. MARTÍNEZ-CARBONELL, *Fundamentación teológica y jurídica de la dignidade humana*, 186-190.

¹⁵⁰ Cf. BENTO XVI, *Uma maneira nova de ser cristão*, 9; C. CANEVA, *La sfida del post-umano. Verso nuovi modelli di esistenza?*, in *Rassegna di Teologia* 46 (2005) 269-271, 284-287.

¹⁵¹ Cf. BENTO XVI, *A razão da paz vença a irracionalidade da violência!*, 7; *A secularização na Igreja desnatura a fé e o estilo de vida dos fiéis*, 5; J. RATZINGER, *A Europa de Bento na crise de culturas*, 39: «A tentativa, levada ao extremo, de modelar as coisas humanas prescindindo completamente de Deus conduz-nos cada vez mais para o abismo, para o total esquecimento do homem»; F. COSENTINO, *Postmodernità, ateismo e immagini di Dio*, in *Rassegna di Teologia* 51 (2010) 552-556.

¹⁵² Cf. BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 5; J. RATZINGER, *Fé, Verdade e Cultura. Reflexões a propósito da Encíclica Fides et Ratio*, 466.

¹⁵³ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: ontem, hoje e amanhã*, 18; cf. A. MARTÍNEZ-CARBONELL, *Fundamentación teológica y jurídica de la dignidade humana*, 190-194.

entendimento, percebendo que no seu mundo autoconstruído bebe em segredo nos *recursos* de Deus, que pertinazmente intenta tornar próprios¹⁵⁴.

Das considerações de Ratzinger, segundo as quais, a emancipação da razão em relação à fé depressa se evidenciou a causa do deserto interior hoje percorrido pelo homem, o qual desejando ser o único artífice da sua natureza e do seu destino, se encontra desprovido daquilo que constitui o fundamento de tudo, pelo que, actualmente, se afigura toldado «o que seja justo e possa tornar-se direito vigente relativamente às questões antropológicas fundamentais»¹⁵⁵, deverão concluir-se, em suma, dois aspectos. Antes de mais, a clara constatação ratzingeriana de que, subjacente ao aparente humilde realismo moderno, se esconde a ideia do distanciamento de Deus em relação ao mundo, do que resulta, concomitantemente, a partir dos silogismos ditados pela *razão pura*, a perda da presença de Deus. Em segundo lugar, aufere-se a pragmática inferência de que uma análise restringida ao agregado dos efeitos, obscurece a inviolabilidade da dignidade humana, uma vez que, deste modo, nada pode ser considerado bom ou mau em si mesmo.¹⁵⁶ Tais factos subjazem, pois, à profunda crise cultural do continente europeu e do mundo ocidental, doravante abordada.

2.1.1.2. Uma profunda crise cultural

A análise em curso sobre o pensamento do Papa bávaro permitiu já tecer o grave corolário de que a contemporânea cultura positivista que relega para o âmbito subjectivo, como não científica, a pergunta acerca de Deus, causa a capitulação da razão, numa renúncia das suas possibilidades mais elevadas e, conseqüentemente, o descabro do humanismo. Assim, uma certa tensão que, por vezes, assume proporções de acérrimo conflito, entre o presente e a tradição, é por antonomásia o reflexo da referida realidade que, numa

¹⁵⁴ Cf. BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 5; J. CORRAL, *El declive del aprecio por la vida humana: claves culturales*, 108-109; R. GARCÍA, *Conciencia, Naturaleza y Derechos: discurso en el Bundestag*, 189-191; E. SÁNCHEZ, *Fundamentación ético-antropológica*, 167-169.

¹⁵⁵ BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 5; cf. Carta Apostólica *Ubicumque et semper*, 20; E. SÁNCHEZ, *El ocaso de la teleología en la naturaleza humana: una clave de la crisis bioética según Ratzinger*, 676-680 e 685-688; R. GARCÍA, *Conciencia, Naturaleza y Derechos: discurso en el Bundestag*, 175-181.

¹⁵⁶ Cf. BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9; J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: ontem, hoje e amanhã*, 18-19; J. CORRAL, *El declive del aprecio por la vida humana: claves culturales*, 92-96; A. MARTÍNEZ-CARBONELL, *Fundamentación teológica y jurídica de la dignidade humana*, 194-199.

absolutização do presente, isolado do património cultural do passado, não intenta traçar um futuro¹⁵⁷.

Segundo o Pontífice esta situação de secularismo caracteriza sobretudo as sociedades de antiga tradição cristã e corrói aquele tecido cultural que era uma referência unificadora, capaz de abraçar a existência humana no seu todo e de cadenciar os seus momentos mais significativos, desde o nascimento até à morte. Por este motivo, como se constatou anteriormente, o autor considera que o património espiritual e moral em que o Ocidente afunda as suas raízes e que constitui a sua linfa vital deixou de ser compreendido e aceite no seu valor profundo, razão pela qual o homem de hoje não reconhece uma instância de verdade e, simultaneamente, de maneira confusa, exprime uma acutilante exigência de espiritualidade e de sobrenatural, reveladora, por isso, da desconcertação e da inquietação experimentadas por um coração fechado à sublimidade de Deus¹⁵⁸.

Atentos os pontos acima desenvolvidos, elucidativos quanto ao facto do poder das capacidades humanas ser actualmente considerado a medida do agir, separado de qualquer norma moral, contexto este em que, como se atestou, o próprio homem sofre uma redução, deduz-se, do pensamento ratzingeriano, que a profunda crise cultural molestandora do momento histórico presente, radica, em larga escala, nas *patologias* da razão e da religião¹⁵⁹. Tal expressão – *patologias* –, recorrentemente tomada por Ratzinger, concerne ao referido reducionismo da razão que, como o Pontífice explanou na Aula Magna de Regensburg, «necessariamente eclode quando a razão fica a tal ponto limitada que as questões da religião e do *ethos* deixam de lhe dizer respeito»¹⁶⁰, bem como, às ambiguidades ideológico-religiosas, ulteriormente dissecadas, por Bento XVI, no Parlamento londrino¹⁶¹.

Posto isto, verifica-se que a vigente crise cultural resulta do hodierno conflituoso intercâmbio entre o mundo da secularidade racional e o mundo do credo religioso, pelo que o autor adverte que a sanção das supracitadas *patologias* somente poderá dar-se quando a

¹⁵⁷ Cf. BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 5; *É hora de indicar novos mundos ao mundo*, 5; F. COSENTINO, *Postmodernità, ateismo e immagini di Dio*, in *Rassegna di Teologia* 51 (2010) 556-559.

¹⁵⁸ Cf. BENTO XVI, *A Igreja é uma imensa força renovadora*, 6; Carta Apostólica *Ubicumque et semper*, 20-21; *Recomecemos a partir de Deus*, 10; J. RATZINGER, *A Igreja e a nova Europa*, 66-70; R. CANTALAMESSA, *Horizontes para uma Nova Evangelização*, 97-104; J. BURGGRAF, *¿Qué Europa queremos? ¿Una sociedade postmoderna, multicultural o fiel a sus raíces?*, 843-844; F. COSENTINO, *Postmodernità, ateismo e immagini di Dio*, in *Rassegna di Teologia* 51 (2010) 556-559.

¹⁵⁹ Cf. J. RATZINGER, *A Igreja e a nova Europa*, 23-26 e 84-87; P. BLANCO, *Modernidad y posmodernidad*, 8-10; G. PICCOLO, *Gli argomenti dei nuovi atei*, in *Rassegna di Teologia* 53 (2012) 133.

¹⁶⁰ BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9; cf. P. BLANCO, *Fe, Razón y Amor. Los discursos de Ratisbona*, 775-778.

¹⁶¹ Cf. BENTO XVI, *Razão e fé precisam uma da outra*, 6

razão admitir que a fé purifique e lance luz sobre a sua aplicação na descoberta dos princípios morais objectivos, correcção esta impeditiva, portanto, da sua manipulação por parte de ideologias e do seu emprego parcial, no qual a dignidade da pessoa humana não é plenamente considerada, e, do mesmo modo, quando a religião prestar a atenção suficiente ao papel purificador e estruturador da razão, no seu interior, a qual, com efeito, não compactua com o sectarismo, nem com o fundamentalismo, constitutivos de distorcidas formas religiosas responsáveis por sérios problemas sociais¹⁶². Neste sentido, visto que razão e fé encerram uma implicação mútua, o Pontífice afirma que o sobredito restabelecimento a efectivar consta de «um processo que funciona em duplo sentido»¹⁶³.

Das supracitadas *patologias* infere-se, pois, segundo o autor, a transferência das questões da religião e do *ethos* do espaço da razão comum para o foro subjectivo, numa circunscrição das mesmas à discricionariedade pessoal, âmbito no qual o sujeito decide o que lhe parece religiosamente sustentável, apenas baseado nas suas experiências e na sua consciência subjectiva, tida como única instância ética¹⁶⁴. Deste modo, Ratzinger entende ainda que a presente crise cultural resulta também da já enunciada noção iluminista de liberdade, compreendida como emancipação das normas tradicionais, em que a racionalidade surge, por sua vez, como auto-decisão que se ordena a dissolver a hétero-decisão emanada pela autoridade. Isto mesmo permite o Pontífice concluir que, paradoxalmente, o movimento das luzes não pretendia, na verdade, que a liberdade de todo o vínculo ocupasse o lugar deste, mas que se sacudisse o vínculo exterior, aquele que é imposto pelo outro, e fosse substituído pelo racional, ou seja, pelo que procede da inteligência. Todavia, como se constatou, atenta a referida concepção moderna, a consideração da dimensão social da liberdade levanta, por seu turno, diversas dificuldades, desde logo, provocadas pela mencionada empresa do Iluminismo concernente à substituição dos fundamentos sociais herdados pela busca de um sentido exclusivamente orientado pela razão, cuja consequência consiste, segundo o Papa Ratzinger, na profunda crise cultural em vigor¹⁶⁵.

¹⁶² Cf. BENTO XVI, *Razão e fé precisam uma da outra*, 6

¹⁶³ BENTO XVI, *Razão e fé precisam uma da outra*, 6; cf. M. MONGE, *Fe y nueva evangelización*, 147-150.

¹⁶⁴ Cf. BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9.

¹⁶⁵ Cf. J. RATZINGER, *Iglesia, ecumenismo y política*, 201-202: «O Iluminismo pretende ser uma história totalmente particular de liberdade. Apenas agora, com a emancipação das amarras da natureza e da superstição, poderia o homem começar a ser ele mesmo o sujeito da história. Apenas agora poderia o homem manejar a história, que havia deixado de ser para ele um destino inexorável, poderia conduzir o seu próprio destino e transformá-lo num processo de libertação [...]. [No entanto], as dificuldades começam quando se apresenta a dimensão social de liberdade e se pretende compreendê-la. Porque as tradições, das quais a razão se tinha emancipado, haviam sido também ordens e regras arraigadas na comunidade dos homens; a harmónica relação dos indivíduos no corpo social fundava-se sobre a observação das mesmas. Estas prescreviam as funções em que a existência humana podia explicar-se e viver. A este respeito, a ideia iluminista era muito simples. Em lugar das

2.1.2. *Etsi Deus daretur: indo contracorrente*

Do *status quaestionis* esboçado até agora resulta imprescindível o encetar da redescoberta cultural acerca do vigor do significado e do dinamismo da transcendência, feito para o qual o Pontífice adverte dever-se decididamente descortinar o horizonte do *quaerere Deum*¹⁶⁶. Efectivamente, como se constatou, em virtude da *razão pura* iluminista, Deus passou a ser reconhecido como desprovido de uma função concreta e, por conseguinte, enquanto dado dispensável na *realidade*. Contudo, segundo o teólogo alemão, «Deus é *prático*», ou seja, «não é um fecho teórico qualquer da visão do mundo que sirva eventualmente de consolo e diante do qual se estaque ou se passe simplesmente adiante», pelo que urge que o homem confesse Deus como «a verdadeira realidade, a condição prévia de qualquer *realismo*, sem o qual, nada permanece intacto»¹⁶⁷. Assim, a reflexão ratzingeriana demonstra que a referida anulação *funcional* de Deus, constatada em diversos âmbitos e expressa sob múltiplas configurações¹⁶⁸, radica, portanto, num entendimento contrário àquele

regras sociais herdadas introduzia-se a inteligência; a sociedade razoável será uma sociedade de razoáveis. Contudo, naturalmente, estava claro ao mesmo tempo que [...] nem todos tinham alcançado o estágio da razão ou da racionalidade. Assim, o movimento das luzes propõe-se abrir caminho ao senhorio da razão, reconhecendo-se em tudo isto como órgão de liberdade, e sentindo-se, inclusivamente, obrigado a promover os seus fins coactivamente. Aqui afirma-se [...] uma situação paradoxal. Como primeira medida o Iluminismo colocou de lado as antigas liberdades dos Estados, as múltiplas formas organizadas da sociedade antiga, com os seus espaços de liberdade, e nesta destruição de liberdades [...], entendeu-se como o executor da liberdade superior, oferecida por uma inteligência superior das coisas. Esta estranha ambiguidade que no posterior decurso da história havia de manifestar-se em muitas ocasiões, apresenta-se aqui, pela primeira vez, com toda a claridade e de forma incontestável»; *Dogma e Anúncio*, 83-84.

¹⁶⁶ Cf. BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 4-5; *Sem amor a ciência perde a sua humanidade*, 5; S. ZAMBONI, *Il magistero di Benedetto XVI. Alcune linee teologico-morali*, 170-171.

¹⁶⁷ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: ontem, hoje e amanhã*, 11-12; cf. FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 17: «A nossa cultura perdeu a noção da presença concreta de Deus, da sua acção no mundo; pensamos que Deus Se encontra só no além, noutra nível de realidade, separado das nossas relações concretas. Mas, se fosse assim, isto é, se Deus fosse incapaz de agir no mundo, o seu amor não seria verdadeiramente poderoso, verdadeiramente real e, por conseguinte, não seria sequer verdadeiro amor, capaz de cumprir a felicidade que promete. E, então, seria completamente indiferente crer ou não crer n'Ele. Ao contrário, os cristãos confessam o amor concreto e poderoso de Deus, que actua verdadeiramente na história e determina o seu destino final; um amor que se fez passível de encontro, que se revelou em plenitude na paixão, morte e ressurreição de Cristo»; E. ESLAVA, *La razón mutilada. Ciencia, razón y fe en el pensamiento de Joseph Ratzinger*, 847-851.

¹⁶⁸ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: ontem, hoje e amanhã*, 10-11: «Creio que o verdadeiro e mais profundo problema das teologias da libertação reside na ausência, *de facto*, da ideia de Deus [...]. Não que se tenha negado a existência de Deus – de modo algum. Ele apenas era dispensável na *realidade* [...]. Carecia de função. Foi relativamente a esse aspecto que, de repente, me interroguei, consternado: seria essa uma característica exclusiva da teologia da libertação? Não teria ela chegado a essa perspectiva quanto à questão de Deus, descartando-a como desprovida de qualquer carácter prático para a tarefa da iminente transformação do mundo, porque uma grande parte da cristandade pensava e, mais, vivia irreflectidamente e sem percebê-lo de maneira semelhante? Sem se dar conta disso, a consciência cristã não se teria transformado amplamente com o facto de que a fé em Deus é um assunto subjectivo que diz respeito à esfera particular e não às actividades comuns da vida pública em que era necessário procurar trabalhar em conjunto, *etsi Deus daretur* [...]? Não seria preciso encontrar um caminho que fosse válido mesmo no caso de Deus não existir? Por isso não foi mais do que algo consequente que, na hora de sair do interior do âmbito da Igreja para avançar para o âmbito público em

segundo o qual, «o Deus que é Criador e que se manifesta na sua criação dá direcção e medida também à acção do homem»¹⁶⁹.

Por tais motivos, inspirado no aforismo *etsi Deus non daretur* da autoria do jurista holandês Hugo Grotius (1583-1645) e, sobremaneira, na ulterior reformulação do mesmo axioma elaborada por Blaise Pascal (1623-1662), o Papa Ratzinger dirige aos seus contemporâneos a proposta de um projecto de vida *etsi Deus daretur*, ou seja, uma forma de vida norteadada pela ponderada consideração sobre a possibilidade da real existência de Deus¹⁷⁰.

Efectivamente, em várias ocasiões, Bento XVI sustentou que a pretensão iluminista de tentar preservar os valores morais comuns mediante princípios universalmente aceites, em lugar da fundamentação religiosa que até então os legitimava, tinha por fim garantir que os mesmos subsistissem *etsi Deus non daretur*, isto é, *mesmo que Deus não existisse*, ou *para o caso de Deus não existir*. Atento este pressuposto, o autor assevera, por sua vez, que a sociedade contemporânea se encontra numa situação inversa relativamente àquela vivida na modernidade, pelo que hoje, transcorridos decénios drasticamente marcados pela exclusão de Deus, os valores morais que o movimento das luzes intentou ressaltar a partir de outras garantias que não Deus mesmo, vêm-se diluídos pela mentalidade relativista e pelo subjectivismo. Neste sentido, contudo, o Pontífice considera de grande actualidade a referida fórmula, porquanto, como se explanou anteriormente, a mesma concerne a um modelo de vida, semelhante à do homem moderno, que haure a sua origem do snobismo de uma razão fechada à busca e à contemplação de uma verdade maior¹⁷¹.

geral, a fé não soubesse que função atribuir a Deus, deixando-O ficar onde estava: no âmbito privado, na esfera íntima, com a qual ninguém tem nada a ver. Por isso não era necessário nenhum descaso especial e muito menos alguma negação consciente, tendo Deus, enquanto Deus, ficado sem função, sobretudo depois de se ter abusado tantas vezes do seu nome. Mas a fé só teria saído realmente do seu gueto se tivesse levado para a esfera pública o seu conteúdo próprio, isto é, o Deus que julga e sofre, o Deus que estabelece limites e critérios, o Deus do qual viemos e para o qual caminhamos. Em vez disso, Ele ficou confinado de vez ao gueto da falta de função»; *Diálogos sobre a fé*, 141-158; M. TOSATTI, *Dicionário do Papa Ratzinger. Guia para o Pontificado*, 113-115.

¹⁶⁹ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: ontem, hoje e amanhã*, 17; cf. A. FERRERAS, *Fe cristiana y Nueva Evangelización*, 357-361; M. TOSATTI, *Dicionário do Papa Ratzinger. Guia para o Pontificado*, 37-38.

¹⁷⁰ Cf. BENTO XVI, *Se não há forças morais nos ânimos nem disponibilidade para sofrer não se constrói um mundo melhor* - Discurso no encontro com o clero da Diocese de Aosta (25 de Julho de 2005), in *L'Osservatore Romano* 36/31 (2005) 5; *A secularização na Igreja desnatura a fé e o estilo de vida dos fiéis*, 5; *Formação das consciências para não perder o sentido do pecado*, 14; *O mundo, o homem e a fé* - Audiência geral (14 de Novembro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/46 (2012) 3; J. RATZINGER, *A Igreja e a nova Europa*, 70-76 e 93-97; *Europa. Os seus fundamentos hoje e amanhã* (Apelação: Paulus 2005 [Original 2004]) 100-106; *A Europa de Bento na crise de culturas*, 37-41; H. GROTIUS, *Le Droit de la Guerre et de la Paix* (Paris: Léviathan 1999 [Original 1625]) 33-48.

¹⁷¹ Cf. BENTO XVI, *Se não há forças morais nos ânimos nem disponibilidade para sofrer não se constrói um mundo melhor*, 5: «No Iluminismo [...] pensou-se: devemos tornar os valores morais independentes das confissões religiosas, de modo que eles resistam *etsi Deus non daretur*. Encontramo-nos hoje na situação contrária, a situação inverteu-se. Não são realçados os valores morais. Só se tornam evidentes se Deus existe. Portanto, sugeri que os leigos, os chamados leigos, reflectissem se para eles hoje não é válido o contrário: devemos viver *quasi Deus daretur*, mesmo se não temos a força para crer devemos viver sobre esta hipótese,

Do mesmo modo, segundo o autor, enraíza-se aqui o supramencionado ateísmo *prático* hodierno, que não nega as verdades da fé ou os ritos religiosos, mas simplesmente os considera irrelevantes para a existência quotidiana, destacados da vida e, por conseguinte, inúteis, resultante, grosso modo, numa experiência de fé superficial, traduzida em modos de vida *etsi Deus non daretur*¹⁷².

Atinente o sobredito, como se indicou, o Papa Ratzinger, reitera a inversão pascaliana da formulação iluminista, propondo a crentes e a não crentes um modo de vida *etsi Deus daretur*, como se Deus existisse, o qual, de todo, não constrange a liberdade, e proporciona o apoio e o critério indispensáveis a uma existência humana autêntica¹⁷³.

2.1.2.1. A proposta de um *Iluminismo pós-moderno*

Apesar de Bento XVI não empregar expressamente em nenhum dos doze discursos estudados as fórmulas latinas acima dissecadas, verifica-se, de facto, que subjazem aos mesmos o seu significado e sentido, porquanto, em unísono, como já se sustentou, estes constituem-se uma eloquente admoestação referente à cegueira da razão auto-suficiente e à consequente necessidade de restaurar a capacidade de ver Deus e o homem, aquilo que é bom e o que é verdadeiro, encerrando tal problemática, decididamente, o futuro da humanidade¹⁷⁴.

caso contrário o mundo não funciona»; P. BLANCO, *Razón, Cristianismo y Modernidad: ecos de Ratisbona*, 128-133; A. FERRERAS, *Fe cristiana y Nueva Evangelización*, 352-357.

¹⁷² Cf. J. RATZINGER, *Dogma e Anúncio*, 386: «Dietrich Bonhoeffer observou numa ocasião que o cristão deve viver *quasi Deus non daretur*, como se Deus não existisse. Que devia deixar Deus de fora dos enredos de cada dia, estruturando a sua vida terrena inteiramente por sua própria responsabilidade. Eu, em oposição a isso, preferiria formular precisamente em sentido inverso: hoje também aquele para o qual a existência de Deus, o mundo da fé se tornou escuro, praticamente deveria viver, *quasi Deus esset*, como se Deus realmente existisse. Viver sob a realidade da verdade que não é nosso produto mas nossa soberana. Viver sob a direcção da justiça que não só pensamos, mas que é poder e nos determina a nós mesmos. Viver sob a responsabilidade do amor que espera por nós e nos ama. Viver sob a exigência da eternidade [...]. E quem, embora no início de modo talvez indeciso, se confiar a este *como-se* trabalhoso e contudo inevitável [...] notará sempre mais que o mesmo é a verdadeira realidade».

¹⁷³ Cf. J. RATZINGER, *Europa. Os seus fundamentos hoje e amanhã*, 105: «Se o Iluminismo foi à procura dos fundamentos morais válidos *etsi Deus non daretur*, hoje devemos convidar os nossos amigos agnósticos a abrir-se a uma moral *si Deus daretur*»; *A Europa de Bento na crise de culturas*, 40: «Devemos inverter o axioma dos iluministas e dizer: mesmo aqueles que não conseguem encontrar o caminho da aceitação de Deus deveriam procurar viver e orientar a sua vida *veluti si Deus daretur*, como se Deus existisse. É este o conselho que já Pascal dava aos amigos não crentes; é o conselho que gostaríamos de dar também hoje aos nossos amigos que não acreditam. Assim ninguém fica limitado na sua liberdade, mas todas as nossas coisas encontram o apoio e o critério de que têm urgente necessidade»; M. PERA, *Por qué debemos considerarnos cristianos. Un alegato liberal*, 69-73.

¹⁷⁴ Cf. BENTO XVI, *Determinados na fé e no bem*, 10.

Neste sentido, desde logo, algumas das epígrafes dos referidos escritos – *Fazer ciência no horizonte de uma racionalidade aberta ao transcendente, a Deus; Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade; A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana; Procurar Deus e escutá-l’O: fundamento de toda a verdadeira cultura; É hora de indicar novos mundos ao mundo; Razão e fé precisam uma da outra; A razão que segue a fé responde à sua vocação; Sem amor a ciência perde a sua humanidade* – revelam-se, particularmente, elucidativas quanto à proposição do Pontífice acerca de um *Iluminismo pós-moderno*, âmbito no qual a razão possa dilatar-se à grandeza inefável da *Verdade*¹⁷⁵.

Como o Papa alemão indicou na *lectio* de Ratisbona, assim como em demais circunstâncias, e tal como se mencionou anteriormente, a sua crítica da razão moderna «não inclui de forma alguma a opinião de que se deva voltar atrás, para antes do Iluminismo, rejeitando as convicções da Idade Moderna», tratando-se, inversamente, da enunciada asserção «de um alargamento do conceito moderno de razão e do seu uso»¹⁷⁶. Com efeito, a proposta do Papa Ratzinger não consta de uma declaração *anti-moderna*, mas, pelo contrário, portanto, de uma posição verdadeiramente *pós-moderna*, determinada a não incorrer nos erros iluministas, conceptualmente consubstanciados nas supracitadas *patologias* da razão e da religião, e empenhada no alcance de uma nova simbiose entre pós-modernidade e Cristianismo, da qual resulte, por seu turno, uma nova cultura e uma nova sociedade, norteadas, pois, por uma razão ampliada à incomensurabilidade da verdade, do transcendente e da fé, ao mundo da ética e das intuições humanas, da arte e da beleza¹⁷⁷.

Segundo o autor, um *Iluminismo pós-moderno* respeita, por isso, à consciência de que a fé deve ser contemporaneamente tomada como objecto do pensamento e, por conseguinte, que a razão deve abarcar as questões da humanidade concernentes ao sentido do existir, sem deixar que as mesmas sejam relegadas à irracionalidade. Tal intuição, como se vislumbrou noutros momentos, radica na constatação de que ambas, fé e razão, procedem e remetem-se,

¹⁷⁵ Cf. J. RATZINGER, *La fe como camino. Contribución del ethos cristiano en el momento actual*, 24-27; U. CASALE, *La teología de Ratzinger*, 112-116; J. RUIZ-ALDAZ, *¿Es cristiano deshelenizar el cristianismo?*, in *Scripta Theologica* 39/3 (2007) 818-828.

¹⁷⁶ Cf. BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9: «Tudo o que é válido no desenvolvimento moderno do espírito, há-de ser reconhecido sem reservas: todos nos sentimos agradecidos pelas grandiosas possibilidades que isso abriu ao homem e pelos progressos que nos foram proporcionados no campo humano. Aliás, o *ethos* da cientificidade [...] é vontade de obediência à verdade e, conseqüentemente, expressão duma atitude que faz parte das decisões essenciais do espírito cristão. Portanto, a intenção não é retracção, nem crítica negativa [...]»; *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade*, 7; *Razão e fé precisam uma da outra*, 6; *A razão que segue a fé responde à sua vocação*, 7; *Sem amor a ciência perde a sua humanidade*, 5; P. O’CALLAGHAN, *La relación entre modernidade y evangelización*, in *Scripta Theologica* 45 (2013) 49-50.

¹⁷⁷ Cf. P. BLANCO, *Modernidad y posmodernidad*, 9.

em última instância, ao *Logos* primordial, pelo que, como Bento XVI argumentou em 2012, na celebração do cinquentenário da fundação da faculdade de medicina e cirurgia da policlínica *Agostino Gemelli*, «ciência e fé têm uma reciprocidade fecunda, quase uma exigência complementar da compreensão do real»¹⁷⁸, inferindo-se, desta forma, que a síntese ratzingeriana intenta, efectivamente, o restabelecimento da coesão entre duas realidades que, separadas por diversas correntes filosóficas, atestam, todavia, uma correspondência intrínseca e indefectível¹⁷⁹.

Levado a cabo no contexto da supramencionada crise ético-cultural hodierna, da qual surgem as interrogações fundamentais quanto à luz que possa iluminar o conhecimento do homem não apenas com ideias gerais, mas com imperativos concretos, bem como, sobre o sustentáculo que sublima e ordene a vontade humana à demanda e à prática do bem, o empreendimento do Papa Ratzinger não pretende meramente lograr o reconhecimento da fé cristã por parte da razão positivista, dita livre e emancipada, mas, como se procurou demonstrar até agora, audaciosamente anela a libertação da própria razão, obstruída pela ingenuidade e pelo orgulho iluministas. De tal facto, deduz-se que o pensamento do teólogo e Papa bávaro, simultaneamente, consiste numa defesa da fé e da razão, atenta a clarificação acerca da supracitada inter-relação vigente entre as mesmas¹⁸⁰.

O *Iluminismo pós-moderno* proposto por Bento XVI, contrariamente ao movimento das luzes, traduz-se outrossim, no respeito pela intangibilidade da dignidade humana, neste quadro constituída dado fulcral dos ordenamentos ético-jurídicos, e pela fé em Deus Criador enquanto seu garante mais viável. A partir destes elementos concernentes à restauração do *ethos* e ao fomento de uma *ecologia humana*, seguidamente abordadas, o Pontífice articula o seu entendimento referente ao que denomina por *laicidade positiva*, segundo a qual, mediante a justa distinção entre Estado e Igreja, as realidades temporais, regidas por normas político-económicas específicas, devem salvaguardar sempre as orientações éticas que encontram o seu fundamento na própria essência do homem e que remetem, em última análise, para Deus Criador. Tal perspectiva, segundo o autor, não consiste, de todo, num atentado contra a laicidade, reflectindo antes o contributo católico para a garantia e para a promoção da dignidade da pessoa e do bem comum da sociedade, o qual recorda o valor

¹⁷⁸ BENTO XVI, *Sem amor a ciência perde a sua humanidade*, 5; cf. S. BONGIOVANNI, *Umanizzare la Ragione. Il particolare e l'universale in una razionalità condivisa*, in *Rassegna di Teologia* 51 (2010) 381-387.

¹⁷⁹ Cf. BENTO XVI, *A razão que segue a fé responde à sua vocação*, 7 e 11; P. BLANCO, *Fe, Razón y Amor. Los discursos de Ratisbona*, 771-772 e 776-777.

¹⁸⁰ Cf. BENTO XVI, *Uma maneira nova de ser cristão*, 8; E. ESLAVA, *La razón mutilada. Ciencia, razón y fe en el pensamiento de Joseph Ratzinger*, 842.

elementar que têm, para a vida privada e sobretudo pública, os princípios éticos fundamentais, presentes na fundação cristã da Europa¹⁸¹.

2.1.2.2. A restauração do *ethos* e o fomento de uma *ecologia humana*

A par e decorrente do *Iluminismo pós-moderno*, âmbito em que a razão pode reencontrar a sua vastidão sem escorregar no irracional, o Papa Ratzinger, cónscio, por sua vez, relativamente à carência da natureza aparecer novamente na sua verdadeira profundidade, nas suas exigências e com as suas indicações, adverte ainda para a necessidade de uma restauração do *ethos* e do fomento de uma *ecologia do homem*¹⁸². Efectivamente, ciente de que a época actual considera a natureza como puramente mecânica, desprovida em si mesma de qualquer imperativo moral, o Pontífice entende como fundamental voltar a encontrar um conceito verdadeiro de natureza, como criação de Deus que fala ao homem e lhe indica os valores autênticos, isto é, uma noção segundo a qual do próprio ser promana uma orientação exacta para o homem¹⁸³.

Segundo o autor, como se indicou, tal problemática adquire ainda maior premência no contexto relativista contemporâneo, pelo que se revela imperativo clarificar o fundamento racional objectivo dos direitos humanos, comum a todos os povos, e desenvolver a sua validade universal, assim como a inviolabilidade, inalienabilidade e indivisibilidade dos

¹⁸¹ Cf. BENTO XVI, *Ajude-mos os nossos irmãos a progredir pelos caminhos da vida e da liberdade autêntica* - Discurso na Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana (18 de Maio de 2006), in *L'Osservatore Romano* 37/21 (2006) 4; E. ESLAVA, E., *La razón mutilada. Ciencia, razón y fe en el pensamiento de Joseph Ratzinger*, 848; P. BLANCO, *Modernidad y posmodernidad*, 22-24.

¹⁸² Cf. BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 5.

¹⁸³ Cf. BENTO XVI, *Uma crise não só económica, mas também cultural e espiritual* - Discurso na Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana (27 de Maio de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/23 (2010) 3; *A escuta da linguagem da criação salva o homem da destruição*, 7; Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 48: «Quando a natureza, a começar pelo ser humano, é considerada como fruto do acaso ou do determinismo evolutivo, a noção de responsabilidade debilita-se nas consciências [...]. *A natureza é expressão de um desígnio de amor e de verdade*. Precede-nos, tendo-nos sido dada por Deus como ambiente de vida [...]. A natureza está à nossa disposição [...] como um dom do Criador que traçou os seus ordenamentos intrínsecos dos quais o homem há-de tirar as devidas orientações para a *guardar e cultivar* (Gn 2, 15) [...]. Obra admirável do Criador, a natureza contém nela uma *gramática* que indica finalidades e critérios para uma utilização sábia, não instrumental nem arbitrária. Advêm, hoje, muitos danos ao desenvolvimento precisamente destas concepções deformadas. Reduzir completamente a natureza a um conjunto de simples dados reais acaba por ser fonte de violência contra o ambiente e até por motivar acções desrespeitadoras da própria natureza do homem. Esta, constituída não só de matéria mas também de espírito e, como tal, rica de significados e de fins transcendentais a alcançar, tem um carácter normativo também para a cultura. O homem interpreta e modela o ambiente natural através da cultura, a qual, por sua vez, [deve ser] orientada por meio da liberdade responsável, atenta aos ditames da lei moral».

mesmos, sendo que, como assevera o Pontífice, tais direitos, bem como os restantes valores e deveres éticos elementares, encontram-se arraigados na dignidade natural de cada pessoa, dado acessível à razão humana, e independente de qualquer configuração religiosa¹⁸⁴.

A estes aspectos, Bento XVI reúne ainda a inferência de que o homem hodierno contesta o facto de possuir uma natureza pré-constituída pela sua corporeidade, não se inibindo, inclusivamente, de a negar com a afirmação oposta de que esta não lhe é dada como um facto pré-definido, julgando-se, com efeito, no direito de criar a sua própria natureza. Assim, tido somente como espírito e vontade, este é reconhecido apenas em abstracto, escolhendo para si, de forma autónoma, o que adopta como sua natureza. Em tal circunstância, onde impera a comumente nomeada *ideologia do género* e seus derivados¹⁸⁵, o Pontífice verifica que «a liberdade do fazer se torna liberdade de fazer-se por si mesmo», numa conseqüente recusa do Criador e do próprio homem enquanto criatura e imagem de Deus¹⁸⁶. Tudo isto resulta, segundo o autor, das modernas revoluções filosófico-antropológicas e científicas, anteriormente analisadas, geradoras, pois, de uma civilização olvidada acerca de Deus e do que seja ser homem, a qual, só se conhecendo a si mesma e apenas reconhecendo o seu critério de medição, vive contra a verdade, não aceitando o homem como criatura, no qual está inscrita uma mensagem que não significa contradição com a sua liberdade, sendo antes sua vital condição¹⁸⁷.

Por estas razões, como se enunciou noutro momento, na reflexão esplanada na sede da ONU, o Pontífice alertou para «a clara violação da ordem da criação» hoje realizada em tantas instâncias, «até ao ponto em que não só é contrastado o carácter sagrado da vida, mas a própria pessoa humana e a família são privadas da sua identidade natural», referindo também, o autor, que «a acção internacional destinada a preservar o ambiente e a proteger as várias formas de vida sobre a terra não deve garantir apenas um uso racional da tecnologia e da ciência, mas, do mesmo modo, deve procurar redescobrir a imagem autêntica da criação», sustentando, em suma, que para tal não basta equacionar «uma opção a ser feita entre ciência e

¹⁸⁴ Cf. BENTO XVI, *A dignidade natural de cada pessoa: raiz da inviolabilidade dos direitos humanos*, 14.

¹⁸⁵ Cf. BENTO XVI, *Quem defende Deus defende o homem*, 9: «Hoje, sob o vocábulo *gender - género*, apresenta-se uma nova filosofia da sexualidade. De acordo com tal filosofia, o sexo já não é um dado originário da natureza que o homem deve aceitar e preencher pessoalmente de significado, mas uma função social que cada qual decide autonomamente, enquanto até agora era a sociedade quem a decidia. Salta aos olhos a profunda falsidade desta teoria e da revolução antropológica que lhe está subjacente»; *A escuta da linguagem da criação salva o homem da destruição*, 7: «O que com frequência é expresso e entendido com a palavra *gender*, resolve-se em definitiva na auto-emancipação do homem da criação e do Criador. O homem pretende fazer-se sozinho e dispor sempre e exclusivamente sozinho o que lhe diz respeito».

¹⁸⁶ Cf. BENTO XVI, *Quem defende Deus defende o homem*, 9.

¹⁸⁷ Cf. BENTO XVI, *A escuta da linguagem da criação salva o homem da destruição*, 7; E. SÁNCHEZ, *Fundamentación ético-antropológica*, 160-172; J. CORRAL, *El declive del aprecio por la vida humana: claves culturales*, 101-109.

ética», exigindo-se antes «um método científico que seja verdadeiramente respeitador dos imperativos morais» e, por conseguinte, como fundamento para o efeito, capaz de reconhecer no direito natural «uma lei inscrita no coração do homem e presente nas diversas culturas e civilizações». De igual modo, convicto de que, quer os direitos humanos quer sobremaneira a pessoa humana, sujeito destes mesmos direitos, comportam um valor universal, as intervenções de Bento XVI nos Parlamentos de Londres e de Berlim, ao indagarem pelo fundamento ético do direito e da justiça, reiteram o entendimento de que o respeito pela referida lei natural se revela essencial para que a natureza e a razão humanas sejam justamente tomadas como verdadeiras fontes do direito¹⁸⁸.

Atentos estes pressupostos, conclui-se, portanto, segundo o pensamento ratzingeriano, que «a importância da ecologia é agora indiscutível», pelo que o homem «deve ouvir a linguagem da natureza e responder-lhe coerentemente». Este repto, expresso na Câmara Alta do *Reichstag*, como se demonstrou anteriormente, intentou despertar a consciência pública para o facto de que, a par da ecologia ambiental, «existe também uma ecologia do homem», segundo a qual este «deve respeitar e não pode manipular a sua natureza como lhe apetece». Neste sentido, também na referida ocasião o Pontífice voltou a expor a sua perspectiva segundo a qual «o homem não é apenas uma liberdade que se cria por si própria», e que, sendo espírito e vontade, «é também natureza, e a sua vontade é justa quando a respeita e a escuta e quando se aceita a si mesmo por aquilo que é e que não se criou por si mesmo», pelo que, segundo o Papa Ratzinger, «só assim se realiza a verdadeira liberdade humana»¹⁸⁹.

¹⁸⁸ Cf. BENTO XVI, *Os direitos humanos radicados na justiça*, 8; *Razão e fé precisam uma da outra*, 6; *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 4.

¹⁸⁹ BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 5; cf. Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 51: «Requer-se uma espécie de *ecologia do homem*, entendida no justo sentido. De facto, a degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que molda a convivência humana: quando a *ecologia humana* é respeitada dentro da sociedade, beneficia também a ecologia ambiental. Tal como as virtudes humanas são intercomunicantes, de modo que o enfraquecimento de uma põe em risco também as outras, assim também o sistema ecológico se rege sobre o respeito de um projecto que se refere tanto à sã convivência em sociedade como ao bom relacionamento com a natureza. Para preservar a natureza não basta intervir com incentivos ou penalizações económicas, nem é suficiente uma instrução adequada. Trata-se de instrumentos importantes, mas o problema decisivo é a solidez moral da sociedade em geral. Se não é respeitado o direito à vida e à morte natural, se se tornam artificiais a concepção, a gestação e o nascimento do homem, se são sacrificados embriões humanos na pesquisa, a consciência comum acaba por perder o conceito de ecologia humana e, com ele, o de ecologia ambiental. É uma contradição pedir às novas gerações o respeito do ambiente natural, quando a educação e as leis não as ajudam a respeitar-se a si mesmas. O livro da natureza é uno e indivisível, tanto sobre a vertente do ambiente como sobre a vertente da vida, da sexualidade, do matrimónio, da família, das relações sociais, numa palavra, do desenvolvimento humano integral. Os deveres que temos para com o ambiente estão ligados com os deveres que temos para com a pessoa considerada em si mesma e em relação com os outros. Não se podem exigir uns e espezinhar os outros. Esta é uma grave antinomia da mentalidade e do costume actual, que avilta a pessoa, transtorna o ambiente e prejudica a sociedade»; J. RATZINGER, *No Princípio Deus criou o Céu e a Terra*, 81-83; E. SÁNCHEZ, *Fundamentación ético-antropológica*, 172-176.

Um modo de vida *etsi Deus daretur*, ou seja «firmemente ancorado na dimensão religiosa do homem» revela-se, enfim, a melhor forma de restauração do *ethos* e do fomento da *ecologia humana*, visto que, o reconhecimento do valor transcendente de cada homem e mulher favorece a conversão do coração e leva a um compromisso pela construção de uma ordem social respeitadora da dignidade e dos direitos da pessoa¹⁹⁰.

2.1.3. O testemunho de Marcello Pera

Como se indicou na Introdução, uma vez explanado o pensamento ratzingeriano concernente aos problemas culturais contemporâneas, dos quais se destacou o corrosivo subjectivismo em vigor, torna-se pertinente uma referência a Marcello Pera, como então se adiantou, Professor Catedrático de Filosofia da Ciência na Universidade de Pisa e Presidente do Senado Italiano entre os anos 2001 e 2006. Segundo Bento XVI, Pera é «um liberal, consciente, por seu turno, de formar parte da tradição cultural cristã, reconhecendo no encontro entre o pensamento tradicional cristão-católico e o pensamento liberal a sua tarefa específica de filósofo e político». Neste sentido, o Pontífice entende que o mencionado senador «mostra com grande coerência que o liberalismo destrói-se a si mesmo se perde as suas raízes, isto é, se abandona a imagem cristã de Deus e do homem que é o seu fundamento»¹⁹¹. Decorrente do sobredito, o Papa Ratzinger constata que para Marcelo Pera «as decisões que tocam a fé de um verdadeiro crente não estão em discussão enquanto questões de fé», considerando este, todavia, «que se pode e deve ter um diálogo sincero sobre as consequências éticas e culturais das decisões fundamentais da ordem do religioso, e isto com o fim de alcançar uma actuação responsável em comum, apesar das diferentes decisões de fundo»¹⁹². Por tais motivos, atinente a sóbria racionalidade, a ampla informação filosófica e a força dos argumentos, e convocando crentes e não crentes para a sua proveitosa circunspeção, o autor ratifica o pensamento de Pera como uma reflexão de extrema importância para a reestruturação sociocultural da Europa e do mundo de hoje e, portanto,

¹⁹⁰ Cf. BENTO XVI, *Os direitos humanos radicados na justiça*, 9.

¹⁹¹ BENTO XVI, *Prefacio*, in *Por qué debemos considerarnos cristianos. Un alegato liberal* (Madrid: Encuentro 2010 [Original 2009]) 9; cf. M. PERA, *Democrazia e Cristianesimo non sono miti*, in *Corriere della Sera* (19-Outubro-2005) 7; F. CONIGLIONE, *La forza dell'Occidente. Pera, Ratzinger e il relativismo della 'Vecchia Europa'*, in *Il Protagonista* 6 (2005) 7-18.

¹⁹² BENTO XVI, *Prefacio*, 10; cf. F. CONIGLIONE, *Tolleranza e radici cristiane secondo Marcello Pera*, in *Filosofia e discussione pubblica* 58/46 (2005) 603-606; A. ROVERI, *La conversione di Marcello Pera al Cattolicesimo*, in *Il Ponte* 1 (2009) 17-18.

realmente essencial para que o debate político seja premiado por uma imprescindível profundidade, sem a qual não será possível superar os desafios do momento histórico presente¹⁹³.

Atentos os supracitados pressupostos compreende-se a intuição básica deste filósofo e político, segundo o qual, «o admirador da mensagem cristã é aquele que sabe que o Cristianismo transformou o mundo, trazendo-lhe uma revolução moral de amor, igualdade e dignidade, sem precedentes», sendo que, «sem esta revolução o mundo seria pior, a vida entre os homens seria mais selvagem, os direitos estariam menos garantidos, e a esperança menos apoiada». Um tal admirador, segundo Pera, «crê ainda que a cultura tem valor para si e para os outros, que é um património de civilização e um bem em si mesma»¹⁹⁴. Por conseguinte, reconhecendo os elementos cristãos constitutivos da fundação europeia e do mundo Ocidental, bem como, os efeitos obnóxios do Iluminismo e do relativismo dele redundante, o antigo Presidente do Senado italiano, corroborando a pressuposição de Bento XVI, atesta que «viver *como se Deus existisse* significa negar ao homem o sentido de onipotência e de liberdade absoluta que primeiro o exalta e depois o envelhece e degrada, consciencializando-o sobre a sua condição de finitude e sobre a existência dos limites éticos na sua acção»¹⁹⁵.

Na senda do Papa Ratzinger, Marcello Pera, outrossim, vislumbra na racionalidade iluminista efeitos prodigiosos e inestimáveis, inferindo que as grandes conquistas científicas, tecnológicas, económicas, civis e constitucionais, que marcaram a Europa e todo o Ocidente, não se explicam sem a sobredita. Contudo, o autor italiano argumenta que se estes triunfos, em grande medida universais, porquanto, «se tratam de aquisições inestimáveis, tendo em conta a força com que se impuseram, o poder de expansão que ainda actualmente possuem e o seu grau de atracção», não se revelaram auto-suficientes, visto que «acabam por ter um preço

¹⁹³ Cf. BENTO XVI, *Prefacio*, 11; J. RATZINGER - M. PERA, *Sin Raíces. Europa - Relativismo - Cristianismo - Islam*, 122; F. CONIGLIONE, *La forza dell'Occidente. Pera, Ratzinger e il relativismo della 'Vecchia Europa'*, 24-31.

¹⁹⁴ M. PERA, *Por qué debemos considerarnos cristianos. Un alegato liberal*, 71; cf. S. LORENZETTO, *Ratzinger riprenderà la bandiera dell'Europa*, in *Corriere della Sera* (29-Abril-2005) 9; D. DUNGLAS, *Il credo di un ateo amico del Papa*, in *Le Point* 4 (2006) 25-27.

¹⁹⁵ M. PERA, *Por qué debemos considerarnos cristianos. Un alegato liberal*, 72-73; cf. M. PERA, *Democrazia e Cristianesimo non sono miti*, 9-11; J. RATZINGER - M. PERA, *Sin Raíces. Europa - Relativismo - Cristianismo - Islam*, 37-41; F. CONIGLIONE, *Il sorriso di Crizia. Il relativismo elitario di Marcello Pera*, in F. CONIGLIONE - R. LONGO (coordenadores), *La filosofia generosa. Studi in onore di Anna Escher di Stefano* (Acireale-Roma: Bonanno 2006) 183-191; *Tolleranza e radici cristiane secondo Marcello Pera*, in *Filosofia e discussione pubblica* 58/46 (2005) 604-607.

pago sobretudo hoje, dada a exclusão, a subjectivização, a guetização do divino, do sagrado, de Deus [...], e o descaminho das consciências que proporcionam»¹⁹⁶.

Por este motivo, Pera sustenta que hodiernamente se salda a fronteira da «grande divisão» edificada pelas luzes modernas, advertido «não ser verdade que a separação das esferas – científica, jurídica, moral, religiosa – garanta sempre o equilíbrio e nunca produza conflitos entre elas», sendo que, na verdade, «frequentemente a acção livre numa esfera interage negativamente com a livre acção numa outra esfera». Assim, tal como assevera, «se Deus é suprimido da esfera científica, a religião é suprimida da vida do homem; se a moral é suprimida do direito, os valores são suprimidos das leis; se a ciência e a técnica são garantias sem limites, o progresso pode ser cego e destrutivo». Toda esta problemática consta, em síntese, segundo entende, da taxa agora suportada, auferida «do desfasamento entre a velocidade com que a ciência e a técnica oferecem instrumentos para satisfazer os desejos do homem e a lentidão da sua compreensão e do seu domínio; entre a ciência e a sabedoria; entre a racionalidade iluminista e a salvação do homem»¹⁹⁷.

Neste sentido, recordando que a pessoa humana ocupa o primeiro lugar da escala axiológica universal, o senador italiano declara que «o leigo que age *veluti si Deus daretur* torna-se *moralmente mais responsável*»¹⁹⁸, sendo que um tal «Deus que até o leigo não crente deve sentir *como se existisse* é para ele um Deus laico [...], é o Deus da sua consciência, que

¹⁹⁶ M. PERA, *Uma proposta que deve ser aceite*, in J. RATZINGER, *A Europa de Bento na crise de culturas* (Braga: Alêtheia 2005) 10-11; cf. F. CONIGLIONE, *La forza dell'Occidente. Pera, Ratzinger e il relativismo della 'Vecchia Europa'*, 38-42.

¹⁹⁷ M. PERA, *Uma proposta que deve ser aceite*, 9-13: «Verdade de fé e verdades de ciência; verdades de moral e verdades de direito; verdades divinas e verdades de Estado; verdades públicas e verdades privadas: por toda a parte – da ciência à sociedade, passando pela vida individual – o homem europeu e ocidental produziu e viveu uma cisão, uma separação, entre, por um lado, aquilo que é – e que por isso pode ser verificado cientificamente (com as *sensatas experiências e as necessárias demonstrações*) – e, por outro lado, aquilo que *deve ser* e que por sua vez se baseia em fontes não científicas ou não racionais (o costume, a crença, a fé). Esta coincidência da racionalidade com a ciência e este hiato entre ciência, moral e religião constituem o segredo da modernidade. A *lei de Hume* (é um erro lógico passar do ser ao dever ser) é um axioma do nosso modo de pensar. E a *grande divisão* é a bandeira cultural e política que, numa palavra que tudo abarca, se chama Iluminismo [...]. No meio de tanta aridez, a ciência produz cientismo, a laicidade gera laicismo, e essa mesma *secularização* que durante séculos fora uma conquista para homens, povos e Estados volta-se contra si própria: nos homens produz alheamento, nos povos falta de identidade, nos Estados fraqueza, incerteza, inércia, medo»; cf. F. CONIGLIONE, *La forza dell'Occidente. Pera, Ratzinger e il relativismo della 'Vecchia Europa'*, 44-45.

¹⁹⁸ Cf. M. PERA, *Uma proposta que deve ser aceite*, 13-14: «[Tal leigo] nunca mais dirá que um embrião é uma *coisa* ou um *grupo de células* ou um *material genético*. Nunca mais dirá que a eliminação de um embrião ou de um feto não lesa direito nenhum. Nunca mais dirá que um desejo que possua um instrumento técnico para ser satisfeito é automaticamente um direito que deve ser reclamado e sancionado. Nunca mais dirá que o progresso científico ou técnico é em si mesmo uma libertação ou um avanço moral. Nunca mais dirá que a ciência e a técnica são boas por si próprias, e que só o seu uso poderá ser perverso. Nunca mais dirá que a única racionalidade e a única laicidade são, respectivamente, a científica e a sem valores. Nunca mais agirá partindo, cindindo, dividindo. Nunca mais pensará que a democracia da mera conta numérica dos votos substitui a sabedoria»; *Por qué debemos considerarnos cristianos. Un alegato liberal*, 105-110; S. LORENZETTO, *Ratzinger riprenderà la bandiera dell'Europa*, 11; F. CONIGLIONE, *Il sorriso di Crizia. Il relativismo elitario di Marcello Pera*, 195-200.

lhe permite perceber a sua miséria e a sua grandeza, que o faz agente moral, que misteriosamente o castiga ou o aprova, o Deus das suas angústias e das suas exaltações»¹⁹⁹. Isto mesmo reitera o autor italiano, em diversas circunstâncias, afirmando que «como mostram a história do liberalismo e o acontecer da modernidade, a opção cristã, de entregar-se a Deus ou de actuar *veluti si Christus daretur*, tem dado os melhores resultados, com grandes vantagens, particularmente, no campo da ética pública». Tal corolário provém, enfim, da comprovação de que um contexto cultural cristão torna os homens mais conscientes, mais advertidos e mais preparados, não permitindo, desde logo, a separação entre a moralidade e a verdade, nem a fundição da autonomia moral com a livre decisão individual, demarcando-se o referido âmbito, sobretudo, pelo pendor pela vida humana, especialmente nas fases do seu início e termo, e pelo diligenciar de uma razão verdadeira, da justiça do próprio direito, e do recto desempenho das funções políticas e estatais²⁰⁰.

O testemunho de Marcello Pera, considerado neste estudo, consiste assim não apenas numa clarificação das intuições de Bento XVI, como, concomitantemente, de um sublinhar que um modo de vida *etsi Deus daretur* «é uma proposta que tem como desafio o empenho do homem contemporâneo, e como prémio a sua salvação»²⁰¹.

2.2. Logos e Verdade: a questão fundamental

No início da Dissertação afirmou-se que o vínculo estabelecido entre *Logos, Verdade e fé*, encerra o núcleo pericorético constitutivo quer do Cristianismo quer da teologia e do pensamento sociocultural de Joseph Ratzinger / Bento XVI. Isto mesmo crê-se comprovado, pelo menos em parte, considerando a análise dos doze discursos tomados como fonte primeira de estudo, assim como, atento o desenvolvimento empreendido até agora, particularmente, dedicado à exposição do entendimento do autor quanto à hodierna renúncia da verdade e às consequências derivadas deste facto. Por conseguinte, uma vez concluído o referido *status quaestionis*, o segundo apartado do presente Capítulo principia um novo momento na

¹⁹⁹ M. PERA, *Uma proposta que deve ser aceite*, 14; cf. D. DUNGLAS, *Il credo di un ateo amico del Papa*, 27-29.

²⁰⁰ Cf. M. PERA, *Por qué debemos considerarnos cristianos. Un alegato liberal*, 181; A. ROVERI, *La conversione di Marcello Pera al Cattolicesimo*, 18-20; F. CONIGLIONE, *Il sorriso di Crizia. Il relativismo elitario di Marcello Pera*, 200-201.

²⁰¹ M. PERA, *Uma proposta que deve ser aceite*, 15; cf. *Democrazia e Cristianesimo non sono miti*, 7; D. DUNGLAS, *Il credo di un ateo amico del Papa*, 29.

investigação em curso, o qual, por seu turno, se delineia como prelúdio dos dados tratados no Capítulo Terceiro, concernente à compreensão do Pontífice sobre a fé. Neste sentido, como antes se indicou, esboçar-se-á doravante uma aproximação às noções ratzingerianas de *Logos* e de *Verdade*, procedendo-se ulteriormente ao aprofundamento da correlação vigente entre *razão, liberdade e verdade*. Por fim, como acima se atestou, porque instância do cruzamento e da conciliação entre as supraditas realidades e a fé, perscrutar-se-á de forma sucinta, as principais intuições do Papa Ratzinger acerca da *consciência*²⁰².

Como se adiantou noutros pontos, a interrogação pelo *Logos* e pela *Verdade* revela-se essencial para autor, porquanto a mesma se prende com a existência ou inexistência de um sentido inerente ao mundo e à realidade do homem, e com a capacidade humana de captação e compreensão de um tal sentido. Assim, como admoesta Bento XVI, ou se reconhece a prioridade da razão, da *Razão Criadora* que está na origem de tudo e é o princípio de tudo, ou se defende a prioridade do irracional, admitindo-se que tudo o que acontece na terra e na vida do homem advém do acaso, pelo que, inclusivamente e de maneira paradoxal, se é coagido a reconhecer que a própria razão, contingentemente, provém da irracionalidade. No entanto, ciente da impossibilidade de verificação de qualquer uma das duas hipóteses, o Pontífice argumenta que a decisão pela prioridade da razão e pela racionalidade se afigura como a melhor opção, na medida em que a mesma demonstra como a toda a existência subjaz uma inteligência, efectivamente, digna depositária do crédito humano²⁰³. A este pressuposto, de algum modo já inferido, resultante na consideração de que nos primórdios de toda a existência vigorava o *Logos* e não o *caos*, bem como à intuição do autor expressa inicialmente, segundo a qual «só a verdade é o fundamento adequado no qual o ser humano se pode firmar»²⁰⁴, reúne-se a constatação de que, atendendo ao pensamento ratzingeriano, *Logos* e *Verdade* se identificam intrínseca e reciprocamente, sendo ambos uma realidade única e indissociável²⁰⁵.

Com efeito, como assevera o autor, «ir ao encontro do *logos*, da razão, do sentido, significa caminhar em direcção à verdade», dado que «a razão sobre a qual se alicerça o ser humano afinal não pode nem deve ser outra senão a própria verdade que se franqueia». Corolário de tal postulado é, enfim, a inferência de que «o *logos* sobre o qual se apoia o ser humano, é justamente, quanto ao sentido, também a verdade, pois, um sentido que não correspondesse à verdade seria um contra-senso, atinente o carácter inseparável de sentido,

²⁰² Cf. M. TOSATTI, *Dicionário do Papa Ratzinger. Guia para o Pontificado*, 31-32.

²⁰³ Cf. BENTO XVI, *Fazer com que Deus esteja presente na vida de toda a humanidade*, 7.

²⁰⁴ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o Símbolo Apostólico*, 53.

²⁰⁵ Cf. P. BLANCO, *La teología de Joseph Ratzinger. Una introducción* (Madrid: Palabra 2011) 159.

fundamento e verdade expresso no *logos*»²⁰⁶. Como se expos anteriormente, «o conhecimento factível e calculável está limitado, pela sua própria natureza, ao que aparece e funciona, não sendo este, portanto, o caminho para encontrar a própria verdade, uma vez que o mesmo dela desistiu em razão do seu método»²⁰⁷. Neste sentido, e atento ao excuro sobre a recusa da verdade por parte da contemporânea sociedade positivista, torna-se clara a perspectiva do Papa Ratzinger segundo a qual «a forma de o ser humano entrar em contacto directo com a verdade do ser não é a do conhecimento e sim a do entendimento, isto é, mediante a compreensão do sentido em que se deve confiar, sendo que, indubitavelmente, o supramencionado entendimento apenas ocorre no firmar-se do homem e nunca fora dele»²⁰⁸.

2.2.1. *Logos e Verdade*

Em continuidade com a exposição acima elaborada, o texto preparado para a visita à Universidade de Roma *La Sapienza* corrobora a sobredita afirmação acerca da imprescindível convergência entre *compreender* e *entender* na demanda pela verdade do ser. Efectivamente, como se indicou noutra oportunidade, depois de haver sustentado no escrito enunciado que «o homem quer conhecer e quer a verdade», o Pontífice esclareceu que a verdade, isoladamente considerada, «somente diz respeito ao ver, ao compreender, à *theoría* [...], porquanto quem se limita a ver e apreender tudo aquilo que acontece no mundo, acaba por ficar triste». Contudo, segundo o autor, «a verdade nunca é apenas teórica [...], significando esta mais do que saber, pelo que o conhecimento da verdade tem como finalidade o conhecimento do bem». A partir deste pressuposto, e sustentando que também este é o sentido do questionar socrático – «qual é o bem que nos torna verdadeiros?» –, nesta circunstância, Bento XVI indicou que «a

²⁰⁶ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Prelecções sobre o Símbolo Apostólico*, 52-53.

²⁰⁷ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Prelecções sobre o Símbolo Apostólico*, 53-54: «O conhecimento factível não pergunta como as coisas são por si e *em si*, visa somente a funcionalidade *para nós*. A viragem na direcção do conhecimento factível deu-se justamente pelo facto de já não se considerar o ser em si, mas meramente em função da nossa obra. Isto significa que, com a separação entre a questão da verdade e do ser e com a deslocação para o *factum* e o *faciendum*, o próprio conceito de verdade sofreu uma mudança essencial. O lugar da verdade do ser em si foi ocupado pela utilidade que as coisas têm para nós, a qual é confirmada pela correcção dos resultados. É certo, portanto, e constitui um facto irrevogável, que essa correcção só nos é franqueada na medida em que é calculável; a verdade do próprio ser, porém, foge ao conhecimento baseado no cálculo».

²⁰⁸ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Prelecções sobre o Símbolo Apostólico*, 54: «Um acto pressupõe o outro, porque entender significa firmar-se no sentido que se aceitou como fundamento e compreendê-lo. Penso que seja esse o significado preciso de entender: que aprendamos a conceber o fundamento sobre o qual nos firmamos como sentido e como verdade, aprendendo também a entender que *fundamento* significa *sentido*».

verdade torna o homem bom, e que a bondade é verdadeira», radicando precisamente no referido aspecto o optimismo específico da fé cristã, «a quem foi concedida a visão do *Logos*, da *Razão Criadora* que, na Encarnação de Deus, se revelou conjuntamente como o *Bem*, como a própria *Bondade*»²⁰⁹.

Posto isto, e atinente a convicção ratzingeriana de que a verdade se encontra arraigada no cosmos e no ser humano, sendo esta, como se atestou, a sua irrenunciável condição, em virtude da qual, conseqüentemente, o homem incorre numa contradição, antes de mais para consigo mesmo, ao resignar-se ante a própria verdade, assim como considerada a já vislumbrada absoluta prioridade reconhecida pela teologia ratzingeriana ao princípio do *Logos*, infere-se, portanto, que segundo o pensamento do autor o *Logos-Verdade/Bem* é o *Logos-Agápico*, o *Logos-Amor*, noutras ocasiões nomeado como *Razão Criadora*, *Razão-Amor*, que, em suma, é Deus mesmo. Neste sentido compreende-se o âmago das intuições do Papa Ratzinger concernentes a esta matéria ao constatar-se que o *Logos-Verdade* é o *Amor* fontal, do qual provem toda a criação e o qual, apenas, pode curar e elevar a condição humana, bem como as múltiplas culturas e sociedades. A insistência contínua do autor na demonstração desta unidade e da indefectibilidade do *Logos-Verdade/Amor* e, por conseguinte, na complementaridade entre razão e fé, justifica-se, realmente, pela constatação de que no *Logos* se encontra o fundamento de toda a *verdade* e de todo o *amor*, pelo que o mesmo constitui a garantia mais viável de apreço para com todas as culturas e de tolerância entre os diversos povos, prévia à constituição dos quais se revela a única natureza humana por todos partilhada e que a todos irmana e equipara em dignidade²¹⁰.

Efectivamente reconhece-se nestas premissas três níveis de abordagem à noção ratzingeriana de *Logos*, as quais, por seu turno se reportam outrossim a três acepções do mesmo termo. Segundo o teólogo alemão, *Logos* concerne primeiramente ao «Verbo eterno do Pai», atento o início do evangelho joanino (*Jo* 1, 1). Este significado inscreve-se, pois, no plano estritamente teológico, deduzindo-se do mesmo, como acima se refere, que o *Logos* de Ratzinger, causa-primeira e fundamento de toda a realidade, é o próprio Deus²¹¹.

De tal exegese resulta a sobredita compreensão segundo a qual a *Razão Criadora* se dá a conhecer a si mesma manifestando ao homem o sentido divino inerente à realidade criada, sendo que como se constatou a partir do discurso de Ratisbona, esta «é capaz de se

²⁰⁹ BENTO XVI, *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade*, 6; cf. P. BLANCO, *Joseph Ratzinger - Benedicto XVI. Un mapa de sus ideas*, 29-31.

²¹⁰ Cf. P. BLANCO, *La teología de Joseph Ratzinger. Una introducción*, 161.

²¹¹ Cf. P. BLANCO, *Logos. Joseph Ratzinger y la historia de una palabra*, 59-62.

comunicar, mas precisamente enquanto razão»²¹². Neste sentido, transpondo o conceito de *Logos* do supramencionado nível teológico para o âmbito metafísico e gnosiológico infere-se, numa segunda acepção, que o *logos* ratzingeriano respeita à verdade e ao sentido de toda a criação, pelo que segundo o autor, a capacidade racional humana provem, com efeito, da razão primordial, que por amor criou o cosmos e, de entre o mesmo universo criado, movido pelo beneplácito da sua livre vontade, escolheu imprimir a sua imagem na criatura humana, desde logo, guarnece-a honrosamente com a faculdade da razão²¹³.

Decorrente do supracitado conclui-se do prisma ratzingeriano que a noção em estudo encerra ainda uma aplicação antropológica, dada a intuição do autor segundo a qual o *logos* constitui o elemento radical da subsistência humana, que permite ao homem, enquanto tal, não apenas usar de razão, mas comunicar e relacionar-se com os demais e com o seu meio envolvente. Assim, como se sustentou anteriormente, porque não configurado como matemático ou técnico, mas como *verdade amorosa*, singularmente, expressa na *bondade* e na *beleza*, e como se demonstrará mais detalhadamente no Capítulo seguinte, o Pontífice assevera que a própria fé é *logos*, isto é, um dado proveniente da *Razão Criadora* transmitido à razão humana que, por conseguinte, se encontra longe de ser licitamente tomado como uma mera orquestração especulativa do homem²¹⁴.

Atenta a interpretação do Papa Ratzinger sobre o termo *Logos*, como também, a exposição acima apresentada acerca da inter-relação deste com a *Verdade*, importa, deste modo, concluir a presente abordagem considerando a perspectiva do Pontífice referente à fundamentação desta, também de ordem cristológica. Para efeito, torna-se pertinente recordar a já citada clarificação enunciada no discurso ao mundo luso da cultura. Com efeito, cōscio relativamente ao facto de apenas mediante a contemplação do mistério de Cristo ser possível ao homem descobrir e situar-se diante da verdade autêntica e total, e respeitando, concomitantemente, a *verdade de outros*, nesta ocasião Bento XVI assegurou que «a verdade é divina, é o *Logos* eterno, que ganhou expressão humana em Jesus Cristo, o qual pôde afirmar com objectividade: “Eu sou a verdade” (Jo 14, 6)»²¹⁵.

²¹² BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 8.

²¹³ Cf. P. BLANCO, *Logos. Joseph Ratzinger y la historia de una palabra*, 77-83.

²¹⁴ Cf. P. BLANCO, *La teología de Joseph Ratzinger. Una introducción*, 321-323.

²¹⁵ BENTO XVI, *É hora de indicar novos mundos ao mundo*, 5; cf. *Que a paz germine em todos os recantos da terra - Mensagem Urbi et Orbi* (25 de Dezembro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/52 (2012) 8: «“A verdade germinou da terra” (Sl 85, 12) [...] Realmente, no texto do Salmo, a frase está no futuro: “A verdade germinará da terra”: é um anúncio, uma promessa, acompanhada por outras expressões que, juntas, ecoam assim: “O amor e a verdade vão encontrar-se. / Não beijar-se a justiça e a paz. / A verdade germinará da terra / e a justiça descera do céu. / O próprio Senhor nos dará os seus bens / e a nossa terra produzirá os seus frutos. / A justiça caminhará diante dele / e a paz, no rasto dos seus pés” (Sl 85, 11-14). Hoje cumpriu-se esta palavra

2.2.2. Razão, liberdade e verdade

Dos aspectos acima desenvolvidos, assim como atentas as inferências auferidas das temáticas atinentes à proposta ratzingeriana de um *Iluminismo pós-moderno*, evidencia-se, efectivamente, que «a fidelidade ao homem exige a fidelidade à verdade, a única que é garantia de liberdade (cf. *Jo* 8, 32) e da possibilidade dum desenvolvimento humano integral»²¹⁶. De facto, como se deduz da leitura dos doze discursos em estudo da autoria de Bento XVI, a razão humana deve dilatar-se à medida do *Logos*, ou seja, deve realmente ser *logos*, uma razão aberta e universal, constituindo-se instância efectiva de unidade entre verdade e sentido²¹⁷. Por tal motivo, constatando-se que a razão humana somente encontra a verdade ôntica quando realmente se vê liberta das sobreditas amarras e fundamentalismos que a alienam e obstruem o seu espectro de análise e reflexão, surge igualmente como corolário do percurso levado a cabo que «a prioridade da razão é também prioridade da liberdade»²¹⁸, visto que apenas assistido por esta capacidade o homem pode, justamente, perscrutar a verdade acerca de si mesmo, acerca do universo e, *in extremis*, acerca de Deus²¹⁹.

A referida intuição do Pontífice, como de algum modo se adiantou anteriormente, foi elucidativamente esplanada na *Catholic University of America*, mediante a afirmação de que «a liberdade não é a faculdade de *libertar-se de uma obrigação*, mas antes, a faculdade de *empenhar-se por* uma participação no próprio Ser». Neste sentido, o autor advertiu ainda «que a autêntica liberdade nunca pode ser alcançada no afastamento de Deus», pelo que «uma semelhante opção significaria descurar a verdade genuína essencial à compreensão humana». Assim, indicando que «a verdade fala ao indivíduo na sua integridade, convidando-o a responder com todo o seu ser», o Papa Ratzinger reiterou a sua convicção de que, «apenas em liberdade o homem alcança a certeza da verdade»²²⁰.

Todavia, como posteriormente admoestou no *Collège des Bernardins*, Bento XVI esclarece que a mencionada liberdade mediante a qual «o homem alcança a certeza da verdade» não significa a possibilidade de erigir como absoluta «a ideia própria e a visão pessoal», sustentando o autor que abrindo ao homem um vasto horizonte, a verdadeira

profética! Em Jesus, nascido da Virgem Maria em Belém, encontram-se realmente o amor e a verdade, beijaram-se a justiça e a paz; a verdade germinou da terra e a justiça desceu do céu».

²¹⁶ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 9.

²¹⁷ Cf. P. BLANCO, *Joseph Ratzinger: Razón y Cristianismo* (Madrid: Rialp 2005) 124.

²¹⁸ BENTO XVI, *Fazer com que Deus esteja presente na vida de toda a humanidade*, 7.

²¹⁹ P. BLANCO, *Joseph Ratzinger: Razón y Cristianismo* 150; cf. *La teología de Joseph Ratzinger. Una introducción* 175.

²²⁰ BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 5.

liberdade, simultaneamente, «põe claramente limite ao arbítrio e à subjectividade, um limite que obriga de modo inequívoco tanto o indivíduo como a comunidade e cria um vínculo superior [...]: o vínculo do intelecto e do amor»²²¹.

Atenta a supracitada tensão entre vínculo e liberdade que, segundo o Papa Ratzinger, se apresenta hoje «como desafio perante os pólos do arbítrio subjectivo, por um lado, e do fanatismo fundamentalista, por outro», bem como a constatação ratzingeriana de que «a ausência de vínculos e o arbítrio não são a liberdade, mas a sua destruição»²²², torna-se necessário considerar a perspectiva do Pontífice, segundo a qual somente se afere a real liberdade na perscrutação e na obediência à correspondência vigente entre *consciência* e *verdade*, motivo pelo qual as sobreditas projecções do autor se fundamentam no reconhecimento da *consciência* como âmbito de coerente conformidade entre razão, liberdade e verdade²²³.

2.2.3. Na senda do Beato John Henry Newman

De entre os escritos em análise, como se indicou noutro momento, debruçam-se sobre a consciência humana, de forma particular, a reflexão pronunciada no Teatro Nacional Croata e a *magna carta* proferida no *Bundestag* de Berlim. Com efeito, atento o pensamento ratzingeriano, a escolha do referido mote para os discursos dirigidos a ambos os públicos revela-se singularmente emblemática, porquanto nos países atinentes, em meados e no fim do século passado, radicaram os focos de gravosas injustiças políticas, de atentados contra a dignidade humana e de violentos conflitos bélicos, levados a cado quer pelo regime nazi em vigor na Alemanha desde 1933 até ao termo da Segunda Guerra Mundial em 1945, quer pelos mais recentes confrontos desenrolados na Croácia, sumamente consubstanciados na Guerra da Independência empreendida entre os anos de 1991 e 1995²²⁴.

Neste sentido, como anteriormente se referiu, na capital croata, Bento XVI sustentou que a justa consideração da consciência, desde logo, se revela essencial para a edificação e

²²¹ BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 5.

²²² BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 5; cf. J. RATZINGER, *Fé, Verdade e Tolerância. O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo*, 205-217.

²²³ Cf. J. RATZINGER, *Fé, Verdade e Tolerância. O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo*, 217-229; P. BLANCO, *La teología de Joseph Ratzinger. Una introducción*, 176; R. GARCÍA, *Conciencia, Naturaleza y Derechos: discurso en el Bundestag*, 183.

²²⁴ Cf. R. GARCÍA, *Conciencia, Naturaleza y Derechos: discurso en el Bundestag*, 183.

subsistência de «uma sociedade livre e justa, tanto a nível nacional como supranacional». Decorrente deste pressuposto, e atenta a convicção do autor de que «a qualidade da vida social e civil, e a qualidade da democracia dependem em grande parte deste ponto *crítico* que é a consciência, de como a mesma é entendida e de quanto se investe na sua formação», o Pontífice advertiu para a premente necessidade de voltar a descobrir a supracitada «como lugar da escuta da verdade e do bem, lugar da responsabilidade diante de Deus e dos irmãos em humanidade», sendo esta, portanto, «a força contra toda a ditadura» e a «chave mestra para a elaboração cultural e para a construção do bem comum»²²⁵.

Do mesmo modo, como igualmente já se mencionou, aludindo ao jovem rei Salomão que, aquando da sua entronização, solicitou a Deus «um coração dócil, para saber administrar a justiça e discernir o bem e o mal (*I Rs 3, 9*)», o Papa Ratzinger, perante as altas entidades alemãs, indagou acerca do que pode ser reconhecido como realmente justo e sobre como distinguir entre o bem e o mal, entre o verdadeiro direito e o direito apenas aparente, admoestando que «a própria Alemanha já experimentou a separação entre o poder e o direito, o poder colocar-se contra o direito, o seu espezinhar o direito, de tal modo que o Estado se tornara o instrumento para a destruição do direito: tornara-se uma banda de salteadores muito bem organizada, que podia ameaçar o mundo inteiro e impeli-lo até à beira do precipício». Por esta razão, como anteriormente se referiu, remetendo para a função efectiva da consciência, o Pontífice afirmou não deverem as questões fundamentais do direito, que envolvem a salvaguarda da dignidade do homem, ser deliberadas apenas segundo o princípio maioritário, pelo que, como atestou, «no processo de formação do direito, cada pessoa que tem responsabilidade deve ela mesma procurar os critérios da própria orientação»²²⁶.

Atento o sobredito constata-se, segundo a perspectiva ratzingeriana, que a problemática social hodierna concernente ao entendimento acerca da consciência humana consta da carência de uma lícita compreensão desta, por meio da qual, realmente, se efectue a superação da dicotomia vigente entre liberdade e verdade, legada pelo Iluminismo. Precisamente sobre este assunto disserta a célebre conferência do autor expressa na Universidade de Sena, em 1991, intitulada *Consciência e Verdade*²²⁷, na qual, optando por tratar as referidas temáticas «de modo exemplificativo e narrativo», o então Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, reportou-se ao Cardeal John Henry Newman (1801-1890), nomeando-o como um

²²⁵ BENTO XVI, *A consciência, chave para a construção do bem comum*, 4.

²²⁶ BENTO XVI, *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 4

²²⁷ Cf. J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, 29-50; *Verdade - Valores - Poder. Pedras-de-toque da sociedade pluralista*, 23-53; *El elogio de la conciencia. La Verdad interroga al corazón*, 7-36.

testemunho moderno, «cuja vida e obra poderiam muito bem definir-se como um único e grande comentário ao problema da consciência»²²⁸.

Efectivamente, na supracitada circunstância, o autor expôs as premissas do seu entendimento acerca da consciência, prévio ao qual, como acima se adiantou, se encontra a sua absoluta recusa de uma *redução* da mesma à certeza subjectiva, tal como sustenta, geralmente fundada nas meras opiniões mormente difundidas. Neste sentido, como se infere da leitura da supramencionada palestra, quer Ratzinger quer Newman, contrariamente ao espírito das luzes, ratificam a primazia da consciência, não porquanto tal signifique que o homem seja o critério decisório definitivo ante a autoridade, mas pela constatação de que na consciência se faz presente e perceptível a verdade que fala ao homem e lhe indica o caminho recto a seguir²²⁹.

Por tal motivo, o então Cardeal Ratzinger, recordou primeiramente que o entendimento moderno acerca da noção de consciência estabelece um antagonismo entre as denominadas *moral da consciência* e *moral da autoridade*, alegando entre ambas uma dissensão, por sua vez assente no princípio iluminista de liberdade, já expresso neste estudo aquando do desenvolvimento acerca da profunda crise cultural contemporânea, a partir do qual a autoridade é tida como obstáculo àquela e, por conseguinte, jamais reconhecida como sua serva e condição fundamental. De tal pressuposto liberal, como conclui o autor, resulta a fundamentação da consciência no próprio homem, e, conseqüentemente, o reconhecimento do subjectivismo e da *consciência errónea* que, de maneira subtil, impele à renúncia ao dever de buscar a verdade, e fomenta o dimensionar do pensar à medida da redutora convicção superficial²³⁰.

²²⁸ J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, 37-38: «Quem não recorda, a propósito do tema *Newman e a consciência* a famosa frase da Carta ao Duque de Norfolk: “Se tivesse que fazer um brinde à religião [...] desde logo brindaria ao Papa. Mas antes brindaria à consciência, e depois ao Papa”? [...] Compreender isto é difícil para o homem moderno, que pensa a partir da contraposição entre autoridade e subjectividade. Para ele, a consciência identifica-se com a subjectividade e é expressão da liberdade do sujeito, enquanto a autoridade parece limitar, ameaçar ou até negar a dita liberdade»; cf. H. GEISLER, *John Henry Newman - Doutor da consciência* (24 de Setembro de 2011), in *L'Osservatore Romano* 42/39 (2011) 8-9.

²²⁹ Cf. J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, 29 e 39; cf. J. ASENSI, *Ética da Fé na obra de Joseph Ratzinger*, 65-67.

²³⁰ Cf. J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, 29-33: «A *consciência errónea*, que permite viver uma vida mais fácil [...], seria o caminho normal até à salvação. A não verdade, o ficar longe da verdade, seria para o homem melhor que a verdade. Não seria a verdade o que o libertaria, mas ele é que deveria libertar-se dela. Dentro da sua própria casa, o homem estaria mais nas trevas do que na luz [...]. A *consciência errónea* protege o homem das onerosas exigências da verdade e assim a salva...; esta era a argumentação. Aqui a consciência [...] não é a abertura do homem até ao fundamento do seu ser, a possibilidade de perceber o mais elevado e essencial [...]. Está aqui pressuposto, precisamente, o conceito de consciência do liberalismo. A consciência não abre as portas ao caminho libertador da verdade, a qual ou não existe em absoluto ou é demasiado exigente para o homem. A consciência é a instância que o exime da verdade. Transforma-se na justificação da subjectividade [...]. Desaparece o dever de buscar a verdade, como também as dúvidas sobre as

No entanto, como se referiu, para Ratzinger «é ilícito identificar a consciência do homem com a autoconsciência do *eu*, com a certeza subjectiva sobre si e sobre o seu comportamento moral», visto que, «este conhecimento, pode ser por uma parte um mero reflexo das opiniões difundidas no ambiente social e, por outro lado, pode derivar de uma falta de autocrítica, de uma incapacidade de escutar as profundidades do espírito»²³¹, devendo inversamente, por *consciência*, como asseverava o Cardeal Prefeito, deduzir-se «a janela a partir da qual o homem abarca com o seu olhar a verdade universal, que o funda e sustém, a ele e aos demais, e que uma vez reconhecida por todos torna possível a solidariedade do querer e a responsabilidade»²³², tratando-se, em suma, de entrever na consciência «a transparência do sujeito para o divino e, portanto, também a dignidade e a grandeza específicas do homem»²³³. A par desta intuição, infere-se das considerações ratzingerianas, que a *consciência errónea*, ou seja, «o deixar de ver as culpas, o emudecimento da voz da consciência em tão numerosos âmbitos da vida é uma enfermidade espiritual muito mais perigosa que a culpa de alguém que, todavia, esteja em condições de a reconhecer como tal»²³⁴.

Ainda na mesma ocasião o teólogo bávaro, pautado pelo seu método *exemplificativo e narrativo*, prosseguiu o prólogo estabelecendo uma equiparação entre o, hoje, Beato Newman e o filósofo clássico Sócrates²³⁵, posteriormente à qual equacionou dois conceitos,

tendências gerais predominantes na sociedade e sobre tudo o que nela se tornou costume. É suficiente estar convencido das próprias opiniões, assim como adaptar-se às dos demais. O homem fica reduzido às suas convicções superficiais que, quanto menos profundas sejam, tanto melhor para ele».

²³¹ Cf. J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, 36.

²³² J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, 33.

²³³ J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, 37.

²³⁴ J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, 36-37: «Dito de outra maneira: a identificação da consciência com o conhecimento superficial, a redução do homem à sua subjectividade não o liberta em absoluto, mas escraviza-o; fá-lo totalmente dependente das opiniões dominantes [...]. Quem faz coincidir a consciência com as convicções superficiais, identifica-a com uma segurança pseudo-racional entrevada de autojustificações, conformismo e preguiça. A consciência degrada-se em mecanicismo de desculpabilização, enquanto o que representa verdadeiramente é a transparência do sujeito para o divino e, portanto, também a dignidade e a grandeza específicas do homem. A redução da consciência à certeza subjectiva significa ao mesmo tempo a renúncia à verdade [...]. Com efeito, a renúncia à verdade [...] é a verdadeira culpa, uma culpa que num primeiro momento oferta ao homem uma falsa segurança, para depois o abandonar num deserto sem caminhos».

²³⁵ Cf. J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, 38-42: «Para Newman o termo médio que assegura a conexão entre os dois elementos da consciência e da autoridade é a verdade. Não duvido que a ideia de verdade é a ideia central da concepção intelectual de Newman; a consciência ocupa um lugar central no seu pensamento precisamente no centro está a verdade. Com outras: a centralidade do conceito de consciência está unida, em Newman, com a precedente centralidade do conceito de verdade e somente pode compreender-se partindo desta [...]. Para Newman a consciência é a superação da mera subjectividade no encontro entre a interioridade do homem e a verdade procedente de Deus [...].

Parece-me que um paralelo adequado na história do pensamento se pode encontrar na disputa entre Sócrates-Platão e os sofistas [Ratzinger equipara as disputas de Sócrates com os sofistas ao antagonismo vigente entre as perspectivas de Newman e as específicas da modernidade]. Em ambas está em causa a decisão crucial entre duas atitudes fundamentais: por um lado, a confiança de que o homem tem a possibilidade de conhecer a verdade, e

por seu turno, como refere, correspondentes a dois distintos níveis da consciência: *anamnesis* (primeiro nível, essencialmente ontológico) e *consciência* (segundo nível, sentido estrito de consciência – nível do juízo e da decisão)²³⁶.

Não se detendo a presente abordagem na detalhada consideração de ambas as formulações, verifica-se que as mesmas concernem, segundo Ratzinger, à estrutura antropológica da própria consciência, a qual num primeiro plano, por faculdade peculiar, pode recordar a verdade e o bem, admitindo o autor, que existe uma tendência no interior do homem que o torna propenso a estes e à sua identificação, ou seja, ao reconhecimento da vontade de Deus, seu criador, que, em síntese, dotou o ser humano de uma radical sintonia para com o bem e de uma aversão, igualmente original, relativamente ao mal. Deste modo, atenta a mencionada estrutura antropológica, Ratzinger sustenta que a consciência impregnada no homem carece de um auxílio exterior para a sua outrossim própria consciencialização (*anamnesis*), sendo que o referido dado externo não se afigura à sobredita como estranho ou antitético, mas antes como orientado a si. A supracitada *anamnesis*, portanto, segundo a terminologia socrática, desempenha uma função verdadeiramente maiêutica, não propondo à consciência (a si mesma) algo adverso e inóspito, mas desencadeando nela o referido fenómeno de identificação e de reconhecimento de um dado próprio, bem como, despertando-a para a oportunidade de concretização da sua disponibilidade interior para a verdade²³⁷. A par deste processo realizado pelo primeiro nível da consciência, o Cardeal

por outra parte uma visão do mundo segundo a qual o homem cria por si mesmo os critérios para a sua vida. O feito de Sócrates, um pagão, hoje considerado, em certo sentido, um profeta de Jesus Cristo, encontra, no meu modo de ver, a sua justificação nesta questão fundamental [...]. A renúncia a admitir a possibilidade de que o homem conheça a verdade leva em primeiro lugar a um uso puramente formalista das palavras e dos conceitos. Por sua vez, a perda dos conteúdos conduz a um mero formalismo dos juízos, ontem como hoje [...]. A catalogação num esquema formal torna supérfluo a confrontação com os conteúdos. Pode ver-se isto mesmo, e de maneira mais clara, na arte: o que uma obra de arte expressa é totalmente indiferente; pode exaltar a Deus ou ao Diabo – o único critério é a sua realização técnico-formal.

Alcançamos assim o ponto verdadeiramente candente da questão: quando os conteúdos já não contam, quando o que predomina é uma mera praxologia, a técnica converte-se no critério supremo. Isto significa que o poder [...] se converte na categoria que domina tudo [...]. O específico do homem, enquanto homem, consiste no seu interrogar-se não sobre o *poder* mas sobre o *dever*, em abrir-se à voz da verdade e às suas exigências. Na minha opinião, este foi o conteúdo último da investigação socrática e este é também o sentido mais profundo do testemunho de todos os mártires: atestam a capacidade de verdade do homem como limite de todo o poder e garantia da sua semelhança divina. É exactamente neste sentido que os mártires são as grandes testemunhas da consciência, da capacidade concedida ao homem de perceber para além do poder, também o dever, e por isso de abrir o caminho ao verdadeiro progresso, à verdadeira ascensão»; R. PELLITERO, *La fuerza del testimonio cristiano*, in *Scripta Theologica* 39 (2007) 384-394; P. O'CALLAGHAN, *El testimonio de Cristo y de los cristianos. Una reflexión sobre el método teológico*, in *Scripta Theologica* 38/2 (2006) 523-530.

²³⁶ Cf. J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, 43-48; P. GUTIÉRREZ, *Conciencia y objeción de conciencia*, 24-29.

²³⁷ Cf. J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, 45 e 47: «A partir deste pressuposto compreende-se correctamente o brinde de Newman primeiramente à consciência e só depois ao Papa. O Papa não pode impor aos fiéis católicos nenhum mandamento apenas porque queira ou porque o considere útil. Uma semelhante concepção moderna e voluntarista da autoridade somente pode deformar o autêntico significado teológico do

Ratzinger demonstrou ainda que, num segundo plano, apenas atendendo à sua vontade, a consciência se dispõe a reconhecer ou não reconhecer algo como próprio, pelo que a mesma, livremente, pode desejar cooperar com a força propulsora presente no seu íntimo ordenada à verdade e ao bem, ou inversamente, pugnar contra esta e contra a sua radical aversão ao mal. Deste modo, isto é, contrariando os seus dinamismos específicos, a consciência enceta um percurso de auto-degradação, tornando-se desprovida do seu tacto intelectual primordial pelo qual, primitivamente, correspondia e se encaminhava à verdade que sempre a convoca²³⁸.

Como de algum modo já se adiantou, para Ratzinger, a particularidade do Beato Cardeal John Henry Newman radica, efectivamente, no seu labor pelo conhecimento da verdade, tal como atesta, resultante, ulteriormente, na sua concepção de consciência, bem como, no seu percurso de fé, de facto norteado pela *obediência à verdade* e, concomitantemente, cadenciado por diversas *conversões*²³⁹. Com efeito, corolário do acima explanado, constata-se a partir do prisma ratzingeriano que, decorrente da noção iluminista de consciência, a moral e

papado [...]. O significado autêntico da autoridade doutrinal do Papa consiste no facto de ele ser o garante da memória [da memória da fé]. O Papa não impõe desde fora, mas conserva a memória cristã e defende-a. Por isso, o brinde à consciência há-de preceder o brinde ao Papa, porque sem consciência não haveria Papado. Todo o poder que o Papa detém é poder da consciência [...]; H. GEISSLER, *John Henry Newman - Doutor da consciência*, 9; P. GUTIÉRREZ, *Conciencia y objeción de conciencia*, 37-43.

²³⁸ Cf. J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, 48: «Também a este nível, o de julgar [...], vigora o princípio da consciência errónea [...], pelo que ninguém deve agir contra a sua própria convicção, como já havia dito São Paulo (*Rm* 14, 27). Com efeito, a convicção manifestada pela consciência, não significa a canonização da subjectividade. Não é culpa seguir a convicção adquirida, é antes uma obrigação. Mas pode muito bem ser culpa ter-se chegado a uma convicção errada, uma vez desprezado o protesto da *anamnesis* do ser. Então a culpa ocorre num plano mais profundo: não no acto do momento, não no juízo da consciência, mas na recusa pelo próprio ser, tornando-se o homem surdo à voz da verdade e às suas exigências latentes no seu interior. Por este motivo, são culpados os criminosos convictos. Tais exemplos microscópios não devem deixar o homem comum complacente consigo mesmo, mas antes adverti-lo e levá-lo a tomar seriamente a súplica bíblica: “Senhor Deus, purificai-me dos delitos que me são ocultos” (*Sl* 19, 13)».

²³⁹ Cf. BENTO XVI, *Determinados na fé e no bem*, 10: «Devemos aprender das três conversões de Newman [...]. Newman pensava como a generalidade dos homens do seu tempo e como a maioria dos homens também de hoje, que não excluem pura e simplesmente a existência de Deus, mas consideram-na em todo o caso como algo incerto, que não tem qualquer função essencial na própria vida. Como verdadeiramente real apresentava-se-lhe, a ele como aos homens do seu e do nosso tempo, o empírico, aquilo que se pode materialmente agarrar. Esta é a *realidade* segundo a qual nos orientamos. O *real* é aquilo que se pode agarrar, são as coisas que se podem calcular e pegar na mão. Na sua primeira conversão, a conversão ao Deus vivo, Newman reconhece precisamente que as coisas estão ao contrário: Deus e a alma, o próprio ser do homem a nível espiritual constituem aquilo que é verdadeiramente real, aquilo que conta. São muito mais reais que os objectos palpáveis. Esta conversão significa uma viragem copernicana. Aquilo que até então lhe apareceu irreal e secundário, revela-se agora como a realidade verdadeiramente decisiva. Onde se dá uma tal conversão, não é simplesmente um teoria que é mudada; muda a forma fundamental da vida [...]. A sua terceira conversão, a conversão ao Catolicismo, exigia-lhe o abandono de quase tudo o que lhe era caro e precioso: os seus haveres e a sua profissão, o seu grau académico, os laços familiares e muitos amigos. A renúncia que a obediência à verdade, a sua consciência, lhe pedia, ia mais além ainda. Newman sempre estivera consciente de ter uma missão para a Inglaterra. Mas, na teologia católica do seu tempo, dificilmente podia ser ouvida a sua voz. Era demasiado alheia à forma dominante do pensamento teológico e mesmo da devoção. Em Janeiro de 1863, escreveu no seu diário estas palavras impressionantes: “Como protestante, a minha religião parecia-me miserável, mas não a minha vida. E agora, como católico, a minha vida é miserável, mas não a minha religião”. Não chegara ainda a hora da sua eficácia. Na humildade e na escuridão da obediência, ele teve de esperar até que a sua mensagem fosse utilizada e compreendida».

a religião foram relegadas para o foro subjectivo do indivíduo, neste contexto constituído instância absoluta de decisão. Assim, como se sustentou, subjacente a uma mundividência caracterizada pela repartição dos âmbitos objectivo e subjectivo, exclusivamente, correspondem ao primeiro os factos *cientificamente comprovados*, sendo todos os demais, dentre os quais se contam a moralidade e o dado religioso, considerados *acientíficos* e, por conseguinte, numa cedência do poder decisório ao livre-arbítrio do ser humano, subtraídos à *consciência subjectiva*, reconhecidamente depurada de critérios objectivos. Segundo o autor, «a concepção que Newman tem da consciência é diametralmente oposta», pelo que como entende, para o Beato inglês, a supramencionada não significa a liberalização da intuição subjectiva, mas a nobre expressão da acessibilidade e da força vinculadora do homem à verdade, e vice-versa²⁴⁰.

Deste sucinto desenvolvimento atinente à compreensão de Ratzinger / Bento XVI acerca da consciência infere-se, de forma sumária, que contrariamente à incapacidade de conciliação entre liberdade e verdade manifestada quer pelo contemporâneo pensamento liberal quer, inclusivamente, pelo dogmatismo objectivista de cariz tradicionalista, para os quais ambos os elementos consistem em realidades opostas e incompatíveis – dado que os primeiros, compartilhando o entendimento moderno da noção de consciência como fonte de verdade subjectiva, equivocadamente, encontram no relativismo moral a realização das suas expectativas, e os restantes, por temor de uma liberdade ultrajante da ordem ética, entregam-se cegamente a uma autoridade externa a si mesmos, que seja capaz de impor normas morais a uma consciência em estado contínuo de suspeita –, a perspectiva ratzingeriana, consta, como se sustentou, do entendimento da mesma, precisamente, enquanto lugar de encontro e de correspondência entre liberdade e verdade e, conseqüentemente, enquanto condição *sine qua non* da justiça e do direito, e enquanto sustentáculo de verdadeiro humanismo e de cultura²⁴¹.

Neste sentido, verificando-se que, também inversamente às supracitadas ideologias, o engrandecimento da consciência levado a cabo pelo teólogo alemão encerra uma densa

²⁴⁰ Cf. BENTO XVI, *Determinados na fé e no bem*, 10: «Em Newman, a forma motriz que impelia pelo caminho da conversão era a consciência [...]. Para ele, *consciência* significa a capacidade de verdade do homem: a capacidade de reconhecer, precisamente nos âmbitos decisivos da sua existência – religião e moral –, uma verdade, a verdade. E, com isto, a consciência, a capacidade do homem de reconhecer a verdade, impõe-lhe, ao mesmo tempo, o dever de se encaminhar para a verdade, procurá-la e submeter-se a ela onde quer que a encontre. *Consciência* é capacidade de verdade e obediência à verdade, que se mostra ao homem que procura de coração aberto. O caminho das conversões de Newman é um caminho da consciência: um caminho não da subjectividade que se afirma, mas, precisamente ao contrário, da obediência à verdade que pouco a pouco se abria para ele»; J. RATZINGER, *La fe como camino. Contribución del ethos cristiano en el momento actual*, 40-41.

²⁴¹ Cf. J. RATZINGER, *La fe como camino. Contribución del ethos cristiano en el momento actual*, 44-46; M. TOSATTI, *Diccionario do Papa Ratzinger. Guia para o Pontificado*, 31-32.

proposta teológico-antropológica e sociocultural de redescoberta da dignidade humana e, sobretudo, de reconhecimento do seu fundamento, conclui-se que os discursos proferidos em Zagreb e em Berlim em 2011, assim como, a supracitada preleção datada de 1991, intentam, antes de mais, reiterar a basilar convicção ratzingeriana concernente à necessidade essencial de buscar a verdade que, presente na consciência e deduzida de uma razão libertada, conduz o homem à fé, uma vez que todos estes elementos provêm e ordenam-se ao mesmo *Logos*, pelo que, como testemunha o próprio autor, «só quando se conhece e experimenta interiormente tudo isto, se adquire a liberdade de escutar com gozo e ânsia a mensagem da consciência»²⁴².

2.2.4. Conclusões preliminares

A exposição realizada neste capítulo pretendeu demonstrar, em suma, que a recusa e o esquecimento hodiernos de Deus consistem, segundo o pensamento ratzingeriano, na mais gravosa *corrupção* do homem e de toda a realidade²⁴³. Com efeito, corolário atinente às considerações do autor, o sentido tecnicista e o hedonismo contemporâneos resultam no olvidar de Deus e no desrespeito pela sua *medida* impressa na criação e, de forma muitíssimo singular, no homem criado à sua imagem e semelhança, constituindo tais factos a fatal obnubilação que *paralisa* a busca da verdade e *cega* o olhar quando à objectividade do bem e do mal, do bom e do injusto²⁴⁴.

Num tal contexto, a reflexão de Bento XVI recorda que a plenitude da vida humana apenas pode ser almejada no horizonte divino, isto é, num delineamento da vida *etsi Deus daretur*, norteado pela *possibilidade de Deus*, sendo que, tal proposição não se afigura à consciência como desprovida de sentido, mas antes como a integral resposta aos seus apelos inatos de *Verdade* e de *Amor*, dados ao homem, em absoluto, no assentimento da fé²⁴⁵. Neste

²⁴² Cf. J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, 50.

²⁴³ Cf. J. RATZINGER, *Fé, Verdade e Tolerância. O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo*, 68-74; J. RATZINGER - P. d'ARCAIS, *Existe Deus? Um confronto sobre verdade, fé e ateísmo*, 75-76; C. ROSSETTI, *L'Europa al bivio tra apostasia e fraternità*, in *Rassegna di Teologia* 49 (2008) 344-352.

²⁴⁴ Cf. J. RATZINGER, *No Princípio Deus criou o Céu e a Terra*, 47-49; *Verdade - Valores - Poder. Pedras-de-toque da sociedade pluralista*, 75; A. MARTÍNEZ-CARBONELL, *Fundamentación teológica y jurídica de la dignidade humana*, 186-190; E. SÁNCHEZ, *El ocaso de la teleología en la naturaleza humana: una clave de la crisis bioética según Ratzinger*, 273-280.

²⁴⁵ Cf. J. RATZINGER, *La fe como camino. Contribución del ethos cristiano en el momento actual*, 24-27; P. BLANCO, *Joseph Ratzinger - Benedicto XVI. Un mapa de sus ideas*, 29; R. GARCÍA, *Conciencia, Naturaleza y Derechos: discurso en el Bundestag*, 188-191, A. ARANDA, *Una nueva evangelización. ¿Cómo acometerla?* (Madrid: Palabra 2012) 11-16.

sentido, o Capítulo Terceiro, retomando alguns dos temas explanados até ao momento, procurará completar a presente abordagem ao vínculo teológico do Pontífice, aprofundando o seu entendimento acerca da fé cristã como caminho de *verdadero conocimiento* e de *verdadera humanidad*, não porquanto a mesma seja tida pelo autor como via gnóstica ou como mera filantropia, mas como *vida* radicada na *Verdade* e no *Amor*²⁴⁶.

²⁴⁶ Cf. J. RATZINGER, *A Europa de Bento na crise de culturas*, 101-102; J. CAÑIZARES, *Razón y fe en la fundación del comprender. Reflexiones desde el Magisterio de Benedicto XVI*, 869-871.

CAPÍTULO TERCEIRO

ACREDITAMOS NA VERDADE

Atento do percurso realizado até ao momento, de forma particular a correlação explanada no capítulo anterior entre as noções de *Logos* e de *Verdade*, pretende-se, por fim, aprofundar a correspondência destes com a *fé*, elementos constitutivos do vínculo teológico ratzingeriano em estudo. Neste sentido, sob a fórmula eclesial da fé na *Verdade* – «Acreditamos na *Verdade*» – intenta-se perscrutar o Cristianismo enquanto *religião do Logos* e, portanto, como fonte de conhecimento verdadeiro, isto é, do conhecimento radicado na *Verdade* e no *Amor*, o qual oferece ao homem o mais autêntico caminho de humanidade.

3.1. Cristianismo: a *religião do Logos*

Postulado fundamental do pensamento de Joseph Ratzinger / Bento XVI, o Cristianismo constitui-se a *religião do Logos*²⁴⁷, ou seja, fé no Deus revelado como *Razão Criadora*, como origem racional de toda a realidade, da qual o mundo provém e no qual a mesma se reflecte, pelo que desta consideração resulta o entendimento de que o homem pode aderir a Deus através da abertura e da defesa de uma razão *ampliada* às dimensões morais do ser, dado que, assim como se sustentou noutro momento, «*logos* significa uma razão que não é apenas

²⁴⁷ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Prelecções sobre o Símbolo Apostólico*, 109-110: «A fé cristã em Deus significa, em primeiro lugar, decidir-se pelo primado do logos em oposição à simples matéria. Dizer *creio que Deus existe* inclui a opção de que o logos, isto é, o pensamento, a liberdade, o amor, não está apenas no fim, mas também no início, que é ele o poder que dá origem a todo o ser e o envolve»; U. CASALE, *La teología de Ratzinger*, 96-99; A. VIGO, *Cristianismo y opción por el Logos*, 854-855.

matemática, mas fundamento e garantia do bem»²⁴⁸. Corolário das premissas sobreditas, a «fé na força criadora da razão, é fé em Deus Criador e, por isso mesmo, convicção de que o ser humano é criado à imagem de Deus e participa na sua dignidade inviolável»²⁴⁹. A partir destes pressupostos, como se adiantou anteriormente, o autor propõe a identificação da noção de *Deus-Logos* com a noção de *Deus-Amor*, pelo que, segundo atesta, em perspectiva teológica, tal como se demonstrou, *Logos* e *Amor* são uma única realidade²⁵⁰.

As referidas considerações, recorrentemente fundamentadas pelo Papa Ratzinger no primeiro versículo do Evangelho segundo São João – «No princípio era o *Logos*» –, encontram-se expressas em vários dos discursos inicialmente citados. Desde logo, como se explanou aquando da sua apresentação, no texto proferido em Novembro de 2005, o Pontífice assegurou ser possível realizar o empreendimento científico «no horizonte de uma racionalidade verdadeira [...], segundo uma razão aberta à questão da verdade e aos grandes valores inscritos no próprio ser, por conseguinte, aberta ao transcendente, a Deus», uma vez que «a revelação de Cristo, uniu em si Deus e homem, eternidade e tempo, espírito e matéria», isto é, porque «o *Logos* divino, a razão eterna que está na origem do universo, em Cristo uniu-se de uma vez para sempre à humanidade, ao mundo e à história»²⁵¹.

Do mesmo modo, como igualmente se expôs, em Setembro de 2006, sob o mote de que «agir contra a razão consiste numa contradição com a natureza de Deus», Bento XVI reiterou a sua perspectiva segundo a qual «o Deus verdadeiramente divino é aquele Deus que se mostrou como *Logos* e que, como *Logos*, agiu e age cheio de amor em favor do homem, pelo

²⁴⁸ J. RATZINGER, *Europa. Os seus fundamentos hoje e amanhã*, 106; Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: ontem, hoje e amanhã*, 17: «Está no centro da nossa fé cristã em Deus o conceito de *logos*, que significa *razão*, *sentido*, mas também *palavra* – um sentido, portanto, que é *palavra*, que é *relação*, que é *criador*. O Deus que é *logos* afiança-nos a racionalidade do mundo, a racionalidade do nosso ser, a adequação da razão a Deus e a adequação de Deus à razão, mesmo que a sua razão ultrapasse infinitamente a nossa e nos pareça tantas vezes escuridão. O mundo vem da razão, e essa razão é pessoa, é amor [...]»; J. Ratzinger, *Fé, Verdade e Tolerância. O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo*, 142-143; BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9.

²⁴⁹ J. RATZINGER, *Europa. Os seus fundamentos hoje e amanhã*, 106; cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o Símbolo Apostólico*, 113: «A fé cristã em Deus significa [...] que as coisas são ser pensado a partir de uma consciência criadora e de uma liberdade criadora, e que a consciência criadora que sustenta todas as coisas deu ao ser pensado a liberdade dum ser próprio e autónomo».

²⁵⁰ Cf. BENTO XVI, *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade*, 6: «Deus é *Razão Criadora* e, ao mesmo tempo, *Razão-Amor*»; J. RATZINGER, *Europa. Os seus fundamentos hoje e amanhã*, 107: «Deus é *Logos*. Mas há outra característica. É próprio da fé cristã reconhecer também que Deus [...] é *Amor*. Ele não é um ser sem relações, que roda à volta de si mesmo. Justamente porque é soberano, justamente porque é Criador, justamente porque abrange tudo, é *Relação* e *Amor*. A fé na Encarnação de Deus em Jesus Cristo e na sua Paixão e Morte pelos homens é a mais alta expressão desta convicção [...]»; G. MÜLLER, *La fede come fondamento dell'esperienza cristiana*, in *Studia Patavina* 60 (2013) 407-409; R. TREMBLAY, *Deus Caritas est: per una teologia ed etica dell'amore*, 178-181.

²⁵¹ BENTO XVI, *Fazer ciência no horizonte de uma racionalidade aberta ao transcendente, a Deus*, 7; cf. S. BONGIOVANNI, *La ragione della fiducia. La ricerca dello spirituale nell'uomo*, in *Rassegna di Teologia* 53 (2012) 564-569.

que «o culto cristão [...] está de acordo com o Verbo eterno e com a razão humana»²⁵². Desta intuição decorre a constatação, ulteriormente, esplanada na reflexão preparada para a *Sapienza*, segundo a qual, como acima se disse, a fé cristã vive animada pela visão do *Logos*, da *Razão Criadora*, na Encarnação de Deus revelada como a própria *Bondade*²⁵³.

Por este motivo, ciente de que o Cristianismo percebe nas palavras *a Palavra, o Logos*, que explica o seu mistério através de tal multiplicidade e da história humana, em Paris, o Papa Ratzinger afirmou que mediante a sua Encarnação o mesmo se encontra presente na carne humana, presente no homem de todos os tempos e latitudes²⁵⁴. Por tal razão, outrossim, na viagem apostólica aos Estados Unidos da América e na visita à sede da ONU o Pontífice tinha já asseverado, como se indicou, que «a revelação de Deus oferece a cada geração a possibilidade de descobrir a verdade última sobre a própria vida e sobre o fim da história»²⁵⁵, apoiando-se na sobredita obra salvífica de Jesus Cristo a esperança dos cristãos que, conjuntamente com os homens de boa vontade, empreendem a sempre nova árdua demanda por ordenamentos jurídico-morais lícitos para as realidades humanas²⁵⁶.

Como da mesma maneira se inferiu, também em virtude da mencionada convicção de que o *logos* divino se faz presente e se manifesta na natureza e na razão humanas, nos Parlamentos londrino e berlinês, Bento XVI ratificou que o Cristianismo nunca tendo imposto ao Estado ou à sociedade um direito revelado, sempre apelou para estas enquanto verdadeiras fontes do direito, argumentando que as normas objectivas que governam o recto agir são acessíveis à razão, prescindindo as mesmas do conteúdo da Revelação. Neste sentido, como se demonstrou, o autor entende que, permanecendo a razão humana arraigada na *Razão Criadora* de Deus, compete especificamente à religião, no contexto do debate político, cooperar na purificação da razão aplicada na descoberta dos princípios éticos objectivos²⁵⁷.

Corroboram ainda a compreensão ratzingeriana do Cristianismo enquanto *religião do Logos* os escritos pronunciados no Vaticano no ano 2011, e na sede romana da Universidade do Sagrado Coração em 2012. Na primeira ocasião, como se adiantou inicialmente, o Pontífice declarou que «se Cristo é o *Logos*, a *Verdade*, o homem deve corresponder-lhe com o seu próprio *logos*, com a sua razão», pelo que «para chegar a Cristo, ele deve estar no caminho da verdade, deve abrir-se ao *Logos*, à *Razão Criadora*, da qual deriva a sua própria

²⁵² BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9.

²⁵³ Cf. BENTO XVI, *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade*, 6.

²⁵⁴ Cf. BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 5.

²⁵⁵ BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 4.

²⁵⁶ Cf. BENTO XVI, *Os direitos humanos radicados na justiça*, 9.

²⁵⁷ Cf. BENTO XVI, *Razão e fé precisam uma da outra*, 6; *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 4.

razão e para a qual ela o remete»²⁵⁸. Do mesmo modo, cōnscio de que «a investigação científica e a exigência de sentido [...] jorram de uma única nascente, aquele *Logos* que preside à obra da criação e guia a inteligência da história», o Papa Ratzinger, como se sustentou, asseverou diante do *corpus* acadêmico da supracitada instituição que, «*religião do Logos*, o Cristianismo não relega a fé para o âmbito do irracional, mas atribui a origem e o sentido da realidade à razão criadora, que no Deus crucificado se manifestou como amor e que convida a percorrer o caminho do *quaerere Deum*»²⁵⁹.

Concluída a anteposta revisão preliminar dos discursos em análise, por meio da qual se pretendeu clarificar o pensamento ratzingeriano atinente à compreensão do Cristianismo como *religião do Logos*, o presente Capítulo pretende doravante dissertar acerca da credibilidade da fé no *Logos-Verdade*, na sequência do sobredito, justamente entendido como *Logos-Verdade/Amor*, procedendo-se, posteriormente, a um sucinto excuroso acerca do sentido eclesial da fé no mesmo *Logos-Verdade/Amor*. Para o efeito, bem como no desenvolvimento realizado no segundo apartado, considerar-se-á, de forma particular, as intuições de Bento XVI expressas nas Encíclicas da sua autoria e na Encíclica *Lumen Fidei*, assim como, os cinco textos das audiências gerais de Quarta-feira, elencados na Introdução, constitutivos do ciclo dedicado ao Ano da Fé²⁶⁰.

3.1.1. A credibilidade da fé no *Logos-Verdade/Amor*

«No início do ser cristão, não está uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo»²⁶¹. Trata-se do encontro com «o próprio *Logos*, a *Verdade* feita carne, que é ao mesmo tempo a reconciliação, o perdão capaz de transformar o homem»²⁶².

²⁵⁸ BENTO XVI, *A razão que segue a fé responde à sua vocação*, 7.

²⁵⁹ BENTO XVI, *Sem amor a ciência perde a sua humanidade*, 5; cf. *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 5.

²⁶⁰ Cf. P. SARTOR, *La proposta della fede nelle omelie di Benedetto XVI*, in *La Scuola Cattolica* 141/1 (2013) 11-35; A. FOSSION, *Annuncio e proposta della fede oggi. Questioni e sfide*, in *La Scuola Cattolica* 140/3 (2012) 291-313.

²⁶¹ BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas est*, 1; cf. J. ALONSO *La belleza de creer*, 120-127; M. MONGE, *Fe y nueva evangelización*, 26-32.

²⁶² J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, 50; cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas est*, 10-12: «O amor apaixonado de Deus pelo homem é ao mesmo tempo um amor que perdoa. E é tão grande, que chega a virar Deus contra Si próprio, o seu amor contra a sua justiça. Nisto, o cristão vê já esboçar-se veladamente o mistério da cruz: Deus ama tanto o homem que, tendo-Se feito Ele próprio homem, segue-o até à morte e, deste modo, reconcilia justiça e amor [...]. A verdadeira novidade do Novo Testamento não reside em

Tal facto consiste, segundo o entendimento ratzingeriano, no aspecto mais específico do Cristianismo, ou seja, no seu carácter pessoal. Efectivamente, como atesta o autor, «a fé cristã é mais do que uma opção por um fundamento espiritual do mundo, e é por isso que a sua fórmula central não diz *creio em algo*, mas *creio em Ti*. Ela é o encontro com o homem Jesus»²⁶³.

Do mesmo modo, a Encíclica *Lumen Fidei*, iniciada por Bento XVI, sustenta desde logo que «a fé nasce do encontro com o Deus vivo, que chama o ser humano e lhe revela o seu amor, um amor que o precede e sobre o qual pode apoiar-se para construir solidamente a sua vida». Por este motivo, recebida de Deus como dom sobrenatural e como luz orientadora dos passos do homem no tempo, o supracitado documento refere que a fé cristã encerra um dinamismo temporal e interpessoal, explanando que a mesma, «por um lado, provém do passado, é a luz duma memória basilar – a da vida de Jesus –, onde o seu amor se manifestou plenamente fiável, vencedor da morte [...]. Por outro lado e ao mesmo tempo, dado que Cristo ressuscitou e atrai o homem de além da morte, a fé é luz que vem do futuro, que descerra diante do ser humano horizontes grandes e o leva a ultrapassar o seu *eu* isolado abrindo-o à amplitude da comunhão»²⁶⁴. Compreende-se, desta maneira, que na senda da perspectiva ratzingeriana, a referida Carta Encíclica afirma que «a fé cristã está centrada em Cristo, é confissão de que Jesus é o *Senhor* e que Deus O ressuscitou de entre os mortos (*Rm* 10, 9)», pelo que, não existindo nenhuma garantia maior por meio da qual Deus certifique o homem acerca do seu amor por si, esta demonstra-se «fé no amor pleno, no seu poder eficaz, na sua capacidade de transformar o mundo e iluminar o tempo»²⁶⁵.

A credibilidade do Cristianismo enquanto fé no *Logos-Verdade/Amor* radica, desta forma, segundo o Pontífice, no «Deus que é amor, e que se fez próximo do homem,

novas ideias, mas na própria figura de Cristo, que dá carne e sangue aos conceitos – um incrível realismo. Já no Antigo Testamento a novidade bíblica não consistia simplesmente em noções abstractas, mas na acção imprevisível e, de certa forma, inaudita de Deus. Esta acção de Deus ganha agora a sua forma dramática devido ao facto de que, em Jesus Cristo, o próprio Deus vai atrás da *ovelha perdida*, a humanidade sofredora e transviada [...]. Na sua morte de cruz, cumpre-se aquele virar-se de Deus contra Si próprio, com o qual Ele Se entrega para levantar o homem e salvá-lo – o amor na sua forma mais radical».

²⁶³ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Prelecções sobre o Símbolo Apostólico*, 55; cf. BENTO XVI, *O misterioso desejo de Deus - Audiência geral* (7 de Novembro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/45 (2012) 5; U. CASALE, *La teología de Ratzinger*, 99-101.

²⁶⁴ FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 4.

²⁶⁵ FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 15: «Todas as linhas do Antigo Testamento se concentram em Cristo: Ele torna-Se o *sim* definitivo a todas as promessas, fundamento último do nosso *ámen* a Deus (cf. *II Cor* 1, 20). A história de Jesus é a manifestação plena da fiabilidade de Deus. Se Israel recordava os grandes actos de amor de Deus, que formavam o centro da sua confissão e abriam o horizonte da sua fé, agora a vida de Jesus aparece como o lugar da intervenção definitiva de Deus, a suprema manifestação do seu amor por nós. A palavra que Deus nos dirige em Jesus já não é uma entre muitas outras, mas a sua Palavra eterna (cf. *Heb* 1, 1-2)»; cf. J. RATZINGER, *El Dios de la fe y el Dios de los filósofos*, 26-30.

encarnando e doando-se a si mesmo na cruz para o salvar e lhe reabrir as portas do Céu»²⁶⁶, pelo que, transpondo infinitamente a capacidade de compreensão humana, na sua revelação o próprio Deus autocomunica-se, descreve-se, e torna-se acessível, concedendo ao homem, por mistério de fé, poder ouvir a sua *Palavra* e receber a sua *Verdade*, asseverando o Papa Ratzinger que, «Deus, no seu amor [...], na sua vontade de se manifestar, de entrar em contacto com o ser humano, de se fazer presente na história, torna-o apto para o escutar e acolher»²⁶⁷. Neste sentido, o autor conclui que a fé cristã é acolhimento da mensagem de salvação, da esperança nova e sólida constitutiva do cerne do Evangelho, pregado desde Jerusalém até aos confins da terra, o *kerigma*, «anúncio central e impetuoso da fé», de que a Igreja, nascida do lado de Cristo, como atesta Bento XVI, se tornou portadora, segundo o qual, «Jesus de Nazaré, crucificado e ressuscitado, Salvador do mundo, está sentado à direita do Pai como Juiz dos vivos e dos mortos»²⁶⁸.

A fé no *Logos-Verdade/Amor* assegura-se credível, isto é, razoável, atenta, portanto, a fiabilidade do amor de Cristo levado ao extremo na sua morte pelo homem (cf. *Jo* 13, 1), e ratificada pela sua ressurreição, pelo que «neste amor que não se subtraiu à morte para manifestar quanto ama o homem, é possível crer, a sua totalidade vence toda e qualquer suspeita e permite confiar plenamente em Cristo»²⁶⁹. Deste pressuposto fundamental do Cristianismo, decorre, segundo a *Lumen Fidei*, outro elemento decisivo, concernente à inferência de que «na fé, Cristo não é apenas Aquele em quem acreditamos, a maior manifestação do amor de Deus, mas é também Aquele a quem nos unimos para poder acreditar»²⁷⁰. Isto mesmo corrobora o pensamento ratzingeriano quando o mesmo assevera

²⁶⁶ BENTO XVI, *Voltar para Deus* - Audiência geral (17 de Outubro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/42 (2012) 3.

²⁶⁷ BENTO XVI, *Voltar para Deus*, 3; cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o Símbolo Apostólico*, 55-56: «Jesus é a testemunha de Deus. Por intermédio d'Ele, o intocável tornou-se tocável e o distante tornou-se próximo. Mais: Ele não é apenas a testemunha em que acreditamos quando nos diz o que viu durante a sua existência, durante a qual realizou de facto a reviravolta que trocou a falsa satisfação com o superficial pela profundidade da verdade total. É mais: é a presença do próprio eterno no tempo. Na sua vida, na entrega incondicional da sua vida aos homens, o sentido do mundo tornou-se presente, entrega-se-nos como amor que ama cada qual e que, com essa dádiva inconcebível de um amor que não ameaçado por nenhuma transitoriedade ou turvação, torna a vida digna de ser vivida. O sentido do mundo é o *tu*, mas apenas aquele *tu* que não é em si mesmo uma pergunta em aberto e sim o fundamento de tudo aquilo que não carece de outro fundamento. Assim, a fé torna-se o encontro do *tu* que me sustenta e me dá a promessa de um amor indestrutível, apesar de toda a insatisfação e da incapacidade última para satisfazer do encontro humano».

²⁶⁸ BENTO XVI, *Voltar para Deus*, 3.

²⁶⁹ FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 16-17: «A Morte de Cristo desvenda a total fiabilidade do amor de Deus à luz da sua Ressurreição [...]. Se o amor do Pai não tivesse feito Jesus ressurgir dos mortos, se não tivesse podido restituir a vida ao seu corpo, não seria um amor plenamente fiável, capaz de iluminar também as trevas da morte [...]. Precisamente porque é o Filho, porque está radicado de modo absoluto no Pai, Jesus pôde vencer a morte e fazer resplandecer em plenitude a vida».

²⁷⁰ FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 18: «A fé não só olha para Jesus, mas olha também a partir da perspectiva de Jesus e com os seus olhos: é uma participação no seu modo de ver. Em muitos âmbitos da vida, fiamo-nos de outras pessoas que conhecem as coisas melhor do que nós: temos confiança no arquitecto que

que o homem de fé não se limita a aspirar à eternidade, sendo-lhe esta realmente acessível e concedida, porquanto, como atesta o autor, «a fé cristã vive não só do facto de haver um sentido objectivo, mas também de esse sentido conhecer e amar o ser humano, de este se poder confiar a ele com a atitude de uma criança que se sabe acolhida, juntamente com todas as suas perguntas, *no tu da mãe*»²⁷¹.

Todavia, contrariamente ao entendimento iluminista, analisado no Capítulo anterior, e como se pretendeu demonstrar até ao momento, segundo o Pontífice, *religião do Logos*, o Cristianismo professa a fé «num mistério que não é irracional, mas superabundância de sentido, de significado, de verdade», pelo que, como clarifica o autor, «se olhando para o mistério, a razão vê obscuridade, não é porque no mistério não haja luz, mas sobretudo porque há demasiada, tal como quando o olhar do homem se volta directamente para o sol e só vê trevas». Deste modo, ciente da invalidade de uma afirmação contraditória com o facto de que o sol, «fonte da luz», não seria luminoso, Bento XVI argumenta que, paradigmaticamente, «a fé permite olhar para o *sol*, Deus, porque é acolhimento da sua revelação na história e, por assim dizer, verdadeira recepção de toda a luminosidade do mistério de Deus», a partir da qual se dá o reconhecimento de que «Deus se aproximou do homem, ofereceu-se ao seu conhecimento, condescendendo com o limite criatural da sua razão»²⁷².

Esta perspectiva corresponde, inclusivamente, às intuições expressas nos discursos dissecados, os quais, como se verificou, admoestam recorrentemente que mediante a visão do *Logos*, da *Razão Criadora* de Deus, revelada na Encarnação como Divindade, a verdade da fé, longe de ser apenas uma comunicação de dados factuais de cariz meramente *informativo*, mas antes *performativa*, fala ao indivíduo na sua integridade, e revela-se criadora de sentido e capaz de mudar a vida, convidando-o a responder com todo o seu ser²⁷³.

constrói a nossa casa, no farmacêutico que nos fornece o remédio para a cura, no advogado que nos defende no tribunal. Precisamos também de alguém que seja fiável e perito nas coisas de Deus: Jesus, seu Filho, apresenta-Se como Aquele que nos explica Deus (cf. *Jo* 1, 18). A vida de Cristo, a sua maneira de conhecer o Pai, de viver totalmente em relação com Ele abre um espaço novo à experiência humana, e nós podemos entrar nele»; P. O'CALLAGHAN, *El testimonio de Cristo y de los cristianos. Una reflexión sobre el método teológico*, 530-553.

²⁷¹ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o Símbolo Apostólico*, 56: «Desta maneira, a fé, a confiança e o amor são, em última análise, uma só coisa, e todos os conteúdos que a fé envolve são nada mais, nada menos do que concretizações daquela reviravolta que constitui a base de tudo, ou seja, do *creio em Ti*, da descoberta de Deus na face do homem que é Jesus de Nazaré».

²⁷² BENTO XVI, *O bom senso da fé* - Audiência geral (21 de Novembro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/47 (2012) 3.

²⁷³ Cf. BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 5; *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade*, 6; *É hora de indicar novos mundos ao mundo*, 5; *A razão que segue a fé responde à sua vocação*, 7; *Sem amor a ciência perde a sua humanidade*, 5; Carta Encíclica *Spe Salvi*, 2: «Aparece aqui [*I Ts* 4,13] “não deveis entristecer-vos como os outros que não têm esperança”] também como elemento distintivo dos cristãos o facto de estes terem um futuro: não é que conheçam em detalhe o que os espera, mas sabem em termos gerais que a sua vida não acaba no vazio. Somente quando o futuro é certo como

Atentos os aspectos sobreditos, a fé cristã afigura-se plausível, não apenas atendendo ao seu carácter particular enquanto fé que implica e esclarece toda a existência do homem, mas, sobremaneira, em virtude da constatação de que algo tão poderoso, não pode dimanar simplesmente do ser humano, devendo, crucialmente provir de uma fonte mais originária, ou seja, em última análise, de Deus mesmo, do *Logos* revelado²⁷⁴. Esta intuição expressa pela Encíclica *Lumen Fidei*, igualmente, se vê partilhada pela compreensão ratzingeriana, a qual sustenta que o «*quaerere Deum* do homem perder-se-ia num enredo de caminhos, se não viesse ao seu encontro uma senda de iluminação e de orientação segura, que é aquela do próprio Deus que se aproxima do homem com um amor imenso»²⁷⁵. Por esta razão, a credibilidade da fé no *Logos-Verdade/Amor* justifica-se, antes de tudo, porque a mesma confessa «não um Deus abstracto, uma hipótese, mas um Deus concreto, um Deus que existe, que entrou na história e está presente na história, o Deus de Jesus Cristo como resposta à pergunta fundamental do porquê e do como viver»²⁷⁶.

Fé cuja credibilidade se encontra fundada no próprio Deus, sendo pelo mesmo assegurada, esta, por sua vez, identifica no amor de Cristo o fundamento sobre o qual assenta a realidade e o seu destino último, pelo que, como deduz o Papa Ratzinger, «o encontro com Cristo renova os relacionamentos humanos, orientando-os no quotidiano para uma maior solidariedade e fraternidade, na lógica do amor»²⁷⁷. Corolário de grande preponderância no pensamento ratzingeriano, «ter fé não é algo que interessa unicamente à inteligência, ao campo do saber intelectual, mas é uma mudança que compromete a vida, a totalidade do ser: sentimento, coração, inteligência, vontade, corporeidade, emoções e relacionamentos humanos». Em suma, a perspectiva do autor, como semelhantemente veio a indicar na

realidade positiva, é que se torna vivível também o presente. Sendo assim, podemos agora dizer: o Cristianismo não era apenas uma *boa nova*, ou seja, uma comunicação de conteúdos até então ignorados. Em linguagem actual, dir-se-ia: a mensagem cristã não era só *informativa*, mas *performativa*. Significa isto que o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera factos e muda a vida. A porta tenebrosa do tempo, do futuro, foi aberta de par em par. Quem tem esperança, vive diversamente; foi-lhe dada uma vida nova»; J. RATZINGER, *El Dios de la fe y el Dios de los filósofos*, 20-25; A. BELLO, *La questione di Dio fra religione, filosofia e fede*, 166-167.

²⁷⁴ Cf. FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 4.

²⁷⁵ BENTO XVI, *Sem amor a ciência perde a sua humanidade*, 5; cf. Carta Encíclica *Spe Salvi*, 2: «Quão determinante se revelasse para a consciência dos primeiros cristãos o facto de terem recebido o dom de uma esperança fidedigna, manifesta-se também nos textos onde se compara a existência cristã com a vida anterior à fé ou com a situação dos adeptos de outras religiões. Paulo lembra aos Efésios que, antes do seu encontro com Cristo, estavam “sem esperança e sem Deus no mundo” (*Ef* 2,12). Naturalmente, ele sabe que eles tinham seguido deuses, que tiveram uma religião, mas os seus deuses revelaram-se discutíveis e, dos seus mitos contraditórios, não emanava qualquer esperança. Apesar de terem deuses, estavam “sem Deus” e, consequentemente, achavam-se num mundo tenebroso, perante um futuro obscuro».

²⁷⁶ BENTO XVI, *Como falar de Deus?* - Audiência geral (28 de Novembro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/48 (2012) 3.

²⁷⁷ BENTO XVI, *Voltar para Deus*, 3.

Catholic University of America, prende-se com a convicção de que «a fé muda verdadeiramente tudo no homem e para o homem, e revela-lhe com clareza o seu destino futuro, a verdade da sua vocação no interior da história, o sentido da vida, o gosto de ser peregrino rumo à Pátria celeste»²⁷⁸.

A credibilidade da fé no *Logos-Verdade/Amor* alicerça-se, portanto, segundo o prisma do Pontífice, na exclusiva centralidade de Cristo, o qual salva o homem abrindo-o a um amor que o precede e transforma a partir de dentro, uma vez que, tendo Cristo, com a sua Encarnação e Ressurreição abraçado o caminho humano na sua integralidade, apenas na sua pessoa o homem encontra a luz que ilumina a origem e o fim da sua vida, todo o seu percurso terrestre, bem como, o grande dom divino que, habitando em si, o converte interiormente e o introduz na plenitude da *autêntica humanidade* e na *alegria verdadeira*²⁷⁹.

3.1.2. O sentido eclesial da fé no *Logos-Verdade/Amor*

A exposição sobre a credibilidade da fé no *Logos-Verdade/Amor* equiparar-se-ia às lusas *Capelas Imperfeitas* se a mesma não se visse completada com a referência ao seu inerente sentido eclesial. Como admoesta o Papa Ratzinger «a própria profissão da fé é um acto simultaneamente pessoal e comunitário», pelo que, sendo a Igreja o primeiro sujeito da fé, só no seu seio, isto é, no âmbito da comunidade crente, cada pessoa pode receber o Baptismo, «sinal eficaz da entrada no povo dos crentes para obter a salvação»²⁸⁰. Segundo o

²⁷⁸ BENTO XVI, *Voltar para Deus*, 3; cf. *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 4.

²⁷⁹ Cf. J. RATZINGER, *Teoría de los Principios Teológicos. Materiales para una teología fundamental* 63-76 e 87-97: «A mensagem de Jesus [...] procede daquele que tem a chave da verdadeira alegria. Nem sempre a verdade se revela cómoda para o homem, contudo, só a verdade o torna livre e só a liberdade é alegre [...]. O Cristianismo é, desde o seu princípio, gozo, possibilidade de estar e ser alegre: aquele “alegra-te”, com o qual enceta, resume toda a sua essência [...]. A alegria é sinal de graça. Quem, desde o fundo do seu coração, se sente feliz, quem sofreu mas não perdeu a alegria, não pode estar longe do Deus do Evangelho, cuja primeira palavra, no umbral do Novo Testamento, diz: “alegra-te”»; RATZINGER, J. - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré. A infância de Jesus* (Cascais: Princípiá 2012) 27-37; FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 21: «Podemos assim compreender a novidade, a que a fé nos conduz. O crente é transformado pelo amor, ao qual se abriu na fé, e, na sua abertura a este amor que lhe é oferecido, a sua existência dilata-se para além dele próprio. São Paulo pode afirmar: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (*Gl* 2, 20), e exortar: “Que Cristo, pela fé, habite nos vossos corações” (*Ef* 3, 17). Na fé, o *eu* do crente dilata-se para ser habitado por um Outro, para viver num Outro, e assim a sua vida amplia-se no amor [...]. Fora desta conformação no amor, fora da presença do Espírito que o infunde nos nossos corações (cf. *Rm* 5, 5), é impossível confessar Jesus como *Senhor* (cf. *I Cor* 12, 3)».

²⁸⁰ BENTO XVI, Carta Apostólica *Porta Fidei*, 6; cf. FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 22: «A fé tem uma forma necessariamente eclesial, é professada partindo do corpo de Cristo, como comunhão concreta dos crentes. A partir deste lugar eclesial, ela abre o indivíduo cristão a todos os homens [...]. A fé não é um facto

autor, assim como a doutrina cristã não existe sob a forma de princípios doutrinários isolados, mas somente na unidade do *Símbolo da fé*, também cada crente tem em mãos a fé como *symbolon*, ou seja, como fragmento de um todo que apenas pode encontrar a sua unidade e integridade reunido aos demais, visto que, como atesta o teólogo alemão, unicamente no *ymballein*, na integração com os outros, pode realizar-se o *ymballein* da comunhão com Deus, motivo pelo qual, o pensamento ratzingeriano sustenta que «a fé exige união, ela clama pelo outro que crê, está essencialmente relacionada com a Igreja»²⁸¹.

Neste sentido, atenta a supramencionada consideração de que a fé cristã se reporta não a um Deus abstracto, mas a um Deus concreto, que existe, que entrou e está presente na história, o Deus de Jesus Cristo que responde à pergunta essencial concernente à razão e à forma de viver²⁸², reconhece-se, segundo o entendimento do autor, que a fé no *Logos-Verdade/Amor*, «não sendo um espírito que existe para si mesmo», «é vida, é encarnação, é espírito no corpo da história e do nós que nela está implícito», pelo que, de tal forma, a sua concretização efectua-se «na obediência e na diaconia, na auto-superação do *eu* do crente colocado ao serviço daquilo que não foi feito nem pensado por si, numa libertação que consiste em ser posto ao serviço do todo»²⁸³. Tal perspectiva reitera a afirmação formulada pela Encíclica *Lumen Fidei* segundo a qual a vida do fiel é uma existência eclesial, ou seja, «o crente aprende a ver-se a si mesmo a partir da fé que professa», sendo o próprio Cristo o espelho em que este descobre realizada a sua perfeita imagem, pelo que, abarcando Cristo em si todos os crentes que formam o seu corpo místico, por sua vez, «o cristão compreende-se neste corpo, em relação primordial com Cristo e com os irmãos na fé»²⁸⁴.

privado, uma concepção individualista, uma opinião subjectiva, mas nasce de uma escuta e destina-se a ser pronunciada e a tornar-se anúncio»; J. ALONSO *La belleza de creer*, 135-140.

²⁸¹ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o Símbolo Apostólico*, 68: «A Igreja não é uma organização secundária de ideias totalmente inadequada, constituindo portanto, na melhor das hipóteses, um mal necessário – ela faz necessariamente parte de uma fé, cujo sentido é a integração na profissão e na adoração comuns. Contudo, essa realidade aponta ainda numa outra direcção: a própria Igreja no seu todo tem nas mãos a fé apenas como um *symbolon*, ou seja, como uma medida partida, que corresponde à verdade somente na medida em que aponta para além de si mesma, isto é, para aquilo que é totalmente outro. É só através da fragmentação infinita do símbolo que a fé, como auto-superação contínua do ser humano, avança para o seu Deus»; cf. G. MÜLLER, *La fede come fondamento dell'esperienza cristiana*, 409-411; P. BLANCO, *La teología de Joseph Ratzinger. Una introducción*, 152-154.

²⁸² Cf. BENTO XVI, *Como falar de Deus?*, 3; P. BLANCO, *La transmisión de la fe según Joseph Ratzinger*, in C. CREMADES - C. PALOS (coordenadores), *Perspectivas del pensamiento de Joseph Ratzinger* (Valência: EDICEP 2006) 105-106.

²⁸³ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o Símbolo Apostólico*, 69; cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas est*, 13: «Não recebemos o *Logos* encarnado de modo estático, mas ficamos envolvidos na dinâmica da sua doação»; J. RATZINGER, *Ser cristiano*, 47-51; *A Europa de Bento na crise de culturas*, 102-104; A. FOSSION, *Annuncio e proposta della fede oggi. Questioni e sfide*, 302-305; C. ZUCCARO, *La centralità dell'amore nella vita morale del cristiano*, in *Euntes Docete* 60/1 (2007) 213-225.

²⁸⁴ FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 22: «A imagem do corpo não pretende reduzir o crente a simples parte de um todo anónimo, a mero elemento de uma grande engrenagem; antes, sublinha a união vital de Cristo

Das premissas sobreditas resulta, em síntese, que «a fé não é só uma opção individual que se realiza na interioridade do crente, não é uma relação privada entre o *eu* do fiel e o *Tu* divino, entre o sujeito autónomo e Deus, mas antes, por sua natureza peculiar [...], a mesma verifica-se sempre dentro da comunhão eclesial». Este aspecto, como elucidativamente ilustra o documento iniciado por Bento XVI, consubstancia-se, singularmente, na fórmula ritual do Baptismo, contexto no qual, a profissão de fé, declarada em resposta às indagações de outrem, demonstra somente ser possível atestar pessoalmente *eu creio – acredito na Verdade* – porquanto se pertence a uma comunhão mais lata, na qual se diz *nós cremos – acreditamos na Verdade*. Significativamente, segundo o supracitado escrito pontifício, a sobredita «abertura ao *nós* eclesial realiza-se de acordo com a amplitude própria do amor de Deus, que não é apenas relação entre o Pai e o Filho, entre *eu* e *tu*, mas que, no Espírito Santo, é também um *nós*, uma comunhão de pessoas»²⁸⁵.

Primeiro sujeito crente e custódia da fé, segundo a Encíclica *Lumen Fidei*, a Igreja constitui-se, outrossim, agente fiável da sua transmissão. Com efeito, tal como sustenta o referido documento, transpondo o tempo e as gerações, através de uma cadeia ininterrupta de testemunhos, a Igreja revela ao homem de cada época *o rosto do verdadeiro Jesus*²⁸⁶.

com os crentes e de todos os crentes entre si (cf. *Rm* 12, 4-5). Os cristãos sejam “todos um só” (cf. *Gl* 3, 28), sem perder a sua individualidade, e, no serviço aos outros, cada um ganha profundamente o próprio ser. Compreende-se assim por que motivo, fora deste corpo, desta unidade da Igreja em Cristo [...] a fé perca a sua *medida*, já não encontre o seu equilíbrio, nem o espaço necessário para se manter de pé»; cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas est*, 14: «A união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele Se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-Lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou tornarão Seus. A comunhão tira-me para fora de mim mesmo projectando-me para Ele e, deste modo, também para a união com todos os cristãos».

²⁸⁵ FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 39; cf. A. FOSSION, *Annuncio e proposta della fede oggi. Questioni e sfide*, 306-312.

²⁸⁶ Cf. FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 38: «Como é possível isto? Como se pode estar seguro de beber no *verdadeiro Jesus* através dos séculos? Se o homem fosse um indivíduo isolado, se quiséssemos partir apenas do *eu* individual, que pretende encontrar em si mesmo a firmeza do seu conhecimento, tal certeza seria impossível. Não posso, por mim mesmo, ver aquilo que aconteceu numa época tão distante de mim. Mas, esta não é a única maneira de o homem conhecer, a pessoa vive sempre em relação: provém de outros, pertence a outros, a sua vida torna-se maior no encontro com os outros [...]. O passado da fé, aquele acto de amor de Jesus que gerou no mundo uma vida nova, chega até nós na memória de outros, das testemunhas, guardado vivo naquele sujeito único de memória que é a Igreja».

3.2. O conhecimento da *Verdade* e do *Amor*

«Sem Deus, o homem não sabe para onde ir e não consegue sequer compreender quem seja»²⁸⁷. Efectivamente, atento o pensamento ratzingeriano desenvolvido nos Capítulos precedentes, a intuição enunciada constitui-se corolário de dois postulados basilares já explanados. Desde logo, a clara constatação do autor acerca da insuficiente validade dos dados auferidos pelas instâncias estritamente *científicas* ou *racionalistas*, as quais, por si mesmas, não alcançam nem expressam um conhecimento integral da verdade. Por outro lado, como igualmente se inferiu, segundo o Papa Ratzinger, a própria verdade significa mais do que conhecimento, conduzindo o homem à descoberta do bem²⁸⁸. Neste sentido, procurando o Capítulo presente equacionar a correspondência vigente entre as noções de *Logos* e de *Verdade* e a *fé*, constitutivas do vínculo teológico em estudo, torna-se necessário sustentar, prontamente que, na senda do seu supramencionado entendimento concernente à fé, segundo o qual a mesma não provém do homem mas de Deus, Bento XVI afirma que «a verdade e o amor [...] não se podem produzir, mas apenas acolher, pelo que a sua origem última não é – nem pode ser – o homem, mas Deus, ou seja, Aquele que é *Verdade* e *Amor*»²⁸⁹.

Deste modo, uma vez aprofundada a razão de credibilidade da fé cristã no *Logos* divino e perscrutado o seu inerente sentido eclesial, assim como atentas as intuições ratzingerianas concernentes à busca da verdade e às conseqüentes advertências do autor, particularmente desenvolvidas no Capítulo Segundo, respeitantes ao reducionismo e, por conseguinte, à desumanidade do conhecimento de ordem exclusivamente racional, o último apartado deste estudo, como se indicou anteriormente, pretende, na esteira de Joseph Ratzinger / Bento XVI, demonstrar que, *religião do Logos* radicada na *Verdade* e no *Amor* e, portanto, plasmada por carácter universal, o Cristianismo se constitui fonte fidedigna do verdadeiro conhecimento e, por este motivo, caminho de *humanidade autêntica* proposto a todos os povos e culturas²⁹⁰.

Com efeito, cômico relativamente à limitada concepção da fé cristã comumente partilhada, uma vez entendida esta como um vulgar sistema de crença e de valores, e não

²⁸⁷ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 78; S. SÁNCHEZ-MIGALLÓN, *El Logos del amor en Caritas in Veritate: un acercamiento filosófico a su comprensión*, in *Scripta Theologica* 42 (2010) 139-145.

²⁸⁸ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 30: «As exigências do amor não contradizem as da razão. O saber humano é insuficiente e as conclusões das ciências não poderão sozinhas indicar o caminho para o desenvolvimento integral do homem. Sempre é preciso lançar-se mais além: exige-o a caridade na verdade. Todavia ir mais além nunca significa prescindir das conclusões da razão, nem contradizer os seus resultados. Não aparece a inteligência e depois o amor: há *o amor rico de inteligência e a inteligência cheia de amor*».

²⁸⁹ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 52.

²⁹⁰ Cf. FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 5; P. BLANCO, *La transmisión de la fe según Joseph Ratzinger*, 102-103.

como a verdade de Deus revelada na história e intimamente comunicada ao homem, o Pontífice argumenta que o Cristianismo consiste na vereda do autêntico conhecimento, através da qual o homem pode, seguramente, aprofundar o sentido da *Verdade* e do *Amor*²⁹¹. A partir desta convicção o Papa Ratzinger indica ainda que, sendo inerente à experiência humana do amor um dinamismo que remete o homem para além de si mesmo, a fé cristã, por seu turno, revela-se experiência de um bem que leva o crente a sair de si e a encontrar-se diante do mistério que envolve toda a sua existência. Por tal facto o autor admoesta, em suma, que o amor de Deus pelo homem encerra a questão fundamental da vida e coloca interrogações decisivas sobre quem é Deus e quem é o homem²⁹².

Contrariamente à perspectiva iluminista segundo a qual entre verdade e amor não poderia existir a mais irrisória inter-relação, o entendimento do Pontífice esclarece que sem verdade o amor não se estabelecerá solidamente, não seria verdadeiro amor, permanecendo egoisticamente aprisionado e entrincheirado em si mesmo, bem como, que sem amor a verdade alienar-se-ia da humanidade e das suas indagações e carências mais elementares²⁹³. Desta forma, atenta a indefectível correspondência entre verdade e amor, precedentemente referida, verifica-se, segundo o prisma ratzingeriano, que a mesma se constitui como o verdadeiro caminho gnosiológico, pelo que, enquanto experiência da verdade, o próprio amor se demonstra fonte de conhecimento²⁹⁴. Compreende-se, assim, como argumenta o Pontífice, que conhecimento do *Deus-Amor*, e revelação de que a plenitude do homem consiste unicamente no amor, a experiência de fé cristã se traduza no amor pelo próximo, e numa perscrutação da realidade depurada das limitações individualistas e subjectivistas que,

²⁹¹ Cf. BENTO XVI, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões*, 9; *O misterioso desejo de Deus*, 3; *O mundo, o homem e a fé* - Audiência geral (14 de Novembro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/46 (2012) 6.

²⁹² Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas est*, 2; *Voltar para Deus*, 3; P. SARTOR, *La proposta della fede nelle omelie di Benedetto XVI*, 15-17.

²⁹³ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 78: «Sem verdade, a caridade cai no sentimentalismo. O amor torna-se um invólucro vazio, que se pode encher arbitrariamente. É o risco fatal do amor numa cultura sem verdade; acaba prisioneiro das emoções e opiniões contingentes dos indivíduos, uma palavra abusada e adulterada chegando a significar o oposto do que é realmente. A verdade liberta a caridade dos estrangulamentos do emotivismo, que a despoja de conteúdos relacionais e sociais, e do fideísmo, que a priva de amplitude humana e universal»; A. VIGO, *Cristianismo y opción por el Logos*, 859-861.

²⁹⁴ Cf. FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 29: «Justamente porque o conhecimento da fé está ligado à aliança de um Deus fiel, que estabelece uma relação de amor com o homem e lhe dirige a Palavra, é apresentado pela Bíblia como escuta, aparece associado com o ouvido. São Paulo usará uma fórmula que se tornou clássica: “A fé vem da escuta” (*Rm* 10, 17). O conhecimento associado à palavra é sempre conhecimento pessoal, que reconhece a voz, se lhe abre livremente e a segue obedientemente. Por isso, São Paulo falou da “obediência da fé” (cf. *Rm* 1, 5; 16, 26). Além disso, a fé é conhecimento ligado ao transcorrer do tempo que a palavra necessita para ser explicitada: é conhecimento que só se aprende num percurso de seguimento. A escuta ajuda a identificar bem o nexo entre conhecimento e amor».

próprias da consciência errónea, desorientam e deturpam a percepção humana acerca da real verdade da existência, de Deus e do homem²⁹⁵.

Como se inferiu aquando da exposição sobre a credibilidade da fé no *Logos-Verdade/Amor*, o conhecimento da *Verdade* e do *Amor* facultado pelo Cristianismo respeita, portanto, segundo Bento XVI, «à caridade na verdade, que Jesus Cristo testemunhou com a sua vida terrena e sobretudo com a sua Morte e Ressurreição», a qual se revela «a força propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira»²⁹⁶. Como de igual maneira se mencionou, provenientes de Deus, «Amor eterno e Verdade absoluta», segundo o Papa Ratzinger, a verdade e o amor nunca desaparecem de todo do ser humano, visto que os mesmos «são a vocação colocada por Deus no coração e na mente de cada homem», pelo que, como assevera o autor, somente conhecendo e respondendo ao projecto de verdade e de amor que Deus tem para ele, o homem pode efectivamente realizar-se e alcançar, recebendo-as com dom divino, a liberdade e a verdade sobre si mesmo²⁹⁷.

Neste sentido, segundo Bento XVI, a demanda pelo aprofundamento do conhecimento da verdade e do amor levada a cabo pelo cristão resulta do facto de este ter já recebido de Deus, como oferenda antecipada, a verdade e o amor plenos, razão pela qual, a sua idoneidade para a verdade e para o amor se revela, em suma, fruto do encontro com as manifestações visíveis do amor de Deus que em si infundem a certeza de ser amado²⁹⁸. Tal processo, constitui-se, para o autor, o ponto de partida de todo um caminho progressivo, radicado na comunhão entre a vontade de Deus e a vontade humana que, por sua vez, abarcando o crente na sua totalidade, o amadurece e transforma, e, aproximando-o sempre mais da *Verdade*, o consciencializa de que, sendo Deus *visceralmente* íntimo a si mesmo, a vontade divina, não se

²⁹⁵ Cf. BENTO XVI, *Voltar para Deus*, 3; *O bom senso da fé*, 3: «A fé permite um saber autêntico sobre Deus, que abrange toda a pessoa humana: é um *saber*, ou seja de um conhecer que confere sabor à vida, um novo gosto de existir, um modo jubiloso de estar no mundo. A fé manifesta-se no dom de si pelos outros, na fraternidade que torna o homem solidário, capaz de amar, vencendo a solidão que o torna triste. Por isso, este conhecimento de Deus através da fé não é unicamente intelectual, mas vital. É o conhecimento de *Deus-Amor*, graças ao seu próprio amor. Além disso, o amor de Deus faz ver, abre os olhos, permite conhecer toda a realidade, para além das perspectivas limitadas do individualismo e do subjectivismo que desorientam as consciências. Por isso, o conhecimento de Deus é experiência de fé e implica, ao mesmo tempo, um caminho intelectual e moral: tocados profundamente pela presença do Espírito de Jesus em nós, ultrapassamos os horizontes dos nossos egoísmos e abrimo-nos aos verdadeiros valores da existência».

²⁹⁶ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 1: «Cristo purifica e liberta das nossas carências humanas a busca do amor e da verdade e desvenda-nos, em plenitude, a iniciativa de amor e o projecto de vida verdadeira que Deus preparou para nós. Em Cristo, a caridade na verdade torna-se o Rosto da sua Pessoa, uma vocação a nós dirigida para amarmos os nossos irmãos na verdade do seu projecto»; cf. R. PELÁEZ, *Caritas in Veritate: una respuesta luminosa para tiempos de crisis*, in *Studium Legionensis* 51 (2010) 108-111.

²⁹⁷ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 1; S. SÁNCHEZ-MIGALLÓN, *El Logos del amor en Caritas in Veritate: un acercamiento filosófico a su comprensión*, 147-154.

²⁹⁸ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas est*, 17.

afigurando portanto como estranha ou exteriormente imposta, consiste na sua própria vontade, libertada pela *Verdade* e pelo *Amor* e aos mesmos ordenada²⁹⁹. Decorrente deste pressuposto, verifica-se, na senda ratzingeriana, que o conhecimento da *Verdade* e do *Amor* ofertado pela fé no *Logos-Verdade/Amor* não alheia o crente da realidade e do mundo, impelindo-o antes a um compromisso audaz e generoso, desde logo, em prol da justiça e da paz³⁰⁰.

Elemento determinante do Cristianismo, segundo o Papa Ratzinger, o deslumbramento causado pela *Verdade* e pelo *Amor* possibilita e move o cristão, não apenas a amar oblativamente, isto é, de forma *agápica*, os seus amigos e aqueles que lhe são naturalmente próximos, mas inclusivamente, assim deslumbrado, o mesmo descobre poder amar aquele que não lhe apraz, amar o seu inimigo. Para o Pontífice, tal facto consiste na mais autêntica experiência de uma existência vivida «em Deus e com Deus», mediante a qual, como acima se adiantou, o crente perspectiva tudo e todos não tanto a partir dos seus critérios pessoais, mas segundo o prisma do próprio Cristo. Isto mesmo, como se disse, somente se revela possível, uma vez auferido da fé o conhecimento da *Verdade* e do *Amor*, sem o qual, portanto, como atesta Bento XVI, o homem não pode entrever a marca divina na realidade criada, nem a manifestação do eterno transcendente no tempo³⁰¹.

²⁹⁹ Cf. FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 34. «A luz do amor, própria da fé, pode iluminar as perguntas do nosso tempo acerca da verdade. Muitas vezes, hoje, a verdade é reduzida a autenticidade subjectiva do indivíduo, válida apenas para a vida individual. Uma verdade comum mete-nos medo, porque a identificamos [...] com a imposição intransigente de totalitarismos, mas, se ela é a verdade do amor, se é a verdade que se mostra no encontro pessoal com o Outro e com os outros, então fica livre da reclusão no indivíduo e pode fazer parte do bem comum. Sendo a verdade de um amor, não é verdade que se impõe pela violência, não é verdade que esmaga o indivíduo. Nascedo do amor pode chegar ao coração, ao centro pessoal de cada homem. Daqui resulta claramente que a fé não é intransigente, mas cresce na convivência que respeita o outro».

³⁰⁰ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 1; FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 34: «Enquanto unida à verdade do amor, a luz da fé não é alheia ao mundo material, porque o amor vive-se sempre com corpo e alma. A luz da fé é luz encarnada, que dimana da vida luminosa de Jesus. A fé ilumina também a matéria, confia na sua ordem, sabe que nela se abre um caminho cada vez mais amplo de harmonia e compreensão. Deste modo, o olhar da ciência tira benefício da fé: esta convida o cientista a permanecer aberto à realidade, em toda a sua riqueza inesgotável. A fé desperta o sentido crítico, enquanto impede a pesquisa de se deter, satisfeita, nas suas fórmulas e ajuda-a a compreender que a natureza sempre as ultrapassa. Convidando a maravilhar-se diante do mistério da criação, a fé alarga os horizontes da razão para iluminar melhor o mundo que se abre aos estudos da ciência».

³⁰¹ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas est*, 18; Carta Encíclica *Spe Salvi*, 27: «Neste sentido, é verdade que quem não conhece Deus, mesmo podendo ter muitas esperanças, no fundo está sem esperança, sem a grande esperança que sustenta toda a vida (cf.: *Ef* 2,12). A verdadeira e grande esperança do homem, que resiste apesar de todas as desilusões, só pode ser Deus – o Deus que nos amou, e ama ainda agora “até ao fim”, “até à plena consumação” (cf. *Jo* 13,1 e 19,30). Quem é atingido pelo amor começa a intuir em que consistiria propriamente a *vida*. Começa a intuir o significado da palavra de esperança que encontramos no rito do Baptismo: da fé espero a *vida eterna* – a vida verdadeira que, inteiramente e sem ameaças, em toda a sua plenitude é simplesmente vida. Jesus, que disse de si mesmo ter vindo ao mundo para que tenhamos a vida e a tenhamos em plenitude, em abundância (cf. *Jo* 10,10), também nos explicou o que significa *vida*: “A vida eterna consiste nisto: Que Te conheçam a Ti, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (*Jo* 17, 3). A vida, no verdadeiro sentido, não a possui cada um em si próprio sozinho, nem mesmo por si só: aquela é uma relação. E a vida na sua totalidade é relação com Aquele que é a fonte da vida. Se estivermos em relação com Aquele que não morre, que é a própria *Vida* e o próprio *Amor*, então estamos na vida. Então *vivemos*»; J. RATZINGER, *Escatologia. La muerte y la vida eterna* (Madrid: Herder 2008 [Original 1977]) 171-178; A

Atentos os sobreditos pressupostos e a análise dos doze discursos estudados, e como se verificará seguidamente, infere-se do pensamento ratzingeriano que só através de uma razão iluminada pela *Verdade* e pelo *Amor* o homem pode projectar um presente e um futuro dotados de uma valência mais humana e humanizadora, necessariamente, radicados naquele princípio do dom, «do qual deriva o autêntico desenvolvimento que, por conseguinte, não é assegurado pelo simples progresso técnico e por meras relações de conveniência, mas pelo potencial do amor que vence o mal com o bem [...] e predispõe à reciprocidade das consciências e das liberdades»³⁰².

3.2.1. Fé e verdade

Tal como se constatou aquando da exposição sobre a credibilidade da fé no *Logos/Verdade-Amor*, semelhantemente, a anteposta explanação acerca do Cristianismo como fonte do verdadeiro conhecimento, isto é, do conhecimento da *Verdade* e do *Amor*, reitera, como se verificou, a compreensão de que a sua fiabilidade não provém do homem, mas de Deus, seu fundamento e garante. Esta inferência deduz-se do pensamento ratzingeriano, segundo o qual o crente sabe-se, não possuidor da verdade, mas antes sustentado e conduzido por ela³⁰³. Isto mesmo afirma a citação pontifícia enunciada no início da presente Dissertação, mediante a qual, ciente de que a fé cristã se prende invariavelmente com a verdade, Bento XVI assevera que o cristão possui a grande confiança e a certeza basilar de poder fazer-se ao largo no vasto mar da verdade, sem temer pela salvaguarda da sua identidade cristã. Este entendimento do Pontífice alicerça-se na sua convicção de que o crente cristão reconhece que é a própria verdade quem o possui a si, ou seja, Cristo, que é a *Verdade*, e que guia o homem na apaixonada demanda pelo conhecimento, sendo que unido a ele, segundo o autor, o mesmo permanece firmemente ancorado na luz da verdade³⁰⁴.

Esperança, in *Communio* 2/5 (1985) 451-458; P. BLANCO, *La teología de Joseph Ratzinger. Una introducción*, 154-156.

³⁰² BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 9 e 34: «A caridade na verdade coloca o homem perante a admirável experiência do dom. A gratuidade está presente na sua vida sob múltiplas formas, que frequentemente lhe passam despercebidas por causa duma visão meramente produtiva e utilitarista da existência. O ser humano está feito para o dom, que exprime e realiza a sua dimensão de transcendência [...]. Por sua natureza, o dom ultrapassa o mérito. A sua regra é a excedência. Aquele precede-nos, na nossa própria alma, como sinal da presença de Deus em nós e das suas expectativas a nosso respeito».

³⁰³ Cf. FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 34; J. RATZINGER, *A caminho de Jesus Cristo* (Coimbra: Tenacitas 2006 [Original 2003]) 71-74.

³⁰⁴ Cf. BENTO XVI, *Quem defende Deus defende o homem*, 16.

Por seu turno, atendendo-se de forma particular às premissas atinentes à proposta de um modo de vida *etsi Deus daretur*, a perspectiva ratzingeriana vê-se corroborada pelo próprio Evangelho quando o mesmo indica que todo aquele que vive da *Verdade* escuta a voz de Cristo (cf. *Jo* 18, 37). Deste modo, se para o não crente um modo de vida pautado pela possibilidade da existência de Deus é já por si um trilho autêntico de verdade, para o cristão acreditar significa caminhar por entre a obscuridade do mundo, tocando, contudo, a mão de Deus e assim, no silêncio, ouvir a *Palavra*, ver o *Amor*, e prosseguir certo da vitória de Deus, certo da *Verdade*, da *Bondade* e do *Amor*³⁰⁵. Segundo o Papa Ratzinger, como se infere das páginas anteriores, fé e verdade, isto é, fé e *logos* – razão –, não se contrapondo, pelo contrário, reclamam-se e complementam-se mutuamente. Precisamente apoiado nesta certeza, como se demonstrou, o Pontífice argumentou no discurso proferido por ocasião da entrega do *Prémio Ratzinger* que «na teologia está em jogo a questão acerca da verdade», sendo ela «o seu fundamento último e essencial», pelo que o Cristianismo, como igualmente referiu o autor, movido pelo seu constitutivo e intrínseco amor à verdade, sempre se distinguiu pela ruptura com tudo aquilo que, sendo-lhe exteriormente imposto, a esta não concerne³⁰⁶.

Decorrente do supracitado, a admoestação explanada na Universidade de Roma *La Sapienza* acerca do desiderato humano de conhecimento e de verdade compreende-se, portanto, pelo facto de sem os mesmos o homem encontrar-se, em última instância, desprovido de um sentido a partir do qual possa seguramente compreender e nortear a sua existência³⁰⁷. Com efeito, atenta a acima recordada intuição do autor, segundo a qual a verdade da fé e a verdade da razão nunca se contradizem entre si mas se ordenam correspondentemente à verdade plena e ao bem, o pensamento ratzingeriano sustenta que sendo Deus fiável, crer torna-se absolutamente razoável, pelo que, por conseguinte, apenas ante o horizonte divino se revela possível, solidamente, ponderar e levar a cabo a própria vida, com todas as suas indagações e projectos³⁰⁸. Neste sentido, considerada a certeza do Pontífice de que não só é verdade aquilo em que a fé cristã crê mas, sobremaneira, que a mesma crê na

³⁰⁵ Cf. BENTO XVI, *O Logos tem um coração* - Discurso por ocasião da conclusão dos exercícios espirituais no Vaticano (23 de Fevereiro de 2013), in *L'Osservatore Romano* 44/9 (2013) 7; FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 31: «De facto, a luz do amor nasce quando somos tocados no coração, recebendo assim, em nós, a presença interior do amado, que nos permite reconhecer o seu mistério. Compreendemos agora por que motivo, para São João, a fé seja, juntamente com o escutar e o ver, um tocar, como nos diz na sua Primeira Carta: “O que ouvimos, o que vimos (...) e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida...” (I *Jo* 1, 1)»; P. BLANCO, *Joseph Ratzinger - Benedicto XVI. Un mapa de sus ideas*, 58-59.

³⁰⁶ BENTO XVI, *A razão que segue a fé responde à sua vocação*, 7; cf. SABETTA, A., *Rivelazione Cristiana e Ragione*, 139-142.

³⁰⁷ Cf. BENTO XVI, *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade*, 6.

³⁰⁸ Cf. BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 5; FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 23-24.

verdade, alcança-se a integral compreensão da reflexão pronunciada na *Catholic University of America*, segundo a qual, como anteriormente se adiantou, «só na fé a verdade se pode encarnar e a razão tornar-se verdadeiramente humana, capaz de orientar a vontade pelo caminho da liberdade»³⁰⁹. Por este motivo, infere-se ainda, que o importante postulado ratzingeriano respeitante ao carácter determinante da fé, e consequentemente, à abrangência da vida do crente na sua totalidade por parte da mesma, assenta, incondicionalmente, no facto desta implicar de forma radical a verdade, não podendo, pois, ser meramente tida como um compartimento da antropologia humana ou relegada ao subjectivismo e ao âmbito privado³¹⁰.

De igual modo, corrobora a inter-relação entre fé e verdade, sustentada por Bento XVI, o dado já analisado, respeitante à crise actual, segundo o Pontífice, arraigada na disjunção moderna entre verdade e fé, razão pela qual, como se constatou, as contemporâneas *crise de verdade* e *crise de fé* constituem uma problemática de recíprocas repercussões³¹¹. Por sua vez, tal como se depreende do pensamento ratzingeriano, a resolução do referido problema apenas poderá dar-se quando o reconhecimento da verdade objectiva, que é Deus mesmo, ultrapassando os ditames relativistas hodiernos, se instaurar, não como fanatismo ou fundamentalismo, mas como verdade de fé que a todos respeita, e que a todos faculta as indicações necessárias para a autêntica realização da vida do homem, para o recto estabelecimento das relações humanas, e para o justo progresso técnico e científico. Ressoam, por este motivo, as palavras do então Decano cardinalício, quando, após ter denunciado o relativismo ditatorial hoje assolador da sociedade e da cultura, asseverou que «*adulta* não é uma fé que segue as ondas da moda e a última novidade, mas a fé profundamente radicada na amizade com Cristo, que abre o homem a tudo o que é bom e lhe dá o critério para discernir entre verdadeiro e falso, entre engano e verdade»³¹².

³⁰⁹ BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 5; cf. Carta Encíclica *Spe Salvi*, 23.

³¹⁰ Cf. BENTO XVI, *Voltar para Deus*, 3; FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 24: «Sem verdade, a fé não salva, não torna seguros os nossos passos [...]. Todavia, precisamente pela sua ligação intrínseca com a verdade, a fé é capaz de oferecer uma luz nova, superior aos cálculos humanos, porque vê mais longe, compreende o agir de Deus, que é fiel à sua aliança e às suas promessas».

³¹¹ Cf. BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 5; *É hora de indicar novos mundos ao mundo*, 5.

³¹² J. RATZINGER, *Pedimos com insistência ao Senhor para que nos dê um novo Pastor segundo o seu coração*, 2; cf. FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 25: «Lembrar esta ligação da fé com a verdade é hoje mais necessário do que nunca, precisamente por causa da crise de verdade em que vivemos. Na cultura contemporânea, tende-se frequentemente a aceitar como verdade apenas a da tecnologia: é verdadeiro aquilo que o homem consegue construir e medir com a sua ciência; é verdadeiro porque funciona, e assim torna a vida mais cómoda e aprazível. Esta verdade parece ser, hoje, a única certa, a única partilhável com os outros, a única sobre a qual se pode conjuntamente discutir e comprometer-se; depois haveria as verdades do indivíduo, como ser autêntico face àquilo que cada um sente no seu íntimo, válidas apenas para o sujeito mas que não podem ser propostas aos outros com a pretensão de servir o bem comum. A verdade grande, aquela que explica o conjunto da vida pessoal e social, é vista com suspeita».

Precisamente porque cōncio de que «defender a verdade, propô-la com humildade e convicção e testemunhá-la na vida são formas exigentes e imprescindíveis de caridade»³¹³, o repto de Bento XVI respeitante à demanda pela verdade, expresso em tantos âmbitos laicos e, inclusivamente dirigido a outras confissões religiosas, alicerça-se, antes de mais, na profunda convicção de que esta se encontra originalmente radicada e identificada com a fé. Neste sentido, como se verificou, revelam-se emblemáticas as palavras preparadas para a comunidade académica da *Sapienza*, com as quais, não pretendendo impor de modo autoritário aos outros a fé, o Papa Ratzinger, baseado na natureza intrínseca do seu ministério pastoral, sustenta como crucial «manter desperta a sensibilidade pela verdade, convidar sempre de novo a razão a pôr-se à procura da verdade, do bem, de Deus e, neste caminho, estimulá-la a entrever as luzes úteis que foram surgindo ao longo da história da fé cristã e, assim, sentir Jesus Cristo como a Luz que ilumina a história e ajuda a encontrar o caminho rumo ao futuro»³¹⁴.

Tal perspectiva reflecte, pois, a dinâmica entre encontro pessoal, conhecimento e testemunho cristão integrante da *diaconia da verdade* exercida pela Igreja no meio da humanidade, a qual, como mãe na fé, ciente da vontade de Deus de se comunicar e do desejo congénito de cada ser humano de conhecer a verdade – cruzamento no qual, como se conclui, se esclarece definitivamente a busca humana sobre o significado da vida –, apoia todo aquele que busca a verdade, realmente ciente de que «quem procura a verdade torna-se alguém que vive de fé»³¹⁵. Esta constatação, de algum modo já expressa e como se perscrutará conclusivamente no ponto seguinte, concerne ao entendimento ratzingeriano que, na senda do Cristianismo primitivo, assevera a universalidade de Deus e apela à universalidade da razão, por sua vez, naturalmente preparada para se encontrar aberta ao mesmo, pelo que, deste modo, como se deduz da compreensão do autor, a fé cristã, muito para além dos hábitos e tradições culturais autóctones, variáveis de povo para povo, respeita primeiramente ao âmbito

³¹³ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 1; cf. R. PELÁEZ, *Caritas in Veritate: una respuesta luminosa para tiempos de crisis*, 111-128.

³¹⁴ BENTO XVI, *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade*, 7.

³¹⁵ BENTO XVI, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana*, 5; cf. Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 35: «Configurando-se como caminho, a fé tem a ver também com a vida dos homens que, apesar de não acreditar, desejam-no fazer e não cessam de procurar. Na medida em que se abrem, de coração sincero, ao amor e se põem a caminho com a luz que conseguem captar, já vivem – sem o saber – no caminho para a fé: procuram agir *como se Deus existisse*, seja porque reconhecem a sua importância para encontrar directrizes firmes na vida comum, seja porque sentem o desejo de luz no meio da escuridão, seja ainda porque, notando como é grande e bela a vida, intuem que a presença de Deus ainda a tornaria maior».

mais profundo e transversal da verdade que, sem isenção nem diferenças, a todos os homens implica igualmente³¹⁶.

Assim, como se adiantou noutro momento, *religião do Logos*, o Cristianismo demonstra que «o esclarecimento racional pode tornar-se religião, porque o Deus do esclarecimento entrou na religião», motivo pelo qual, como se conclui, a fé no *Logos-Verdade/Amor*, surpreendentemente, permite e fomenta a conciliação de dois princípios aparentemente contraditórios, verificando-se que nela metafísica e história, isto é, realidade transcendente e realidade humana e terrena, apenas se compreendem justamente quando consideradas na sua aglutinação e correspondência. Assim, fé e verdade revelam-se, efectivamente, os postulados básicos da *vera religio* que, pela sua génese, segundo o autor, atesta que a *Verdade* e o *Amor*, na sua unidade, são o verdadeiro fundamento e a finalidade de todo o real³¹⁷.

3.2.2. O caminho mais autêntico de humanidade

O termo da presente Dissertação, dedicada à exposição do vínculo teológico ratzingeriano estabelecido entre as supracitadas noções de *Logos*, *Verdade* e fé, invariavelmente deve discorrer acerca da fé no *Logos-Verdade/Amor* como o caminho mais autêntico de humanidade. Com efeito, atenta a explanação realizada neste estudo, tal intuição revela-se o âmago e o corolário transversal do pensamento do autor, para quem, «Jesus Cristo, o Filho de Deus, o verdadeiro homem, é a medida do verdadeiro humanismo»³¹⁸.

Como se constatou, aquando da apresentação do discurso proferido na Croácia, segundo o Pontífice, «Cristo é plenamente homem, e tudo aquilo que é humano encontra n'Ele e na sua

³¹⁶ Cf. BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 5: «De facto, os cristãos da Igreja primitiva não consideraram o seu anúncio missionário como uma propaganda, que devia servir para fazer crescer o próprio grupo, mas como uma necessidade intrínseca que derivava da natureza da sua fé: o Deus em que acreditavam era o Deus de todos, o Deus uno e verdadeiro que se tinha mostrado na história de Israel e, enfim, no seu Filho, dando assim a resposta que dizia respeito a todos e que, no seu íntimo, todos os homens aguardam. A universalidade de Deus e a universalidade da razão aberta a Ele constituíam para eles o motivo e, ao mesmo tempo, o dever do anúncio. Para eles, a fé não dependia dos hábitos culturais, que divergem de um povo para outro, mas ao âmbito da verdade que diz respeito igualmente a todos».

³¹⁷ Cf. J. RATZINGER, *Fé, Verdade e Tolerância. O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo*, 154 e 162-163: «A tentativa, nesta crise da humanidade, de dar um novo sentido à ideia do Cristianismo como *religio vera* tem, por assim dizer, de apostar tanto na ortodoxia como na ortopraxia. O seu conteúdo mais profundo deverá consistir hoje [...] em que amor e razão, como pilares fundamentais da realidade, sejam conduzidos à sua unidade: a verdadeira razão é o amor, o amor é a verdadeira razão. Na sua unidade são o verdadeiro fundamento e a finalidade de todo o real».

³¹⁸ J. RATZINGER, *Pedimos com insistência ao Senhor para que nos dê um novo Pastor segundo o seu coração*, 2; cf. BENTO XVI, *À descoberta da arte de viver*, 24; P. SARTOR, *La proposta della fede nelle omelie di Benedetto XVI*, 22-24.

Palavra plenitude de vida e de significado»³¹⁹, pelo que, como igualmente se inferiu do escrito pronunciado na sede das Nações Unidas, uma visão da vida firmemente ancorada na dimensão religiosa da pessoa, por sua vez, traduzida desde logo no reconhecimento do valor transcendente de cada homem e mulher, proporciona à humanidade um mundo melhor, respeitador da paz, do desenvolvimento, da cooperação entre os povos e da garantia dos direitos das gerações futuras³²⁰. A tais aspectos, subjaz, em síntese, a detalhada consideração do autor, abordada pela Dissertação, atinente ao preponderante contributo prestado pelo Cristianismo, no decorrer do séculos, quer na compreensão da natureza humana e dos seus dinamismos específicos quer na auscultação da consciência, da razão e do pensamento³²¹.

Precisamente por estes motivos, o Papa Ratzinger asseverou em diversas circunstâncias, ser imprescindível, manter viva a busca da verdade e, conseqüentemente, de Deus, levar o homem a procurar as realidades últimas e, em suma, a aprofundar o conhecimento de Deus tal qual ele se revelou em Jesus Cristo para a total realização humana³²². Neste sentido, o mote do texto redigido por ocasião do encontro com o mundo da cultura no *Collège des Bernardins*, licitamente se constitui não apenas uma proposta de resolução para as problemáticas sociais hodiernas mas, inclusivamente, uma verdadeira chave de leitura e de compreensão do próprio pensamento ratzingeriano, segundo o qual, «*quaerere Deum*, permanece o fundamento de toda a verdadeira cultura»³²³.

³¹⁹ BENTO XVI, *A consciência, chave para a construção do bem comum*, 4.

³²⁰ Cf. BENTO XVI, *Os direitos humanos radicados na justiça*, 9; FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 51: «A luz da fé é capaz de valorizar a riqueza das relações humanas, a sua capacidade de perdurarem, serem fiáveis, enriquecerem a vida comum. A fé não afasta do mundo, nem é alheia ao esforço concreto dos nossos contemporâneos. Sem um amor fiável, nada poderia manter verdadeiramente unidos os homens: a unidade entre eles seria concebível apenas enquanto fundada sobre a utilidade, a conjugação dos interesses, o medo, mas não sobre a beleza de viverem juntos, nem sobre a alegria que a simples presença do outro pode gerar. A fé faz compreender a arquitectura das relações humanas, porque identifica o seu fundamento último e destino definitivo em Deus, no seu amor, e assim ilumina a arte da sua construção, tornando-se um serviço ao bem comum. Por isso, a fé é um bem para todos, um bem comum: a sua luz não ilumina apenas o âmbito da Igreja nem serve somente para construir uma cidade eterna no além, mas ajuda também a construir as nossas sociedades de modo que caminhem para um futuro de esperança [...]. As mãos da fé levantam-se para o céu, mas fazem-no ao mesmo tempo que edificam, na caridade, uma cidade construída sobre relações que têm como alicerce o amor de Deus»; J. RATZINGER, *Verdade - Valores - Poder. Pedras-de-toque da sociedade pluralista*, 76-78.

³²¹ Cf. BENTO XVI, *Razão e fé precisam uma da outra*, 6; *A consciência, chave para a construção do bem comum*, 4; *Uma política ao serviço do direito e da justiça*, 4-5.

³²² Cf. BENTO XVI, *É hora de indicar novos mundos ao mundo*, 5.

³²³ BENTO XVI, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura*, 5; Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 29: «Deus é o garante do verdadeiro desenvolvimento do homem, já que, tendo-o criado à sua imagem, fundamenta de igual forma a sua dignidade transcendente e alimenta o seu anseio constitutivo de *ser mais*. O homem não é um átomo perdido num universo casual, mas é uma criatura de Deus, à qual Ele quis dar uma alma imortal e que desde sempre amou. Se o homem fosse fruto apenas do acaso ou da necessidade, se as suas aspirações tivessem de reduzir-se ao horizonte restrito das situações em que vive, se tudo fosse somente história e cultura e o homem não tivesse uma natureza destinada a transcender-se numa vida sobrenatural, então poder-se-ia falar de incremento ou de evolução, mas não de desenvolvimento»; J. RATZINGER, *A Igreja e a nova Europa*, 48-53.

A consideração de Bento XVI acerca do Cristianismo enquanto caminho mais autêntico de humanidade radical, portanto, no entendimento de que «a fé leva a descobrir que o encontro com Deus valoriza, aperfeiçoa e eleva aquilo que existe de verdadeiro, de bom e de belo no homem», concluindo-se à luz do sobredito, que somente esclarecida pelo conhecimento da verdade e do amor de Deus, «a vida humana se torna verdadeira, autenticamente humana e os critérios do verdadeiro humanismo se tornam presentes na sociedade»³²⁴. Deste modo, o autor admoesta, que apenas no contexto do referido humanismo próprio da *religião do Logos*, pode ter lugar a necessária afirmação de uma verdade objectiva que, emergindo os homens das opiniões e sensações subjectivas, bem como, fazendo-os ultrapassar as múltiplas determinações culturais e históricas para procederem à justa avaliação do valor e da substância das coisas, reúna os mesmos, fundamente e paute as suas inter-relações, e fomente o cuidadoso empreendimento de esforços ordenados ao bem-comum e à edificação de uma sociedade realmente justa e humana³²⁵.

Neste sentido, contrariamente às concepções iluministas e a todas as arbitrarias formas laicistas amplamente vigentes na sociedade contemporânea, a perspectiva do Papa Ratzinger assevera que apenas cōscio de ser chamado como indivíduo e como membro da comunidade humana, a fazer parte da família de Deus, será possível ao homem tecer um novo pensamento e empreender novas energias ao serviço de um humanismo integral, levando a cabo o crucial *Iluminismo pós-moderno*, a restauração do *ethos* e o fomento de uma *ecologia humana*. Para o Pontífice, com efeito, a maior força ao serviço de um tal desenvolvimento é, em suma, o humanismo cristão, mediante o qual, se reaviva a caridade e o homem se deixa guiar pela verdade, recebendo ambas, justamente, como dom permanente de Deus³²⁶. Corolário das temáticas anteriormente explanadas, a reclusão ideológica a Deus e o ateísmo da indiferença hodiernos, impelindo ao esquecimento de Deus Criador, incorrem simultaneamente no

³²⁴ BENTO XVI, *O bom senso da fé*, 3; cf. *Fazer com que Deus esteja presente na vida de toda a humanidade*, 6; *Quem defende Deus defende o homem*, 9.

³²⁵ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 59: «Esta lei moral universal é um fundamento firme de todo o diálogo cultural, religioso e político e permite que o multiforme pluralismo das várias culturas não se desvie da busca comum da verdade, do bem e de Deus. Por isso, a adesão a esta lei escrita nos corações é o pressuposto de qualquer colaboração social construtiva. Em todas as culturas existem pesos de que libertar-se, sombras a que subtrair-se. A fé cristã, que se encarna nas culturas transcendendo-as, pode ajudá-las a crescer na fraternização e solidariedade universais com benefício para o desenvolvimento comunitário e mundial»; J. RATZINGER, *Verdade - Valores - Poder. Pedras-de-toque da sociedade pluralista*, 73-76.

³²⁶ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 34: «Enquanto dom recebido por todos, a caridade na verdade é uma força que constitui a comunidade, unifica os homens segundo modalidades que não conhecem barreiras nem confins. A comunidade dos homens pode ser constituída por nós mesmos; mas, com as nossas simples forças, nunca poderá ser uma comunidade plenamente fraterna nem alargada para além de qualquer fronteira, ou seja, não poderá tornar-se uma comunidade verdadeiramente universal: a unidade do género humano, uma comunhão fraterna para além de qualquer divisão, nasce da convocação da palavra de *Deus-Amor*».

gravoso risco do menosprezo pelos valores humanos, pelo que, como atesta o autor, «um humanismo que exclui Deus é um humanismo desumano», podendo somente «um humanismo aberto ao Absoluto conduzir o ser humano na promoção e na realização de lícitas formas de vida social e civil»³²⁷.

Efectivamente, como assevera o autor, «a fé cristã, laboriosa na caridade e forte na esperança, não limita mas humaniza a vida», atenta, pois, a sua premissa elementar concernente à audaciosa busca da verdade e do amor, assim como, o seu inerente incentivo ao aprofundamento da ciência e da técnica, salvaguardados os limites que o homem, como criatura, antes de mais para seu benefício, não deve exceder³²⁸. A esta pedagogia facultada pela fé no *Logos-Verdade/Amor*, reúne-se ainda, a inferência de carácter peculiarmente cristão, atinente à consciência de que «a grandeza da humanidade se determina essencialmente na relação com o sofrimento e com quem sofre». Tal facto, atento o prisma ratzingeriano, constitui o ímpar legado transmitido pelo Cristianismo à humanidade³²⁹.

Caminho mais autêntico de humanidade, segundo Bento XVI, «a fé cristã mostrou ao homem que verdade, justiça e amor não são simplesmente ideais, mas realidades de imensa densidade. Mostrou-lhe que Deus – a Verdade e o Amor em pessoa – quis sofrer por si e

³²⁷ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, 29: «Quando o Estado promove, ensina ou até impõe formas de ateísmo prático, tira aos seus cidadãos a força moral e espiritual indispensável para se empenhar no desenvolvimento humano integral e impede-os de avançarem com renovado dinamismo no próprio compromisso de uma resposta humana mais generosa ao amor divino».

³²⁸ Cf. BENTO XVI, *Voltar para Deus*, 3; *O bom senso da fé*, 3: «É nestas premissas acerca do nexó fecundo entre compreender e crer que se funda inclusive a relação virtuosa entre ciência e fé. Como vemos, a pesquisa científica leva ao conhecimento de verdades sempre novas sobre o homem e o cosmos. O verdadeiro bem da humanidade, acessível na fé, abre o horizonte no qual se deve mover o seu caminho de descoberta. Portanto devem ser encorajadas, por exemplo, as investigações postas ao serviço da vida, que visam debelar as enfermidades. São importantes também as pesquisas destinadas a descobrir os segredos do nosso planeta e do universo, na consciência de que o homem está no ápice da criação não para a explorar insensatamente, mas para a preservar e tornar habitável. Assim a fé, vivida realmente, não entra em conflito com a ciência, aliás, coopera com ela, oferecendo critérios basilares a fim de que promova o bem de todos, pedindo-lhe que renuncie apenas àquelas tentativas que – opondo-se ao desígnio originário de Deus – podem produzir efeitos que se voltam contra o próprio homem. Também por isso é razoável acreditar: se a ciência é uma aliada preciosa da fé para a compreensão do desígnio de Deus no universo, a fé permite que o progresso científico se realize sempre para o bem e para a verdade do homem, permanecendo fiel a este mesmo desígnio»; J. RATZINGER, *No Princípio Deus criou o Céu e a Terra*, 81-83; P. BLANCO, *La teología de Joseph Ratzinger. Una introducción*, 323-336.

³²⁹ BENTO XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi*, 38-39: «Uma sociedade que não consegue aceitar os que sofrem e não é capaz de contribuir, mediante a *com-paixão*, para fazer com que o sofrimento seja compartilhado e assumido mesmo interiormente é uma sociedade cruel e desumana. A sociedade, porém, não pode aceitar os que sofrem e apoiá-los no seu sofrimento, se os próprios indivíduos não são capazes disso mesmo, e, por outro lado, o indivíduo não pode aceitar o sofrimento do outro, se ele pessoalmente não consegue encontrar no sofrimento um sentido, um caminho de purificação e de amadurecimento, um caminho de esperança. Aceitar o outro que sofre significa, de facto, assumir de alguma forma o seu sofrimento, de tal modo que este se torna também meu. Mas, precisamente porque agora se tornou sofrimento compartilhado, no qual há a presença do outro, este sofrimento é penetrado pela luz do amor [...] Sofrer com o outro, pelos outros; sofrer por amor da verdade e da justiça; sofrer por causa do amor e para se tornar uma pessoa que ama verdadeiramente: estes são elementos fundamentais de humanidade, o seu abandono destruiria o mesmo homem [...]. Digamo-lo uma vez mais: a capacidade de sofrer por amor da verdade é medida de humanidade. No entanto, esta capacidade de sofrer depende do género e da grandeza da esperança que trazemos dentro de nós e sobre a qual construímos».

consigo»³³⁰. Por este motivo, um modo de vida *etsi Deus daretur*, ou seja, a decisão pela prioridade da verdade *tout court*, oferta ao ser humano a plenitude da sua realização, dado que somente «onde há Deus, há futuro»³³¹.

³³⁰ BENTO XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi*, 39.

³³¹ BENTO XVI, *Os santos transformam o mundo* - Homilia na Santa Missa celebrada na Praça da Catedral de Erfurt (24 de Setembro de 2011), in *L'Osservatore Romano* 42/40 (2011) 10; cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o Símbolo Apostólico*, 262: «A meta do cristão não é uma determinada bem-aventurança, mas sim o todo. Ele crê em Cristo e por isso crê no futuro do mundo, e não apenas no seu próprio futuro. Ele sabe que esse futuro é mais do que ele próprio poderia criar. E que existe uma razão de ser que ele não seria capaz de destruir. Poderá então ficar descansado, à espera dos acontecimentos? Pelo contrário: como sabe que existe uma razão de ser, pode e deve empenhar-se com alegria e sem temor na realização da obra da história, mesmo que o seu pequeno campo de visão lhe dê a impressão de que tudo não passa de um trabalho de Sísifo em que a pedra do destino humano é empurrada monte acima por cada nova geração, para no fim despençar de novo, frustrando todos os esforços anteriores. Quem crê sabe que existe um *adiante*, que não andamos em círculo. Quem crê sabe que a história não se assemelha ao tapete de Penélope, que é sempre urdido para, depois, ser novamente desfeito. Pode ser que os cristãos também sejam atacados pelos pesadelos do temor e da inutilidade que levaram o mundo pré-cristão a criar imagens tão comoventes da frustração diante da vanidade do esforço humano. Mas nesse pesadelo ressoa a voz salvadora e transformadora da realidade: “Tende confiança, Eu venci o mundo!” (*Jo* 16, 33)».

CONCLUSÃO

A leitura do vínculo teológico de Joseph Ratzinger / Bento XVI explanada nas páginas precedentes intentou perscrutar, a partir do pensamento do autor, a essência das noções de *Logos*, *Verdade* e *fé*, e a correspondência vigente entre as mesmas, como se constata, nucleares quer na elaboração teológica ratzingeriana quer no próprio Cristianismo, neste estudo, atentas as intuições do teólogo alemão, considerado como *religião do Logos*, como fé no *Logos-Verdade/Amor*. Tal percurso permitiu tecer corolários de várias ordens, desde as inferências de carácter essencialmente teológico às deduções concernentes à antropologia e ao pensamento político e social do autor, como se indicou inicialmente e como se demonstrou no decurso da Dissertação, proposto ao continente europeu e ao mundo como preciosíssimas coordenadas de caminhos *autenticamente humanos*, norteados pela procura da verdade, de Deus.

Neste sentido, atendendo-se, particularmente, aos doze discursos pontifícios tomados como fonte primeira de estudo, procurou-se, sob diversos prismas e mediante um progressivo aprofundamento das principais temáticas neles elencados, narrar as intuições de Bento XVI referentes aos supracitados, perscrutando a sua densa coerência e razoabilidade. Por este motivo, uma vez vislumbrada a riqueza e profundidade dos referidos escritos, sustenta-se, como se indicou na Introdução, deverem os mesmos ser reconhecidos como um tesouro documental legado pelo Papa Ratzinger à Igreja e à humanidade, do qual se poderão proficuamente auferir, não apenas fundamentais pontos de partida para a justa ponderação acerca da razoabilidade da fé cristã e para o seu assentimento, mas, outrossim, antes de mais, como se verificou, para o empreendimento de uma experiência de vida autenticamente humana, alicerçada na *Verdade* e no *Amor*.

Deste modo, torna-se pertinente concluir o percurso trilhado até ao momento reiterando as convicções ratzingerianas atinentes à pressuposição de um modo de vida *etsi Deus daretur*, bem como, sublinhando as conjecturas do autor atinentes à consciência humana, pelo mesmo compreendida, como se expôs, enquanto instância do encontro entre Deus e o homem e, por

consequente, como âmbito primeiro de liberdade e de verdade. Efectivamente, no contexto do desenvolvimento da concretização do supracitado vínculo teológico, a alusão à proposta de um sentido e de um delineamento da vida *veluti si Deus daretur, como se Deus existisse*, teve por fim ilustrar a perspectiva do Pontífice, de que a existência de Deus, não sendo objecto de comprovação científica, pode, contudo, intuir-se da realidade criada, isto é, da própria natureza e dos seus dinamismos peculiares. Por esta razão, Bento XVI admoesta que a interrogação pela hipótese da existência de Deus, assim como, uma vida pautada pela mesma, engrandece em qualidade e sentido não apenas a moralidade e a justiça, os relacionamentos humanos pessoais e sociais, o cuidado ecológico pelo mundo e pela vastidão dos seus recursos e ecossistemas, mas inclusivamente, faculta o critério último de compreensão de toda realidade, o qual, pois, consiste no esclarecimento da existência no horizonte divino do *Logos-Verdade/Amor*.

Estes pressupostos assentam, em suma, na basilar premissa ratzingeriana, segundo a qual, a razão e a razoabilidade manifestada, desde logo, na natureza e no ser humano, illogicamente proveriam do irracional, do acaso e do sem sentido, pelo que, segundo o autor, resulta como mormente plausível intuir um princípio originário razoável de toda a realidade. Uma tal opção, ou seja, a decisão pela prioridade da razão que, numa contraposição com a eleição do irracional e do relativismo dele decorrente, por sua vez implique um modo de vida consentâneo com a mesma, encontra, segundo Bento XVI, a plenitude da sua realização no seio do Cristianismo, religião do *Logos-Verdade/Amor*. Num tal âmbito, como se dissecou, o homem, transfigurado pela fé, enceta a inaudita e contínua descoberta de se saber amado pela razão que o chamou à existência, inferindo, por fim, ser a esta inerente um sentido, uma vocação primordial que convoca a humanidade à *Verdade* e ao *Amor*.

Nesta certeza acerca da prioridade da razão, da verdadeira e amorosa *Razão Criadora*, funda-se, enfim, a profunda convicção do Papa Ratzinger, segundo a qual o homem é *capaz da verdade*, não lhe sendo esta impossível ou inalcançável. Com efeito, isto mesmo crê o autor, não porquanto, só por si, o limitado ser humano possa alcançar e determinar-se pela incomensurabilidade da *Verdade* e do *Amor*, mas, como se procurou expressar, porque a *Verdade* e o *Amor* se constituem puro dom ofertado ao ser humano pela *Razão Criadora* que, transpondo todos os ditames matemáticos, se comunica precisamente enquanto *Razão-Verdade/Amor*. Como refere o Pontífice, tal facto consubstancia-se em Cristo, em quem a mesma *Razão Criadora* se doou sumamente à humanidade, fazendo-se carne e *Razão-crucificada* por amor da *Verdade*.

Atento o supramencionado, compreende-se o postulado de Bento XVI, citado no começo da Dissertação, segundo o qual o homem que se deixa deslumbrar pela fé no *Logos-Verdade/Amor*, sabe-se, não possuidor da verdade, mas sustentado e conduzido por ela. De facto, como se conclui, o ser humano, pelas suas forças, não pode possuir nem elaborar mais do que uma pretensa verdade, produto das suas ilações subjectivistas, pelo que, diferentemente, segundo o autor, a *Razão* e o conhecimento da *Verdade* e do *Amor* para os quais o homem se encontra originalmente vocacionado, manifestam-se na sua consciência somente por intermédio da *Razão Criadora*, que a si mesmo a esta se comunica. Daqui decorre, portanto, a perspectiva ratzingeriana atinente à consciência humana como lugar epifânico de Deus, lugar do conhecimento da *Verdade* e do *Amor* e, conseqüentemente, lugar de perfeita correspondência entre liberdade e verdade.

A credibilidade da fé no *Logos-Verdade/Amor*, tal qual se deduz do pensamento do teólogo bávaro, consiste, em suma, no dado decisivo desta não meramente exigir a verdade, mas, efectivamente, consistir na revelação da própria *Verdade*, na revelação da verdade da existência, do homem, da razão, e, sobremaneira, de Deus, do *Deus-Verdade/Amor*, fundamento e garantia de todo o real. Neste sentido, a senda ratzingeriana, assevera que a necessidade do homem e da sociedade por uma verdade objectiva, aquela anunciada pelo Cristianismo, consta não de um simples estratagema ou artefacto destinado a assegurar, pelos mínimos, os fundamentos culturais europeus e ocidentais, assim como a administração da justiça e a ordem cívica, mas da vital carência humana, porquanto sem Deus, como se disse, o homem não pode sequer saber quem seja.

Vereda mais autêntica de humanidade, o Cristianismo revela o homem ao próprio homem, uma vez que, segundo o Papa Ratzinger, como se constatou, o humanismo cristão mede-se pela medida do homem verdadeiro, a do Filho de Deus, Jesus Cristo. N'Ele, com Ele e por Ele, o homem, vivendo ainda na fé, espera no *Logos* eterno e aprende, no decurso da sua peregrinação terrena, a amar a *Verdade*. Por entre o obscurecimento da dúvida ainda não dissipada pelo resplendor a luz verdadeira que concede o esclarecimento e a visão clara, o homem pode, todavia, firmar-se inabalavelmente sobre o *Logos-Verdade/Amor*, atendendo à sua consciência na qual ressoa fulgentemente a voz de Cristo, que diz: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim» (*Jo* 14, 6).

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia principal

I - Escritos pontifícios de Bento XVI

BENTO XVI, *Primeira saudação de Bento XVI - Mensagem Urbi et Orbi* (19 de Abril de 2005), in *L'Osservatore Romano* 36/17 (2005) 1.

_____, *Desejo afirmar com vigor a vontade decidida de prosseguir o compromisso do Concílio Vaticano II em continuidade com os meus Predecessores - Primeira mensagem pontifícia* (20 de Abril de 2005), in *L'Osservatore Romano* 36/17 (2005) 6-7.

_____, *Se não há forças morais nos ânimos nem disponibilidade para sofrer não se constrói um mundo melhor - Discurso no encontro com o clero da Diocese de Aosta* (25 de Julho de 2005), in *L'Osservatore Romano* 36/31 (2005) 4-7.

_____, *Fazer ciência no horizonte de uma racionalidade aberta ao transcendente, a Deus - Discurso na visita à sede romana da Universidade do Sagrado Coração por ocasião da inauguração do Ano Académico* (25 de Novembro de 2005), in *L'Osservatore Romano* 36/49 (2005) 7 e 9.

_____, *Uma justa hermenêutica para ler e receber o Concílio como uma grande força de renovação da Igreja - Discurso no encontro com a Cúria Romana para a apresentação de bons votos de Natal* (22 de Dezembro de 2005), in *L'Osservatore Romano* 36/52 (2008) 6-8.

_____, *Carta Encíclica Deus Caritas est* (25 de Dezembro de 2005), in *Acta Apostolicae Sedis* 98/3 (2006) 217-252.

_____, *Justiça, liberdade, perdão, reconciliação, esperança: compromissos formidáveis para construir a paz na verdade - Discurso no encontro com o Corpo*

Diplomático acreditado junto da Santa Sé para a apresentação de bons votos de Ano Novo (9 de Janeiro de 2006), in *L'Osservatore Romano* 37/2 (2006) 4-5.

_____, *Fazer com que Deus esteja presente na vida de toda a humanidade* - Discurso no encontro com os jovens de Roma e do Lácio, em preparação para a XXI Jornada Mundial da Juventude (6 de Abril de 2006), in *L'Osservatore Romano* 37/15 (2006) 5-7.

_____, *Ajudemos os nossos irmãos a progredir pelos caminhos da vida e da liberdade autêntica* - Discurso na Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana (18 de Maio de 2006), in *L'Osservatore Romano* 37/21 (2006) 4.

_____, *Fé, razão e universidade. Recordações e reflexões* - Discurso no encontro com os representantes do mundo científico e cultural da Baviera na Aula Magna da Universidade de Regensburg (12 de Setembro de 2006), in *L'Osservatore Romano* 37/38 (2006) 8-9.

_____, *A razão da paz vença a irracionalidade da violência!* - Discurso no encontro com a Cúria Romana para a apresentação de bons votos de Natal (22 de Dezembro de 2006), in *L'Osservatore Romano* 37/52 (2006) 6-8.

_____, *Não podemos deixar de nos preocupar com o que é bom para o homem* - Discurso na Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana (24 de Maio de 2007), in *L'Osservatore Romano* 38/22 (2007) 7.

_____, *São Pedro e São Paulo consumaram a sua existência pelo dom da unidade* - Homilia na celebração das Primeiras Vésperas da Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo (28 de Junho de 2007), in *L'Osservatore Romano* 38/27 (2007) 4.

_____, *Com Maria encontramos o caminho justo que conduz à luz e à alegria do Amor eterno* - Homilia na Santa Missa celebrada no Santuário de Marizell (8 de Setembro de 2007), in *L'Osservatore Romano* 38/37 (2007) 5 e 7.

_____, Carta Encíclica *Spe Salvi* (30 de Novembro de 2007), in *Acta Apostolicae Sedis* 99/12 (2007) 985-1027.

_____, *O anúncio do Evangelho contrasta a violência e a injustiça* - Discurso no encontro com a Cúria Romana para a apresentação de bons votos de Natal (21 de Dezembro de 2007), in *L'Osservatore Romano* 38/52 (2007) 6-7.

_____, *Não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade* - Discurso preparado para a visita à Universidade de Roma *La Sapienza* (17 de Janeiro de 2008), in *L'Osservatore Romano* 39/3 (2008) 6-7.

_____, *A secularização na Igreja desnatura a fé e o estilo de vida dos fiéis* - Discurso na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura (8 de Março de 2008), in *L'Osservatore Romano* 39/11 (2008) 5.

_____, *A verdade encarna-se na fé e a razão faz-se verdadeiramente humana* - Discurso na visita à *Catholic University of America* de Washington (17 de Abril de 2008), in *L'Osservatore Romano* 39/17 (2008) 4-5.

- _____, *Os direitos humanos radicados na justiça* - Discurso na visita à sede da Organização das Nações Unidas (18 de Abril de 2008), in *L'Osservatore Romano* 39/17 (2008) 8-9.
- _____, *A transmissão da fé aos jovens e o rosto verdadeiro da emergência educativa* - Discurso na Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana (29 de Maio de 2008), in *L'Osservatore Romano* 39/23 (2008) 9.
- _____, *Procurar Deus e escutá-l'O: fundamento de toda a verdadeira cultura* - Discurso no encontro com o mundo da cultura no *Collège des Bernardins* de Paris (12 de Setembro de 2008), in *L'Osservatore Romano* 39/38 (2008) 4-5.
- _____, *A escuta da linguagem da criação salva o homem da destruição* - Discurso no encontro com a Cúria Romana para a apresentação de bons votos de Natal (22 de Dezembro de 2008), in *L'Osservatore Romano* 39/52 (2008) 6-7.
- _____, *Formação das consciências para não perder o sentido do pecado* - Mensagem aos participantes no Curso para o Foro interno promovido pela Penitenciária Apostólica (12 de Março de 2009), in *L'Osservatore Romano* 40/12 (2009) 14.
- _____, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de Junho de 2009), in *Acta Apostolicae Sedis* 101/8 (2009) 641-709.
- _____, *A Igreja, espaço de diálogo e de oração para todos* - Discurso no encontro com a Cúria Romana para a apresentação de bons votos de Natal (21 de Dezembro de 2009), in *L'Osservatore Romano* 40/52 (2009) 8-10.
- _____, *É hora de indicar novos mundos ao mundo* - Discurso no encontro com o mundo da cultura de Portugal no Centro Cultural de Belém (12 de Maio de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/20 (2010) 5.
- _____, *Uma crise não só económica, mas também cultural e espiritual* - Discurso na Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana (27 de Maio de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/23 (2010) 3 e 5.
- _____, *A Igreja é uma imensa força renovadora* - Homília na celebração das Primeiras Vésperas da Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo (28 de Junho de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/27 (2010) 6.
- _____, *A dignidade natural de cada pessoa: raiz da inviolabilidade dos direitos humanos* - Discurso ao gabinete da Assembleia parlamentar do conselho da Europa (8 de Setembro de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/37 (2010) 14.
- _____, *No sulco do cardeal Newman* - Mensagem aos fiéis britânicos por ocasião da viagem apostólica ao Reino Unido (8 de Setembro de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/37 (2010) 14.
- _____, *Razão e fé precisam uma da outra* - Discurso no encontro com o mundo político, económico e cultural britânico na Sala Westminster do Palácio do Parlamento de Londres (17 de Setembro de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/39 (2010) 6-7.

- _____, Carta Apostólica *Ubicumque et semper* (21 de Setembro de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/42 (2010) 20-21.
- _____, *Determinados na fé e no bem* - Discurso no encontro com a Cúria Romana para a apresentação de bons votos de Natal (20 de Dezembro de 2010), in *L'Osservatore Romano* 41/52 (2010) 8-10.
- _____, *A consciência, chave para a construção do bem comum* - Discurso no encontro com os representantes da sociedade civil no Teatro Nacional Croata (4 de Junho de 2011), in *L'Osservatore Romano* 42/24 (2011) 4.
- _____, *A razão que segue a fé responde à sua vocação* - Discurso por ocasião da primeira edição do *Prémio Ratzinger* (30 de Junho de 2011), in *L'Osservatore Romano* 42/28 (2011) 7 e 11.
- _____, *Uma política ao serviço do direito e da justiça* - Discurso na visita ao Parlamento federal alemão (22 de Setembro de 2011), in *L'Osservatore Romano* 42/39 (2011) 4-5.
- _____, *Os santos transformam o mundo* - Homília na Santa Missa celebrada na Praça da Catedral de Erfurt (24 de Setembro de 2011), in *L'Osservatore Romano* 42/40 (2011) 10-11.
- _____, Carta Apostólica *Porta Fidei* (11 de Outubro de 2011), in *L'Osservatore Romano* 42/43 (2011) 4-7.
- _____, *Uma maneira nova de ser cristão* - Discurso no encontro com a Cúria Romana para a apresentação de bons votos de Natal (22 de Dezembro de 2011), in *L'Osservatore Romano* 42/52 (2011) 8-9.
- _____, *Sem amor a ciência perde a sua humanidade* - Discurso na visita à sede romana da Universidade do Sagrado Coração por ocasião do cinquentenário de fundação da faculdade de medicina e cirurgia da policlínica *Agostino Gemelli* (3 de Maio de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/18 (2012) 5 e 16.
- _____, *Recomeçemos a partir de Deus* - Discurso na Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana (24 de Maio de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/22 (2012) 10-11.
- _____, *Voltar para Deus* - Audiência geral (17 de Outubro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/42 (2012) 3.
- _____, *À descoberta da arte de viver* - Discurso por ocasião da segunda edição do *Prémio Ratzinger* (20 de Outubro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/43 (2012) 24.
- _____, *O misterioso desejo de Deus* - Audiência geral (7 de Novembro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/45 (2012) 3 e 5.
- _____, *O mundo, o homem e a fé* - Audiência geral (14 de Novembro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/46 (2012) 3 e 6.
- _____, *O bom senso da fé* - Audiência geral (21 de Novembro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/47 (2012) 3 e 5.

- _____, *Como falar de Deus?* - Audiência geral (28 de Novembro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/48 (2012) 3.
- _____, *Quem defende Deus defende o homem* - Discurso no encontro com a Cúria Romana para a apresentação de bons votos de Natal (21 de Dezembro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/51 (2012) 8-9 e 16.
- _____, *Que a paz germine em todos os recantos da terra* - Mensagem *Urbi et Orbi* (25 de Dezembro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/52 (2012) 8.
- _____, *Declaratio* - Discurso por ocasião do anúncio da renúncia ao ministério de bispo de Roma (11 de Fevereiro de 2013), in *L'Osservatore Romano* 44/7 (2013) 1.
- _____, *O Logos tem um coração* - Discurso por ocasião da conclusão dos exercícios espirituais no Vaticano (23 de Fevereiro de 2013), in *L'Osservatore Romano* 44/9 (2013) 7.

II - Obras e outros escritos de Joseph Ratzinger / Bento XVI

- RATZINGER, J., *El Dios de la fe y el Dios de los filósofos* (Madrid: Encuentro 2005 [Original 1960]).
- _____, *Ser cristiano* (Bilbao: Desclée de Brouwer 2009 [Original 1965]).
- _____, *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o Símbolo Apostólico* (Estoril: Princípios 2005 [Original 1968]).
- _____, *Fé e Futuro* (Estoril: Princípios 2008 [Original 1970]).
- _____, *Dios como problema* (Madrid: Cristiandad 1973 [Original 1972]).
- _____, *Dogma e Anúncio* (São Paulo: Loyola 2008 [Original 1973]).
- _____, *El Dios de los cristianos* (Salamanca: Sígueme 2006 [Original 1976]).
- _____, *Escatología. La muerte y la vida eterna* (Madrid: Herder 2008 [Original 1977]).
- _____, *Teoría de los Principios Teológicos. Materiales para una teología fundamental* (Madrid: Herder 2005 [Original 1982]).
- _____, *El camino pascual* (Madrid: BAC 1990 [Original 1983]).
- _____, *Transmisión de la fe y fuentes de la fe*, in *Scripta Theologica* 15/1 (1983) 9-29.
- _____, *A Esperança*, in *Communio* 2/5 (1985) 451-464.

- _____, *Diálogos sobre a fé* (Lisboa: Verbo 2005 [Original 1985]).
- _____, *No Princípio Deus criou o Céu e a Terra* (Cascais: Princípia 2009 [Original 1985]).
- _____, *Europa. Uma herança responsabilizante para os cristãos*, in *Communio* 3/2 (1986) 101-113.
- _____, *Iglesia, ecumenismo y política* (Madrid: BAC 2005 [Original 1987]).
- _____, *Olhar para Cristo. Exercícios de Fé, Esperança e Caridade* (Coimbra: Tenacitas 2006 [Original 1989]).
- _____, *A Igreja e a nova Europa* (Lisboa: Verbo 1994 [Original 1991]).
- _____, *La Bioética en la perspectiva cristiana*, in *Dolentium Hominum* 18 (1991) 10-14
- _____, *Igreja e Europa*, in *Communio* 9/6 (1992) 540-547.
- _____, *Natura e Compito della Teologia* (Milão: Jaca Book 1992).
- _____, *Necessidade da consciência. Liberdade, direito e bem*, in *Communio* 10/5 (1993) 430-434.
- _____, *Verdade - Valores - Poder. Pedras-de-toque da sociedade pluralista* (Braga: Editorial Franciscana 2006 [Original 1993]).
- _____, *Ser cristiano en la era neopagana* (Madrid: Encuentro 2008 [Original 1995]).
- _____, *La fe como camino. Contribución del ethos cristiano en el momento actual* (Barcelona: Ediciones Internacionales Universitarias 1997 [Original 1996]).
- _____, *La sal de la tierra. Cristianismo e Iglesia católica ante el nuevo milénio* (Madrid: Palavra 2009 [Original 1996]).
- _____, *Jesus Cristo hoje. Considerações preliminares: o hoje, o ontem e o eterno*, in *Communio* 14/3 (1997) 202-218.
- _____, *Mi vida. Recuerdos (1927-1977)* (Madrid: Encuentro 1997).
- _____, *Fé, Verdade e Cultura. Reflexões a propósito da Encíclica Fides et Ratio*, in *Communio* 16/5 (1999) 464-472.
- _____, *Introdução ao Cristianismo: ontem, hoje e amanhã - Prefácio à reedição do ano 2000*, in *Introdução ao Cristianismo. Prelecções sobre o Símbolo Apostólico* (Estoril: Princípia 2005 [Original 1968]) 7-19.
- _____, *Deus e o Mundo* (Coimbra: Tenacitas 2005 [Original 2000]).
- _____, *La razón creyente*, in *Revista Española de Teología* 60 (2000) 141-161.
- RATZINGER, J. - d'ARCAIS, P., *Existe Deus? Um confronto sobre verdade, fé e ateísmo* (Lisboa: Pedra Angular 2009 [Original 2000]).

- RATZINGER, J., *A caminho de Jesus Cristo* (Coimbra: Tenacitas 2006 [Original 2003]).
- _____, *Fé, Verdade e Tolerância. O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo* (Lisboa: Universidade Católica Editora 2007 [Original 2003]).
- _____, *A procura da Paz*, in *Communio* 21/3 (2004) 261-272.
- _____, *Europa. Os seus fundamentos hoje e amanhã* (Apelação: Paulus 2005 [Original 2004]).
- RATZINGER, J. - PERA, M., *Sin Raíces. Europa - Relativismo - Cristianismo - Islam* (Barcelona: Península 2006 [Original 2004]).
- RATZINGER, J., *A Europa de Bento na crise de culturas* (Braga: Alêtheia 2005).
- RATZINGER, J. - HABERMAS, J., *Entre razón y la religión. Dialéctica de la secularización* (Madrid: Centzontle 2006 [Original 2005]).
- RATZINGER, J., *Pedimos com insistência ao Senhor para que nos dê um novo Pastor segundo o seu coração - Homília na Santa Missa Pro eligendo Romano Pontifice celebrada na Basílica Vaticana (18 de Abril de 2005), in L'Osservatore Romano 36/17 (2005) 2.*
- BENTO XVI, *Prefacio*, in *Por qué debemos considerarnos cristianos. Un alegato liberal* (Madrid: Encuentro 2010 [Original 2009]) 9-11.
- RATZINGER, J., *El elogio de la conciencia. La Verdad interroga al corazón* (Madrid: Palavra 2010).
- BENTO XVI, *Luz do Mundo – O Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos. Uma conversa com Peter Seewald* (Cascais: Lucerna 2010).
- BENTO XVI, *Crer. Manual de la Fe y de la Vida Cristiana* (Madrid: Romana Editorial 2012).
- RATZINGER, J. - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré. A infância de Jesus* (Cascais: Princípia 2012).

Bibliografia auxiliar

- AIME, O., *Deus Caritas est: l'amore tra teologia e filosofia*, in *Rivista di Teologia Morale* 178 (2013) 183-188.

- ALEJOS, C., *Educar en la fe*, in BLANCO, P. (coordinador), *Benedicto XVI habla sobre Fe y Nueva Evangelización* (Madrid: Palabra 2012) 145-163.
- ALONSO, J., *La metanóia como lógica de la fe*, in *Scripta Theologica* 42 (2010) 585-610.
- _____, *La belleza de creer*, in BLANCO, P. (coordinador), *Benedicto XVI habla sobre Fe y Nueva Evangelización* (Madrid: Palabra 2012) 119-143.
- ASENSI, J., *El ambiente moral europeo, según el Cardenal Joseph Ratzinger*, in *Archivum Historiae Pontificiae* 43 (2005) 263-293.
- _____, *Ética da Fé na obra de Joseph Ratzinger* (Lisboa: Paulus 2007).
- _____, *Una proposta de teología moral de Joseph Ratzinger*, in *Anales Valentinus* 34/68 (2008) 279-293.
- XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *O Evangelho no mundo - Mensagem do Sínodo ao Povo de Deus* (26 de Outubro de 2012), in *L'Osservatore Romano* 43/44 (2012) 6-9.
- BALTHASAR, H., *Ratzinger, il Cardinale coraggioso*, in *La realtà e la gloria. Articoli e interviste* (Milão: Editoriale Italiana 1988) 79-81.
- BELLANDI, A., *Considerazioni sullo statuto epistemologico della teologia negli scritti di Joseph Ratzinger*, in *Vivens homo* 6 (1995) 43-61.
- BELLO, A., *La questione di Dio fra religione, filosofia e fede*, in *Rassegna di Teologia* 49 (2008) 159-167.
- BERTONE, T., *Faltaram os pressupostos para um acolhimento digno - Carta do Secretário de Estado ao Reitor da Universidade de Roma La Sapienza* (16 de Janeiro de 2008), in *L'Osservatore Romano* 39/3 (2008) 6.
- BLANCO, P., *Joseph Ratzinger. Una biografía* (Navarra: Eunsa 2004).
- _____, *Fe, Persona e Iglesia según Joseph Ratzinger*, in *Scripta Theologica* 37/3 (2005) 911-927.
- _____, *Joseph Ratzinger: Razón y Cristianismo* (Madrid: Rialp 2005).
- _____, *La Razón en el Cristianismo. Una reivindicación de Joseph Ratzinger*, in *Scripta Theologica* 37/2 (2005) 643-659.
- _____, *Joseph Ratzinger. Vida y teología* (Madrid: Rialp 2006).
- _____, *Joseph Ratzinger: ética, libertad, verdad*, in *Empresa y Humanismo* 9/2 (2006) 13-42.
- _____, *La transmisión de la fe según Joseph Ratzinger*, in CREMADES, C. - PALOS, C. (coordinadores), *Perspectivas del pensamiento de Joseph Ratzinger* (Valência: EDICEP 2006) 197-114.
- _____, *Logos. Joseph Ratzinger y la historia de una palabra*, in *Revista de Filosofía y Psicología* 14/1 (2006) 57-86.

- _____, *Rapto y rescate. La Europa de Joseph Ratzinger*, in *Nuestro Tiempo* 624/6 (2006) 99-108.
- _____, *Fe, Razón y Amor. Los discursos de Ratisbona*, in *Scripta Theologica* 39/3 (2007) 767-782.
- _____, *La teología de la persona en Joseph Ratzinger*, in SELLÉS, J. (coordinador), *Propuestas antropológicas del siglo XX* (Pamplona: Eunsa 2007) 353-382.
- _____, *La escatología de Joseph Ratzinger*, in *Revista Teológica Limense* 43/3 (2009) 287-310.
- _____, *Razón, Islam y Cristianismo. El debate suscitado por Benedicto XVI*, in *Scripta Theologica* 41/1 (2009) 199-225.
- _____, *La teología de Joseph Ratzinger. Temas centrales*, in *Revista Catalana de Teologia* 36/1 (2011) 257-281.
- _____, *La teología de Joseph Ratzinger. Una introducción* (Madrid: Palabra 2011).
- _____, *El pensamiento teológico de Joseph Ratzinger*, in *Scripta Theologica* 44 (2012) 273-303.
- _____, *Joseph Ratzinger - Benedicto XVI. Un mapa de sus ideas* (Madrid: BAC 2012).
- _____, *La alegría de la fe*, in BLANCO, P. (coordinador), *Benedicto XVI habla sobre Fe y Nueva Evangelización* (Madrid: Palabra 2012) 7-16.
- _____, *Modernidad y posmodernidad*, in BLANCO, P. - GARCÍA, R., (coordinadores), *Benedicto XVI habla sobre Cultura y Sociedad* (Madrid: Palabra 2013) 5-25.
- BLANCO, P. - SÁNCHEZ, E., *Creación y medio ambiente*, in BLANCO, P. - SÁNCHEZ, E., (coordinadores), *Benedicto XVI habla sobre Vida Humana y Ecología* (Madrid: Palabra 2013) 5-15.
- BLANCO, P., *Razón, Cristianismo y Modernidad: ecos de Ratisbona*, in BLANCO, P. - GARCÍA, R., (coordinadores), *Benedicto XVI habla sobre Cultura y Sociedad* (Madrid: Palabra 2013) 113-146.
- BONGIOVANNI, S., *Umanizzare la Ragione. Il particolare e l'universale in una razionalità condivisa*, in *Rassegna di Teologia* 51 (2010) 379-404.
- _____, *La ragione della fiducia. La ricerca dello spirituale nell'uomo*, in *Rassegna di Teologia* 53 (2012) 563-581.
- BURGGRAF, J., *¿Qué Europa queremos? ¿Una sociedad postmoderna, multicultural o fiel a sus raíces?*, in *Scripta Theologica* 40/3 (2008) 839-858.
- CARLI, G., *Fare la Verità nella Carità. Da Joseph Ratzinger a Benedetto XVI* (Milão: Ares 2005).

- CASALE, U. (coordinador), *Fede, Ragione, Verità e Amore. La Teologia de Joseph Ratzinger* (Turim: Lindau 2009).
- _____, *La teología de Ratzinger*, in CASALE, U. (coordinador), *Fe y ciencia. Un diálogo necesario* (Cantabria: Sal Terrae 2011 [Original 2010]).
- CAÑIZARES, J., *Razón y fe en la fundación del comprender. Reflexiones desde el Magisterio de Benedicto XVI*, in *Scripta Theologica* 40/3 (2008) 859-873.
- CIBELLI, E., Nuovi ateismi nel contesto contemporaneo, in *Rassegna di Teologia* 50 (2009) 647-659.
- CLEMENS, J. (coordinador), *Alla scuola della Verità. I settanta anni de Joseph Ratzinger* (Cinisello Balsamo: San Paolo 1997).
- CODA, P., *Sul posto del Cristianesimo nella storia delle religioni: rilevanza e attualità di una chiave di lettura*, in *PATH* 6/1 (2007) 239-253.
- _____, *Rileggendo la lectio magistralis di Benedetto XVI a Ragensburg*, in *Rassegna di Teologia* 50 (2009) 425-454.
- CONIGLIONE, F., *La forza dell'Occidente. Pera, Ratzinger e il relativismo della 'Vecchia Europa'*, in *Il Protagora* 6 (2005) 7-46.
- _____, *Tolleranza e radici cristiane secondo Marcello Pera*, in *Filosofia e discussione pubblica* 58/46 (2005) 603-609.
- _____, *Il sorriso di Crizia. Il relativismo elitario di Marcello Pera*, in CONIGLIONE, F. - LONGO, R. (coordinatori), *La filosofia generosa. Studi in onore di Anna Escher di Stefano* (Roma: Bonanno 2006) 183-201.
- COSENTINO, F., *Postmodernità, ateismo e immagini di Dio*, in *Rassegna di Teologia* 51 (2010) 549-564.
- CORRAL, J., *El declive del aprecio por la vida humana: claves culturales*, in *Scripta Theologica* 44 (2012) 91-113.
- DUNGLAS, D., *Il credo di un ateo amico del Papa*, in *Le Point* 4 (2006) 25-29.
- DUPLÁ, L., *El diálogo entre fe cristiana y razón secularizada: el caso 'Habermas'*, in *Estudios Trinitarios* 39 (2005) 93-102.
- ESLAVA, E., *La razón mutilada. Ciencia, razón y fe en el pensamiento de Joseph Ratzinger*, in *Scripta Theologica* 39/3 (2007) 829-851.
- FERRERAS, A., *Fe cristiana y Nueva Evangelización*, in *Burgense* 53 (2012) 349-388.
- FISICHELLA, R., *La credibilità della rivelazione cristiana*, in *Lateranum* 73/1 (2007) 39-51.
- _____, *Verità, fede e ragione in Joseph Ratzinger*, in *PATH* 6/1 (2007) 27-43.
- _____, *Gesù Cristo rivelatore di Dio*, in *Lateranum* 75/1 (2009) 7-18.

- FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei* (29 de Junho de 2013), in *Acta Apostolicae Sedis* 105/7 (2013) 555-596.
- GARCÍA, R., *Conciencia, Naturaleza y Derechos: discurso en el Bundestag*, in BLANCO, P. - GARCÍA, R., (coordenadores), *Benedicto XVI habla sobre Cultura y Sociedad* (Madrid: Palabra 2013) 173-191.
- GABICAGOGEASCOA, M., *Comentarios a los discursos de Benedicto XVI a la Pontificia Academia de la Vida (2006-2012)*, in BLANCO, P. - SÁNCHEZ, E., (coordenadores), *Benedicto XVI habla sobre Vida Humana y Ecología* (Madrid: Palabra 2013) 201-222.
- GÄNSWEIN, G., *Diritto naturale, Religione e Stato di diritto. I discorsi di Benedetto XVI a Berlino e Londra alla luce del suo pensiero teologico - Intervenção na apresentação da obra La legge di Re Salomone. Ragione e diritto nei discorsi di Benedetto XVI* (30 de Janeiro de 2014), in www.fondazioneratzinger.va/content/fondazioneratzinger/it/news.html (consultado à data de 17 de Junho de 2014) 1-7.
- _____, *I discorsi politici di Benedetto XVI nei suoi viaggi apostolici all'estero - Intervenção nas Jornadas de Estudo I viaggi dei Papi tra diplomazia e comunicazione* (5 de Junho de 2014), in www.fondazioneratzinger.va/content/fondazioneratzinger/it.html (consultado à data de 17 de Junho de 2014) 1-7.
- GEISLER, H., *John Henry Newman - Doutor da consciência* (24 de Setembro de 2011), in *L'Osservatore Romano* 42/39 (2011) 8-9.
- GONZÁLEZ, A., *En busca de la naturaleza perdida. Estudios de bioética fundamental* (Pamplona: Eunsa 2000).
- GROTIUS, H., *Le Droit de la Guerre et de la Paix* (Paris: Léviathan 1999 [Original 1625]).
- GUTIÉRREZ, C., *Presupuestos de la teología de Joseph Ratzinger*, in *Ecclesia* 2 (2007) 215-225.
- GUTIÉRREZ, P., *Conciencia y objeción de conciencia* (Madrid: Palabra 2010).
- ILLANES, J., *Iglesia, sociedad y política según Joseph Ratzinger*, in *PATH* 6/1 (2007) 221-238.
- LORENZETTO, S., *Ratzinger riprenderà la bandiera dell'Europa*, in *Corriere della Sera* (29-Abril-2005) 7-12.
- LUNO, Á., *Relativismo, Verdad y Fe*, in *Romana - Boletín de la Prelatura de la Santa Cruz y Opus Dei* 42 (2006) 150-159.
- MALNATI, E., *Ragione e fede: necessaria sinergia per un encontro profícuo tra le culture*, in *Rivista teologica di Lugano* 12/1 (2007) 101-114.
- MARTÍNEZ-CARBONELL, A., *Fundamentación teológica y jurídica de la dignidade humana*, in BLANCO, P. - SÁNCHEZ, E., (coordenadores), *Benedicto XVI habla sobre Vida Humana y Ecología* (Madrid: Palabra 2013) 185-200.

- MOROS, E., *La importancia de la verdad. Análisis de siete obras recientes sobre la verdad*, in *Scripta Theologica* 39/3 (2007) 889-910.
- MÜLLER, G., *La fede come fondamento dell'esperienza cristiana*, in *Studia Patavina* 60 (2013) 401-414.
- _____, *Um remédio eficaz contra a tristeza de Babel - Apresentação da Carta Encíclica Lumen Fidei*, in *L'Osservatore Romano* 44/27 (2013) 4, 16.
- O'CALLAGHAN, P., *El testimonio de Cristo y de los cristianos. Una reflexión sobre el método teológico*, in *Scripta Theologica* 38/2 (2006) 501-568.
- _____, *La relación entre modernidad y evangelización*, in *Scripta Theologica* 45 (2013) 41-64.
- PASCUAL, R., *La pretensión de verdad del cristianismo a la luz del pensamiento de Joseph Ratzinger*, in *Alpha Omega* 13/3 (2010) 377-391.
- PELÁEZ, R., *Caritas in Veritate: una respuesta luminosa para tiempos de crisis*, in *Studium Legionensis* 51 (2010) 103-128.
- PERA, M., *Democrazia e Cristianesimo non sono miti*, in *Corriere della Sera* (19-Outubro-2005) 7-10.
- _____, *Por qué debemos considerarnos cristianos. Un alegato liberal* (Madrid: Encuentro 2010 [Original 2009]).
- _____, *Uma proposta que deve ser aceite*, in RATZINGER, J., *A Europa de Bento na crise de culturas* (Braga: Alêtheia 2005) 7-15.
- PICCOLO, G., *Gli argomenti dei nuovi atei*, in *Rassegna di Teologia* 53 (2012) 125-133.
- PIÉ-NINOT, S., *Líneas centrales del discurso de Benedicto XVI en Ratisbona*, in *Anales Valentinus* 65 (2007) 1-10.
- POPPI, A., *Sulla dittatura del relativismo*, in *Sapienza* 58/4 (2005) 465-474.
- POZO, G., *Contemplar el rostro de Dio sen el rostro de Cristo: la teología existencial de Joseph Ratzinger*, in *Revista Española de Teología* 69/4 (2009) 547-583.
- PRADES, J., *El Dios de Jesucristo en Joseph Ratzinger*, in *Revista Española de Teología* 69/4 (2009) 625-642.
- RETEGUI, A., *Joseph Ratzinger*, in *Gran Enciclopedia Rialp* (Madrid: Rialp 1987) 1064-1066.
- RODRÍGUEZ, F., *Logos en la teología de Joseph Ratzinger. La argumentación racional del sistema teológico*, in *Senderos* 95 (2010) 35-72.
- ROMERO-POSE, E., *El pensamiento sobre Europa del Cardenal Joseph Ratzinger*, in *Revista Española de Teología* 3 (2005) 301-350.
- ROSA, G., *Legge naturale e relativismo etico*, in *La Civiltà Cattolica* 159 (2008) 167-170.

- ROVERI, A., *La conversione di Marcello Pera al Cattolicesimo*, in *Il Ponte* 1 (2009) 17-21.
- ROWLAND, T., *La fe de Ratzinger: La teología de Benedicto XVI* (Granada: Nuevo Inicio 2008).
- RUINI, C., *Verità di Dio e verità dell'Uomo. Benedetto XVI e le grande domande del nostro tempo* (Siena: Cantagalli 2007).
- RUIZ-ALDAZ, J., *¿Es cristiano deshelenizar el cristianismo?*, in *Scripta Theologica* 39/3 (2007) 801-828.
- SABETTA, A., *Rivelazione Cristiana e Ragione*, in *Rassegna di Teologia* 50 (2009) 138-146.
- SÁNCHEZ, E., *El ocaso de la teleología en la naturaleza humana: una clave de la crisis bioética según Ratzinger*, in *Scripta Theologica* 45 (2013) 667-693.
- _____, *Fundamentación ético-antropológica*, in BLANCO, P. - SÁNCHEZ, E., (coordinadores), *Benedicto XVI habla sobre Vida Humana y Ecología* (Madrid: Palabra 2013) 159-184.
- SÁNCHEZ-MIGALLÓN, S., *El Logos del amor en Caritas in Veritate: un acercamiento filosófico a su comprensión*, in *Scripta Theologica* 42 (2010) 139-158.
- SARTOR, P., *La proposta della fede nelle omelie di Benedetto XVI*, in *La Scuola Cattolica* 141/1 (2013) 11-35.
- SCARAFONI, P., *La persona nel pensiero teologico di Joseph Ratzinger*, in *PATH* 6/1 (2007) 141-160.
- SEBASTIÁN, F., *Porta Fidei, Fe y Evangelización*, in BLANCO, P. (coordinador), *Benedicto XVI habla sobre Fe y Nueva Evangelización* (Madrid: Palabra 2012) 165-189.
- SOTTOPIETRA, P., *Joseph Ratzinger: neoilluminista*, in *Revista Española de Teología* 69 (2009) 585-623.
- TORNIELLI, A., *O Papa Bento XVI. O Guardião da Fé* (Lisboa: Presença 2005).
- TOSATTI, M., *Dicionário do Papa Ratzinger. Guia para o Pontificado* (Lisboa: Paulus 2006 [Original 2005]).
- TREMBLAY, R., *Deus Caritas est: per una teologia ed etica dell'amore*, in *Rivista di Teologia Morale* 178 (2013) 177-181.
- TURA, R., *La teologia di Joseph Ratzinger. Saggio introduttivo*, in *Studia Patavina* (1974) 162-177.
- VIGINI, G., *Guia para a leitura da obra de Joseph Ratzinger - Bento XVI* (Cascais: Lucerna 2012).
- VIGO, A., *Cristianismo y opción por el Logos*, in *Scripta Theologica* 39/3 (2007) 853-861.

- WALSH, D., *La Persona como núcleo de la Nueva Evangelización*, in BLANCO, P. - GARCÍA, R. (coordinadores), *Benedicto XVI habla sobre Cultura y Sociedad* (Madrid: Palabra 2013) 147-172.
- WIEDENHOFER, S., *Igreja e Europa na teologia de Joseph Ratzinger*, in *Communio* 26/4 (2009) 489-508.
- ZAMBONI, S., *Il magistero di Benedetto XVI. Alcune linee teologico-morali*, in *Rivista di Teologia Morale* 178 (2013) 169-175.

Bibliografía complementar

- ARANDA, A., *Una nueva evangelización. ¿Cómo acometerla?* (Madrid: Palabra 2012).
- ARDUSSO, F., *Essere responsabili della fede*, in *Rassegna di Teologia* 46 (2005) 301-308.
- CANEVA, C., *La sfida del post-umano. Verso nuovi modelli di esistenza?*, in *Rassegna di Teologia* 46 (2005) 269-287.
- CANTALAMESSA, R., *Horizontes para uma Nova Evangelização* (Lisboa: Paulus 2012).
- CARRÓN, J., *¿Qué significa ser cristiano hoy?* (Madrid: Encuentro 2011).
- FISICHELLA, R., *A fé como resposta de sentido. Abandonar-se ao Mistério* (Prior Velho: Paulinas 2006 [Original 2005]).
- _____, *A Nova Evangelização. Um desafio para sair da indiferença* (Lisboa: Paulus 2012).
- FOSSION, A., *Annuncio e proposta della fede oggi. Questioni e sfide*, in *La Scuola Cattolica* 140/3 (2012) 291-313.
- GIBELINI, R., *Cristianesimo e teologia davanti al pluralismo culturale*, in *Rassegna di Teologia* 48 (2007) 325-341.
- GUGLIELMI, G., *Indifferenza religiosa e differenziazione della coscienza*, in *Rassegna di Teologia* 48 (2007) 549-571.
- KÖRNER, B., *La transmisión de la fe e luz de la Nueva Evangelización*, in *Scripta Theologica* 40 (2008) 89-105.
- MONGE, M., *Fe y nueva evangelización* (Madrid: BAC 2013).

- PELLITERO, R., *La fuerza del testimonio cristiano*, in *Scripta Theologica* 39 (2007) 367-402.
- PONTIFICIO CONSIGLIO PER LA PROMOZIONE DELLA NUOVA EVANGELIZZAZIONE, *Enchiridion della Nuova Evangelizzazione. Testi del Magistero pontificio e conciliare 1939-2012* (Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana 2012).
- RENAUD, M., *Fé cristã e sociedade europeia*, in *Communio* 3/2 (1986) 156-167.
- ROSSETTI, C., *L'Europa al bivio tra apostasia e fraternità*, in *Rassegna di Teologia* 49 (2008) 341-356.
- RUSSO, A., *Laicità e pluralismo religioso*, in *Rassegna di Teologia* 47 (2006) 45-67.
- SCHOCKENHOFF, E., *Fede e libertà umana*, in *Rassegna di Teologia* 53 (2012) 476-489.
- SEVESO, B., *Cristiani in Europa. Sulle tracce di un riorientamento*, in *Teologia – Rivista della Facoltà Teológica dell'Italia Settentrionale* 38 (2013) 215-239.
- TOMMASI, R., *La vocazione ecclesiale e dialogale della teologia cristiana*, in *Studia Patavina* 60 (2013) 283-291.
- VENDEMIATI, A., *L'amore cristiano, criterio e norma delle relazioni interpersonali*, in *Euntes Docete* 60/1 (2007) 33-48.
- ZUCCARO, C., *La centralità dell'amore nella vita morale del cristiano*, in *Euntes Docete* 60/1 (2007) 211-225.

ÍNDICE

<u>INTRODUÇÃO</u>	1
-------------------------	---

CAPÍTULO PRIMEIRO

Joseph Ratzinger / Bento XVI: <i>Cooperador da Verdade</i>	4
--	---

1.1. Joseph Ratzinger, teólogo e Papa	4
---	---

1.1.1. Princípios teológicos	6
------------------------------------	---

1.1.2. Linhas orientadoras do pontificado	8
---	---

1.2. Propondo ao mundo caminhos de <i>Verdade</i>	9
---	---

1.2.1. Um peculiar conjunto de escritos.....	10
--	----

1.2.1.1. Discurso na visita à sede romana da Universidade do Sagrado Coração por ocasião da inauguração do Ano Académico (25 de Novembro de 2005).....	11
---	----

1.2.1.2. Discurso no encontro com os representantes do mundo científico e cultural da Baviera na Aula Magna da Universidade de Regensburg (12 de Setembro de 2006)	12
---	----

1.2.1.3. Discurso preparado para a visita à Universidade de Roma <i>La Sapienza</i> (17 de Janeiro de 2008).....	15
--	----

1.2.1.4. Discurso na visita à <i>Catholic University of America</i> de Washington (17 de Abril de 2008).....	17
--	----

1.2.1.5. Discurso na visita à sede da Organização das Nações Unidas (18 de Abril de 2008).....	19
---	----

1.2.1.6. Discurso no encontro com o mundo da cultura no <i>Collège des Bernardins</i> de Paris (12 de Setembro de 2008)	21
1.2.1.7. Discurso no encontro com o mundo da cultura de Portugal no Centro Cultural de Belém (12 de Maio de 2010).....	23
1.2.1.8. Discurso no encontro com o mundo político, económico e cultural britânico na Sala Westminster do Palácio do Parlamento de Londres (17 de Setembro de 2010)	24
1.2.1.9. Discurso no encontro com os representantes da sociedade civil no Teatro Nacional Croata (4 de Junho de 2011).....	26
1.2.1.10. Discurso por ocasião da primeira edição do <i>Prémio Ratzinger</i> (30 de Junho de 2011).....	27
1.2.1.11. Discurso na visita ao Parlamento federal alemão (22 de Setembro de 2011)	29
1.2.1.12. Discurso na visita à sede romana da Universidade do Sagrado Coração por ocasião do cinquentenário de fundação da faculdade de medicina e cirurgia da policlínica <i>Agostino Gemelli</i> (3 de Maio de 2012).....	34
1.2.2. Conclusões preliminares.....	35

CAPÍTULO SEGUNDO

<i>O Logos é a Verdade</i>	38
2.1. A recusa do <i>Logos</i> como recusa da <i>Verdade</i>	38
2.1.1. O Iluminismo moderno e o relativismo contemporâneo	41
2.1.1.1. Dois eclipses inevitáveis	43
2.1.1.2. Uma profunda crise cultural	45
2.1.2. <i>Etsi Deus daretur</i> : indo contracorrente	48
2.1.2.1. A proposta de um <i>Iluminismo pós-moderno</i>	50
2.1.2.2. A restauração do <i>ethos</i> e o fomento de uma <i>ecologia humana</i>	53
2.1.3. O testemunho de Marcello Pera.....	56

2.2. <i>Logos e Verdade: a questão fundamental</i>	59
2.2.1. <i>Logos e Verdade</i>	61
2.2.2. Razão, liberdade e verdade	64
2.2.3. Na senda do Beato John Henry Newman	65
2.2.4. Conclusões preliminares.....	72

CAPÍTULO TERCEIRO

Acreditamos na <i>Verdade</i>	74
3.1. Cristianismo: <i>a religião do Logos</i>	74
3.1.1. A credibilidade da fé no <i>Logos-Verdade/Amor</i>	77
3.1.2. O sentido eclesial da fé no <i>Logos-Verdade/Amor</i>	82
3.2. O conhecimento da <i>Verdade</i> e do <i>Amor</i>	85
3.2.1. Fé e verdade	89
3.2.2. O caminho mais autêntico de humanidade	93

<u>CONCLUSÃO</u>	98
------------------------	----

<u>BIBLIOGRAFIA</u>	101
---------------------------	-----

Bibliografia principal	101
I - Escritos pontifícios de Bento XVI	101
II - Obras e outros escritos de Joseph Ratzinger / Bento XVI	105
Bibliografia auxiliar	107
Bibliografia complementar	114